

JANETHE FONTES

Últimas do Silêncio

Violentada sexualmente, ela preferiu manter o silêncio. Porém, o preço do seu silêncio pode ter lhe custado alto demais...



Janethe Fontes

Vítimas do Silêncio

Edição Digital

2013

Diagramação

letraimprensa.com.br

Capa

André Siqueira

Revisão

Priscila Loyola

Copyright (C) 2013 Janethe Fontes

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

À vida e aos meus filhos:
Eduardo Felipe e Emile Vitória,
minhas verdadeiras fontes de inspiração.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos à juíza Ana Cláudia dos Santos, por seus toques jurídicos, observando que quaisquer erros ou omissões são exclusivamente meus.

Quero agradecer ainda aos meus parentes e aos diversos amigos, virtuais e físicos, pela leitura do manuscrito, pelos comentários e também pelo generoso apoio.

Enfim, quero agradecer a todos de minha família, por aguentar minhas frequentes crises de insegurança, por nunca duvidar e, como sempre, pelo amor e pela força que me dão. Amo vocês.

Prólogo

A história que você vai ler é apenas uma obra de ficção. ENTRETANTO... diariamente, milhares de meninas e mulheres em todo o mundo são violentadas ou mutiladas tanto física como psicologicamente, e, na maioria vezes, seus agressores são pessoas próximas, como pai, irmão, padrasto, vizinho, amigo, etc.

Espero, do fundo do meu coração, que um dia tanto homens quanto MULHERES sejam respeitados como seres humanos providos de desejo, de vontades próprias e não sejam mais submetidos a humilhações e violências descabidas como o estupro e outros...

...Esse é apenas um “grito de alerta” para quebrar o silêncio que paira sobre mulheres no mundo todo que, por medo ou vergonha, são “vítimas do silêncio”.

Janethe Fontes

Capítulo Um

Julho de 1988...

O motorista estacionou na tranquila rodoviária de Caxias do Sul e aguardou, pacientemente, que os passageiros descessem. Uma passageira não desceu e ele foi ver o que estava acontecendo.

— Você está se sentindo bem, mocinha?

Não houve resposta.

O motorista tocou no ombro da jovem.

— Moça... Moça...

Margarida Esteves foi arrancada subitamente de seus pensamentos.

— O que houve?

— Chegamos — avisou o motorista. — Está tudo bem?

Embora estivesse com os olhos vermelhos de tanto chorar, ela balançou a cabeça em sinal positivo, antes de pegar duas pequenas malas no bagageiro e descer.

Em seguida, dirigiu-se aos guichês. Faltava pouco mais de uma hora para o próximo ônibus com destino a Gramado sair, dissera-lhe a entediada atendente. Por isso, ela comprou uma revista e se acomodou em um banco, na vã esperança de que a leitura pudesse lhe trazer um pouco de serenidade. E, mais uma vez, as lembranças do momento em que se despedira da família afloraram em sua mente, e seus olhos se encheram d'água outra vez.

— *Promete que vai voltar logo?* — solicitou a irmã, abraçando-a em seguida.

Ela sentiu um forte aperto no peito.

— *Gostaria de lhe prometer isso... Mas só posso dizer que a amo e que escreverei sempre que puder.*

Embora tivesse consciência de que sua irmã fosse jovem demais para compreender, Margarida preferiu ser sincera, pois sabia que não poderia prometer que voltaria logo. Afinal, a única certeza que seu coração tinha, naquele momento, era a de que precisava partir e encontrar um refúgio, até que um dia pudesse voltar para casa. Se é que um dia poderia voltar, pensou com amargura, antes de partir.

A despedida com a mãe também fora repleta de emoção. No entanto, no fundo de seu coração, Margarida não conseguia esconder de si mesma que a mãe, de certa forma, fora culpada por tudo o que estava passando... por toda sua angústia, por todo o seu tormento...

Um senhor se aproximou de repente e, novamente, ela foi arrancada de seus pensamentos.

— Boa tarde. Precisa de táxi?

— Não — respondeu, disfarçando as lágrimas no mesmo instante. — Obrigada.

Ele sorriu gentilmente, mas ela fora incapaz de retribuir o sorriso. E quando

o ônibus chegou, acomodou-se no último banco. Tudo o que precisava era permanecer quieta, para controlar a ansiedade que comprimia seu coração.

A passageira ao seu lado, porém, não parecia muito disposta a deixá-la quieta.

— Está fazendo muito frio hoje.

— É verdade — respondeu Margarida, apenas para não parecer indelicada.

Depois, encostou a cabeça no banco e ficou observando a maravilhosa paisagem que apontava à sua janela. Quem sabe assim conseguisse relaxar.

Durante a madrugada, geara nas serras gaúchas, mas, apesar do frio persistir, o sol voltara a brilhar no início da manhã, e a imagem que se tinha, dos montes verdes e irregulares brilhando sob os últimos raios solares, era a de um cartão-postal.

— Esta é a primeira vez que vou a Nova Petrópolis...

Era também a primeira vez que Margarida ia à cidade conhecida como “coração” da Região das Hortênsias: Gramado. Mas ela nada comentou, justamente para abreviar aquela conversa. No entanto, a mulher continuou a falar por todo o caminho, e apenas reduziu a conversa monóloga e ininterrupta quando chegou ao seu destino.

Neste instante, Margarida estremeceu. A próxima parada seria em Gramado.

— Adeus — disse a mulher, sem atentar ao desespero da jovem ao seu lado.

Margarida acenou ligeiramente. Depois ficou observando o ônibus se afastar aos poucos da estação rodoviária da pitoresca cidade de Nova Petrópolis, enquanto sua mente especulava, mais uma vez, como seria recebida pelos tios e pelos primos... se eles ainda se lembrariam dela. Afinal, da última vez que eles a viram, ela era apenas uma criança. Mas agora era uma mulher, pensou, apesar de mal ter completado dezessete anos.

Alguns minutos depois, o ônibus ultrapassou os dois pórticos de entrada de Gramado e estacionou na rodoviária da cidade. Ela fez um sinal da cruz e se levantou. Em seguida, se dirigiu a um ponto de táxi. Teria preferido ir a pé, mas, como já passavam das cinco horas da tarde e ela não conhecia a cidade, não quis se arriscar.

O taxista estacionou em frente a um sobrado de telhado pontudo e rodeado por uma cerca de madeira com um pequeno portão.

— Chegamos, senhorita.

Ela estremeceu novamente e, por impulso, quase pediu para o motorista levá-la de volta à rodoviária. Mas, no fundo, sabia que não poderia voltar. Não havia para onde voltar.

— Obrigada.

No momento em que ela levou a mão à campainha, uma jovem de aproximadamente dezoito anos, com cabelos castanhos e bastante magra, surgiu à porta da frente. Margarida reconheceu de imediato a prima, mas isso não foi recíproco.

— Pois não?

— Oi, a Vânia está?

A jovem observou-a por um instante; em seguida, respondeu, com um sotaque quase cantante:

— Não. Ela não está. Quem gostaria?

— Sou eu, a Guida, sua prima. Não se lembra de mim?

Os lábios da jovem se entreabriram em surpresa, antes que ela corresse para o portão com os braços abertos.

— Guida! Bah! Que surpresa maravilhosa! — e envolveu a prima num abraço afetuoso. — Que coisa boa rever-te!

— Obrigada! — respondeu Margarida.

— E tua mãe, tua irmã...? — quis saber Lígia. — Elas também vieram?

— Não, não. Eu... Elas não vieram. Eu vim sozinha mesmo.

Com um sorriso enorme no rosto, Lígia passou o braço pelos ombros da prima.

— Então vamos entrar, guria.

Assim que Margarida se acomodou no sofá próximo à lareira quentinha, outra jovem apareceu. Era Bete, a caçula da casa, muito parecida com a irmã, apesar de ter cabelos compridos encaracolados e ser um pouco mais baixa e encorpada.

Porém, as semelhanças ou diferenças entre as duas irmãs não paravam por aí, pois enquanto Lígia era muito extrovertida, puxava assunto a todo instante e demonstrava-se ansiosa por saber como era a vida agitada das pessoas em São Paulo, Bete mantinha-se um tanto distante. Era um comportamento estranho, mas, no momento, a prima caçula era o que menos preocupava Margarida. Tudo o que ela precisava saber era onde estariam seus tios, e se eles permitiriam que ela ficasse ali. Enquanto não conseguisse essa resposta, não conseguiria relaxar.

Ela fez menção de perguntar, porém Lígia comentou que os pais estavam viajando.

— Mas não te preocupe — completou a jovem, ao perceber a ansiedade da prima. — Eles chegarão esta noite.

E a noite chegou, e, junto com ela, o cansaço. Por isso Margarida acabou adormecendo profundamente, apesar da ansiedade imensa que ainda dominava seu coração. Já era quase meia-noite quando despertou, com sacudidelas e sussurros.

Ela abriu os olhos e se defrontou com o rosto de uma mulher branca, de aproximadamente quarenta anos e estatura mediana.

— Como vai, Guida? — perguntou Vânia, após envolvê-la num abraço apertado.

— Melhor agora, tia.

A seguir, surgiu também um homem alto, forte, pele morena e expressão fechada.

— Olá, guria. Como foi de viagem?

— Bem, tio Jonas. Graças a Deus.

— Ainda te lembras de mim? — perguntou um rapaz, que surgira subitamente e ela nem percebera.

A primeira e última vez que Margarida vira o primo fora no velório de seu pai. Ela tinha apenas sete anos de idade, mas era impossível não lembrar daquele garotinho feio, chato e indisciplinado que não parava quieto nem por um minuto sequer.

— Claro que lembro! — comentou, embora o rapaz sorridente à sua frente em nada se parecesse ao garotinho feinho e irreverente que fora outrora.

Marcos havia se tornado um belo rapaz, alto e de pele morena bronzeada pelo sol, com lábios carnudos e cabelos castanhos. A pele morena constringia com seus olhos verdes.

Durante mais ou menos uma hora, Margarida conversou a sós com sua tia. Tentou explicar-lhe o porquê de estar ali, sem, contudo, revelar o verdadeiro motivo. Contou apenas que não estava se dando bem com o padrasto e que não queria atrapalhar a vida amorosa de sua mãe, por isso precisava muito de um lugar para morar até que conseguisse se ajeitar.

Vânia procurou ser discreta e, não obstante ter percebido que alguma coisa tivesse sido omitida, não fez perguntas e aceitou que a jovem ficasse em sua casa.

Margarida a abraçou emocionada.

— Muito obrigada, tia. Eu lhe serei grata por toda a minha vida.

O primeiro mês que Margarida passou em Gramado se destacou como um dos mais felizes de sua vida. Sua tia e primos a tratavam bem e isso fazia com que experimentasse uma sensação nova de alegria. Sensação essa que há muito tempo não sentia.

À medida que o tempo foi passando, porém, ela já não tinha mais tanta certeza se havia motivos para se sentir assim. Durante todo aquele tempo, havia se esforçado bastante para se tornar amiga de todos, mas algumas atitudes de Bete a deixavam chateada. Bete somente a tratava com cordialidade quando precisava que ela fizesse alguma coisa para ela, sobretudo o serviço da casa. Fora isso, o tratamento era frio e distante.

Todavia, a amizade que desenvolvera com Lígia e também com Marcos compensava tudo, pensava Margarida. O primo, além de grande amigo, fazia com que ela se sentisse maravilhosamente bem. Sentia-se tão bem que, por vezes, perguntava a si mesma sobre quais seriam seus reais sentimentos por ele.

A verdade era que Margarida estava apavorada com a possibilidade de apaixonar-se por Marcos. Afinal, além de sua experiência com o sexo masculino ter sido a pior possível, ele estava noivo. Apesar disso, dia após dia, tornava-se cada vez mais difícil evitar uma possível paixão, mesmo que estivesse se esforçando muito para que isso não acontecesse.

Marcos, por seu lado, igualmente se apavorava com a ideia de estar se

apaixonando por Guida. Mesmo assim, não conseguia tirá-la de sua cabeça nem por um instante sequer. E até durante o sono, não conseguia libertar-se da prima. Tinha os sonhos mais malucos e delirantes com ela, como jamais tivera com outra mulher, e isso o assustava cada vez mais.

O que está acontecendo comigo?, perguntava-se. *Olívia está estudando em Londres e eu aqui pensando em outra... Mas como posso não pensar em Guida? Ela é a pessoa mais fascinante que eu conheci em toda a minha vida...*

— No que está pensando, meu filho?

Marcos lançou um olhar para Vânia, antes de fechar o livro no qual havia mais de uma hora tentava se concentrar e ler. *Há quanto tempo sua mãe estava ali, encostada no umbral da porta de seu quarto, observando-o?*

— Como? Ah, sim, eu... eu...

— O que está acontecendo contigo, querido? Tens estado tão distraído!

— Distraído? Eu? Ao contrário, mãe. Eu estava pensando nas provas do vestibular.

Vânia não disse nada. Apenas se aproximou e se sentou na beirada da cama, enquanto pensava numa forma de iniciar um assunto que havia dias que tentava abordar.

— Querido, tu sabes o quanto teu pai e eu ficamos felizes por seu noivado com a Olívia. Não sabes?

Marcos suspirou. *Lá vamos nós de novo.*

— Sim, mãe. Eu sei.

— E sabes também que os sentimentos da família dela são recíprocos.

— Por que falar disso agora, mãe? Não vê que estou estudando?

Vânia manteve-se controlada, embora sua frustração fosse mais do que evidente.

— Marcos, me responde com toda sinceridade: tu estás sentindo alguma coisa por tua prima?

A pergunta o pegou de surpresa, mas ele tentou disfarçar.

— Prima?! Que prima?

— Tua prima Guida — disse ela, fitando-o nos olhos.

— Que ideia, mãe! Claro que não. Somos apenas bons amigos.

Vânia sempre soube que os olhos são os espelhos da alma e jamais mentem. Por isso, ela não questionou mais nada, já tinha obtido a resposta que tanto temia nos olhos do filho.

E, naquela mesma noite, Marcos sonhou outra vez com a prima. Em seu sonho, ela entrava em seu quarto, totalmente despida e envolvida por uma aura. Ele a observou aproximar-se vagarosamente de sua cama e depois, num movimento suave, estender-se sobre o seu corpo...

Quando acordou, percebeu que havia ejaculado e sentiu-se envergonhado consigo mesmo pela situação física na qual se encontrava.

— *O que está acontecendo comigo? Que loucura é essa?*

Capítulo Dois

Meses depois...

Da varanda do sobrado, Margarida contemplava solitária aquela linda noite de véspera de Ano Novo, enquanto a brisa agitava seus cabelos e seu coração apertava de saudade. Mas ela prometera a si mesmo que não iria chorar, como acontecera na noite de Natal.

Marcos aproximou-se devagar e, por alguns segundos, contemplou a imagem encantadora da mulher à sua frente.

— Pareces triste. Saudade da família?

Ela tentou controlar uma lágrima que insistia em querer cair, antes de virar-se para ele. Não queria que o primo ou qualquer outra pessoa a visse chorando.

— Nunca passei tanto tempo longe da minha mãe e da minha irmã — A lágrima rolou antes que pudesse conter. Ela passou as mãos pelo rosto e enxugou-o rapidamente. — Desculpe. Não tenho o direito de estragar sua noite de Ano Novo. Sou mesmo uma boba.

Marcos teve vontade de abraçá-la, de acolhê-la em seu peito.

— Acho que seria impossível que tu conseguisses estragar a noite de alguém.

— Obrigada. Você é muito gentil.

Ele se aproximou um pouco mais, sentindo um impulso tão intenso de tocar nos cabelos dela que, antes mesmo que pudesse dominar-se, já havia erguido a mão. Porém, disfarçou e passou a mão pelos próprios cabelos quando Lígia se aproximou de repente e perguntou:

— E aí, guria, tu não vais ao clube?

Margarida teve um sobressalto e automaticamente levou uma das mãos ao peito. Não havia percebido o momento que a prima se aproximara.

— Que susto, Lígia! Quase me matou do coração.

— Bah! Tu precisas controlar melhor teu coração, tchê — comentou Lígia, em tom de brincadeira.

Margarida quase sorriu agora. Ainda não tinha se acostumado com a maneira estridente e cantante da prima falar.

— E então, tu vais ou não te arrumar? Estás atrasada.

— Claro que vou — respondeu ela, esboçando um leve sorriso.

— Pois então vamos logo, tchê!

Enquanto as primas conversavam eufóricas sobre o clube no qual passariam a noite de Réveillon, Margarida experimentava um vestido longo branco que Lígia lhe emprestara.

— Bah, a peça caiu como uma luva em teu corpo — disse Lígia. — Parece até que foi feito pra ti.

— Obrigada. Também gostei muito — comentou Margarida —, mas...

— O que foi?

— Não, nada.

— Fala logo, guria.

Margarida girou mais uma vez para se ver no espelho da penteadeira. O decote das costas do vestido não era muito acentuado, mesmo assim ela estava incomodada.

— Sei lá. Não está muito decotado?

— Deixe de ser careta, guria — reclamou Bete, antes que Lígia comentasse qualquer coisa.

Talvez ela estivesse mesmo exagerando, pensou Margarida, enquanto realçava o olhar com um lápis. Ainda assim, fez questão de deixar os cabelos soltos, para disfarçar um pouco o decote.

Lígia também estava toda de branco, num vestido longo de muito bom gosto. Mas Bete, como fazia o estilo “menina atrevida”, usou um macacão verde bem decotado e abusou da maquiagem.

Jonas reclamou da roupa de Bete durante quase todo o caminho, mas ela não esquentou nem um pouco com isso.

Bexigas brancas em forma de arco ornamentavam a porta de entrada do clube mais badalado e chique da cidade. Também na porta de entrada, dois recepcionistas vestidos a caráter cordialmente cumprimentavam a todos com um “Feliz Ano Novo!”.

— Não te disse que este lugar é demais?! — comentou Lígia baixinho com Margarida, assim que todos se acomodaram à mesa.

— Tem razão — respondeu, enquanto observava os casais que dançavam animadamente no tablado ao fundo do salão. — Tem toda razão.

— Bah! E tu nem imaginas os gatinhos que têm por aqui — disse Bete, depois que os pais e Marcos se espalharam pelo salão, a fim de cumprimentar os amigos.

Meio tímida, Margarida limitou-se a sorrir sutilmente, enquanto as primas faziam planos de ataque aos “gatos” da festa. Mas, minutos depois, já se sentia completamente à vontade. E as três estavam às gargalhadas quando Marcos se aproximou da mesa e lhes perguntou:

— Estão se divertindo muito?

— Por quê? — perguntou Lígia, em tom de brincadeira. — Estás com ciúme?

— Só um pouquinho — tornou ele com um sorriso. Depois, olhou para Margarida e perguntou: — Vamos dançar?

Ela hesitou por um momento.

— Eu? ...Não sei dançar muito bem.

— Não tem problema. Eu te ensino.

Ela hesitou por mais algum momento, antes de estender a mão delicada e deixar-se conduzir até a pista de dança.

— Estás deslumbrante hoje. — Ele comentou, após envolvê-la pela cintura.

— Obrigada. — O rosto dela enrubesceu. — Você também está muito elegante.

Uma vontade quase incontrollável de beijá-la o dominou no momento em que os corpos se encontraram, mas ele ordenou a si mesmo para não fazer isso. *Calma, Marcos, muita calma. Não vá fazer nenhuma besteira.* À medida, porém, que os corpos se roçavam ao som da melodia romântica, que o perfume de Margarida envolvia todos os seus sentidos, ficou cada vez mais difícil manter o controle. Por isso, quando Marcos deu por si, já estava acariciando a pele macia das costas da prima.

— Lígia, onde está a Bete? — quis saber Vânia, assim que retornou à mesa.

— Acabou de sair. Foi dar umas voltas. E por falar nisso, onde a senhora estava?

— Estava conversando com algumas amigas.

— E o papai?

— Está com Dora e Ruy.

Lígia quase se engasgou com o petisco que tinha acabado de levar à boca. Ela já havia percebido a troca de carinhos entre o irmão e a prima. *Ai, Jesus, isso vai dar uma encrenca danada,* pensou.

— Os pais de Olívia estão aqui?

— Sim, estão. Por que a surpresa?

— Quem disse que fiquei surpresa? Foi só impressão tua.

Vânia não se convenceu e automaticamente procurou, com os olhos, por Margarida e Marcos.

— Onde está teu irmão?

— Dançando — respondeu Lígia, e logo depois tentou mudar de assunto. — A festa está maravilhosa, não achas?

— Dançando com quem? — Vânia exigiu saber.

A jovem se irritou. A mãe, às vezes, era possessiva demais em relação aos filhos.

— O quê que há, mãe? Será que o Marcos não pode sequer dançar?

Vânia continuou procurando pelo filho e pela sobrinha, e, ao encontrar o que procurava, levantou-se. Lígia segurou em seu braço ao pressentir o perigo.

— O que vais fazer, mãe?

A expressão nos olhos de Vânia era angustiante.

— O que já deveria ter feito.

— Por favor, mãezinha, vá com calma. Até porque não há nada de mal em dois primos dançarem, não concordas?

Vânia puxou o braço.

— Não, não concordo.

— Pelo amor de Deus, mãe! Hoje é um dia de paz, de confraternização.

Vânia sentou-se outra vez, sentindo-se esgotada e confusa. No fundo, gostava muito da sobrinha, mas não podia conceber que seu filho e ela estivessem apaixonados. Não podia.

— Está tudo bem, tia?

Vânia olhou assustada e ao mesmo tempo aliviada para o lado. Não havia

percebido que Marcos e Margarida se aproximaram.

— Ah, sim... Está tudo bem.

— Tem certeza? A senhora me parece tão pálida.

— Está tudo bem. Não te preocupe. Foi apenas uma vertigem.

Sem fazer a mínima ideia de que ela era o motivo da preocupação da tia, Margarida virou-se para Marcos e pediu:

— Traz um copo d'água para sua mãe. — Depois, ajoelhou-se ao lado de Vânia e acariciou seu rosto. — Precisa cuidar melhor de sua saúde, tia. Afinal, como diz a minha mãe, a saúde é o nosso bem mais precioso.

Neste instante, Vânia sentiu-se um verdadeiro monstro, por isso não teve coragem de dirigir o olhar à sobrinha.

Alguns minutos depois, Bete retornou, junto a um belo rapaz.

— Mãe, olha quem chegou de viagem!

Ainda em estado de tensão, Vânia ergueu o rosto. E algo em seu coração animou-se imediatamente ao olhar para o jovem à sua frente.

— Oi, Vítor. Tudo bem?

— Bem, obrigado, dona Vânia — respondeu polidamente o rapaz, após estender a mão para cumprimentá-la.

— E teus pais, como estão?

— Também estão bem, obrigado.

— Devem estar felizes por tê-lo de volta após tanto tempo estudando em Paris, não é verdade?

— Ah, sim. Estão muito felizes.

— E agora, viestes para ficar ou estás apenas de férias?

— Agora eu vim para ficar. Já terminei a faculdade e meus pais precisam de mim para tocar os negócios de nossa família.

— Faz muito bem!

O jovem cumprimentou a todos. Contudo, seus olhos insistiam em flertar com os de Margarida, o que deixou Marcos e Bete bastante enciumados. A garota estava a fim do rapaz, e o fato de não ter conseguido chamar-lhe a atenção a fez odiar a tão indesejada prima.

Vânia estava tão absorvida por sua própria aflição que nem percebera os olhares insinuados da filha caçula ao jovem Vítor. *Ele e Guida fariam um par perfeito*, pensou, ao mesmo tempo maquinando algo para aproximá-los.

— E onde estão teus pais, Vítor? Não vieram à festa? — indagou.

— Não, não vieram. Mamãe não gosta muito de festa. Ela prefere passar a virada de ano meditando. E papai também não se importa tanto com isso. Para ele tanto faz ter ou não festa.

— Então fique conosco — Ela pediu.

— Obrigado, dona Vânia. Vou realmente aceitar o convite — respondeu ele, jogando charme para cima de Margarida.

Mas ela fingiu não notar. Estava muito claro que Bete estava interessada nele.

Fevereiro de 1989...

— A lua está linda.

Margarida teve um pequeno sobressalto.

— Desculpe, não queria assustá-la.

Da varanda da casa de Marcos era possível contemplar parcialmente a cidade, e Margarida sentia-se maravilhada pela lua, pelas estrelas e pela paisagem à sua frente. Por isso, quase todas as noites, ela costumava ir até lá, apenas para contemplar aquela imagem encantadora. Aproveitava também para relaxar e fazer companhia à lua, já que se sentia tão só quanto ela.

— É maravilhoso poder olhar esta lua tão linda.

— Concordo. Mas, às vezes, tenho a impressão que tu procuras se isolar aqui. Estou certo?

Ela o olhou surpresa e sorriu delicadamente.

— Está sempre tentando ler meus pensamentos, não é?

Ele também sorriu.

— Fugistes da minha pergunta.

— É apenas impressão sua.

— Tens certeza?

— Sim. Tenho.

— Então, tá! Vou tentar acreditar — brincou ele, enquanto buscava coragem para falar de outro assunto. — Eu gostaria de te fazer um convite para amanhã à tarde... Gostaria de te mostrar um lugar maravilhoso. Tenho certeza de que tu vais adorar.

— Eu não sei se vou poder ir...

— E por que não?

— Porque tenho de arrumar a casa e...

— Nós podemos ir ao final da tarde, quando eu chegar do cursinho. Não é muito longe daqui.

— E quem irá conosco?

— Por quê? Estás com medo de ir sozinha comigo?

— Não, não é isso. É que...

— O quê?

— Sei lá, as pessoas podem pensar mal.

— E por que iriam pensar mal? Iremos apenas passear. E acho que isso não é proibido, ou é?

Margarida pensou por um momento em sua tia. E lembrou que, algumas vezes, ela passava a impressão de não gostar quando Marcos e ela estavam juntos. Não conseguia saber, ao certo, se era apenas impressão ou se isso acontecia de fato. Na dúvida, procurava evitar ficar sozinha com o primo, apesar de adorar estar junto dele.

— Sei que não, mas...

— Prometo que não irei te fazer mal nenhum. — Marcos deu um sorriso

maroto e levantou sua mão direita. — Palavra de escoteiro.

Ela sorriu.

— Tá bom, você me convenceu.

Eram quase cinco horas da tarde quando chegaram à Cascata dos Narcisos.

— Nossa, que lugar lindo! — comentou Margarida.

— Durante o dia, principalmente nesta época de verão, muitos turistas costumam vir para cá — explicou Marcos, enquanto retirava a roupa e ficava apenas de calção de banho. — Mas a esta hora a maioria já foi embora.

— Puxa! Se você tivesse me avisado, eu teria trazido um short.

— Desculpe. É que eu queria lhe fazer uma surpresa.

— E eu adorei a surpresa.

— Então, vamos entrar na água!

— Mas eu estou de calça!

— E qual o problema? Depois seca.

Antes mesmo que ela pudesse dizer mais alguma coisa, Marcos pegou-a no colo e saiu correndo de encontro à água, enquanto ela esperneava e gritava:

— Não, Marcos, não! Eu não sei nadar!

— Relaxe! Não vou deixar que te afundes.

Margarida continuou gritando. Quando descobriu que as águas não eram fundas, sorriu envergonhada.

— Seu bobo!

Já eram quase sete horas da noite e Margarida e Marcos não haviam percebido a hora passar. Resolveram ir embora quando um vento muito forte começou a soprar e nuvens escuras se juntaram rapidamente no céu, ameaçando uma chuva intensa. Entretanto, mal chegaram ao carro e a chuva os abordou.

Marcos achou que deveriam esperar que a chuva passasse. *Estariam protegidos ali*, pensou ele. Mas, quando abriu a boca para falar isso, ouviu um barulho aterrador.

— Oh, meu Deus! — gritou Guida, assustada.

Vânia olhou mais uma vez para seu relógio. Já eram quase nove horas da noite e Marcos e Guida não retornavam do tal passeio.

— Afinal, Lígia, para onde teu irmão e tua prima foram?

— Mãe, eu já lhe disse mais de dez vezes que o Marcos levou a Guida para conhecer a Cascata dos Narcisos.

— E por que será que estão demorando tanto?

— Sei lá! Devem estar esperando a chuva passar. Também já lhe disse isso.

Vânia suspirou fundo. Estava tão nervosa que mal conseguia se controlar.

— Aquela trilha que dá acesso à cascata fica terrível quando chove...

— É verdade. Mas fique calma, mãe — pediu Lígia —, Marcos é muito responsável. Tenho certeza que ele está apenas esperando a chuva parar.

— Será?

Por algum momento, Marcos e Margarida permaneceram olhando para a

imensa árvore caída a centímetros da frente do carro. Por pouco, mas por muito pouco mesmo, a árvore não caiu sobre o carro.

— Está tudo bem contigo? — Ele quis saber, quando conseguiu se refazer do susto.

Ainda apavorada, ela limitou-se a balançar a cabeça em resposta. Ele a beijou suavemente na testa, em seguida a abraçou, a fim de tentar confortá-la.

— Calma, calma. Está tudo bem agora.

Ela não conseguia parar de tremer. Afinal, além do susto, estava com a roupa toda molhada.

Marcos a abraçou ainda mais forte e continuou pedindo para ela ficar calma. Mas, no fundo, ele sabia que aquela seria uma noite longa, muito longa, já que seria impossível sair dali sem ajuda.

Era madrugada quando, finalmente, a chuva resolveu dar uma trégua, e Jonas e Vânia saíram desesperados à procura deles. No entanto, quando chegaram ao local, perceberam que teriam que conseguir auxílio para remover os troncos de árvores que caíram na estrada, e retornaram ao centro da cidade à procura de ajuda.

E já estava quase amanhecendo quando os bombeiros conseguiram resgatar o jovem e assustado casal. Apesar do susto, porém, Marcos encontrava-se em perfeito estado. Mas Margarida teve de ser conduzida ao hospital mais próximo do local e ficou internada, pois apresentava início de hipotermia.

Sentindo-se muito culpado por tudo o que havia acontecido, Marcos ficou no hospital até o final do dia, momento em que Margarida foi liberada. A esta altura, Vânia encontrava-se bem mais calma. Mas ao contrário do que ela pensava, o episódio acabou unindo ainda mais o casal.

Capítulo Três

Quase um ano se passou desde que Margarida chegou a Gramado, e, naquela noite, ela e Marcos ficaram completamente sozinhos.

Vânia, Jonas e as filhas viajaram no início da manhã para Gravataí, para visitar a mãe de Jonas, que padecia há algum tempo de câncer no intestino. Jonas temia que sua mãe não resistisse por muito mais tempo, já que ela já estava com mais de setenta anos de idade e cada vez mais debilitada.

Após um momento de hesitação, Vânia decidiu que Marcos e Margarida ficariam. Pretendiam voltar no final da tarde daquele mesmo dia. Portanto, não havia motivo para preocupações, refletiu ela. Além disso, Marcos insistira em ficar porque estava se preparando para o vestibular e não queria faltar o cursinho, e Margarida ficaria para cuidar da casa. Quando estavam chegando a Gravataí, porém, o carro apresentou um problema mecânico que obrigou Vânia e a família a pernoitar na cidade, visto que o veículo só ficaria pronto no dia seguinte.

Ela ligou para Marcos e o aconselhou a manter-se distante da prima, a não trair sua confiança. Ele teve vontade de dizer à mãe que não era nenhuma criança para ser tratado como tal, mas preferiu não criticá-la porque sabia que qualquer coisa que falasse apenas pioraria as coisas. Também reconhecia em seu interior que Vânia tinha motivos para ficar tão apreensiva em relação à Margarida, pois ele, de fato, estava cada vez mais apaixonado por ela. Mas se sua mãe soubesse o desprezo que Margarida dispensara a ele durante todo aquele dia, ela não se preocuparia, pensou Marcos, enquanto servia o próprio jantar.

Ele permaneceu no cursinho por toda a tarde, e desde que chegou, às 18 horas, Margarida não saíra do quarto por nenhum momento. Também não fora jantar e muito menos para a varanda, como costumava fazer. Será que ela escutara, pela extensão do telefone, a conversa que tivera com a mãe? Ele não conseguiria dormir direito se não soubesse o que estava acontecendo. Embora a verdade fosse que há muito tempo Marcos queria conversar a sós com a prima.

Quando terminou de jantar, foi ao banheiro escovar os dentes e, em seguida, deu algumas batidinhas na porta do quarto de Margarida, antes de abrir uma pequena brecha e perguntar:

— Podemos conversar?

Ela imediatamente largou o livro que estava lendo e puxou o lençol, a fim de se cobrir.

— Agora?!

— Sim. Por quê? Algum problema?

Embora Margarida confiasse em Marcos, naquele dia, não conseguiu deixar de se sentir receosa. Afinal, depois do que lhe acontecera, era a primeira vez que ficava sozinha em uma casa com um homem.

— Não, mas... ahn...

— Prometo que não vou demorar.

— Então, tá — concordou, embora continuasse apreensiva.

Marcos entrou e se aproximou lentamente.

— Não consegui compreender por que me tratastes com tanto desprezo hoje.

Fiz alguma coisa de errado?

— Não. Claro que não.

— Não mesmo?

Ela conseguiu esboçar um leve sorriso.

— Desculpe. Não foi minha intenção fazê-lo sentir-se assim.

— Tudo bem — disse ele, antes de sentar-se na beirada da cama e colocar a mão sobre o joelho dela. — Não me debes desculpas.

Margarida tinha consciência de que o gesto de Marcos fora espontâneo.

Mesmo assim, não pôde evitar o recuo brusco e instintivo do próprio corpo.

Ele percebeu. Era impossível não perceber.

— O que foi?

— Nada.

— Por que estás tão tensa?

— Impressão sua.

Ela tentou relaxar, mas não conseguiu.

— Já está um pouco tarde, não acha? É melhor...

— Não é impressão, não. Eu tenho certeza disso. O que houve?

Ela baixou o olhar.

— Se não quer me contar, tudo bem. Mas eu... posso fazer outra pergunta?

Ela continuou calada. Marcos inclinou-se levemente para frente e ergueu seu queixo com a ponta do dedo.

— Por que viestes para cá? Às vezes, tenho a impressão que aconteceu algum problema muito sério e que tu nos escondes.

Neste momento, Margarida quase encostou a cabeça no peito de Marcos e desabafou sua dor. Mas se conteve.

— Engano seu. Eu apenas... — As palavras travavam em sua garganta. — Desculpe, mas eu... eu não quero falar sobre isso.

— Tens certeza? — insistiu ele.

A voz de Margarida embargou por completo agora, e ela quase não conseguiu segurar as lágrimas.

— Tudo bem. — Ele a abraçou. — Não precisas falar nada que não desejas. Quero apenas que saibas que podes contar comigo.

E não resistiu aos apelos de seu coração e roçou os lábios suavemente nos lábios dela. Margarida arregalou os olhos e ficou rígida no mesmo instante, o corpo todo em estado de alerta.

— Guida — prosseguiu, fitando-a profundamente —, algo diferente aconteceu comigo desde a primeira vez que te vi. Acho que eu... Acho não, tenho certeza... Estou apaixonado por ti.

O coração de Margarida disparou.

— Não podemos — disse, ainda não refeita da surpresa.

— Por que não?

— Por-por quê? — A maneira como Marcos a fitava fazia com que as suas mãos suassem frio e as palavras saíssem com dificuldade. — Porque nós... porque somos primos, vivemos na mesma casa. O que as pessoas diriam se...?

— O que importa o que as pessoas diriam? O que realmente importa são meus sentimentos por ti. Eu te amo, Guida.

E tornou a envolvê-la em seus braços e comprimir a boca contra a dela, sentindo o tremor dos lábios e o recuo do corpo esguio em seus braços. Num prazer paciente, aprofundou o beijo e ela gemeu, cedendo por um instante. Mas quando sentiu a pressão do corpo de Marcos, e o próprio corpo deslizando sobre os lençóis, Margarida entrou em pânico e começou a gritar, a se debater.

— Marcos, não! Por favor, não!

— Por quê...? Oh, Deus, por que não?!

Com os olhos arregalados, a respiração acelerada, ela se esforçou para responder:

— Porque eu... eu não...

— Tu não gostas de mim, é isso?

Como Marcos poderia compreender que a única certeza que ela possuía naquele momento era a de que precisava escapar dali o mais rápido possível?

— Não, não é isso...

— Então, — murmurou Marcos, quando ela tornou a se afastar. — me deixe te conquistar. Eu sei que posso conquistar teu coração.

Por mais que tentasse, Margarida não podia evitar que lembranças terríveis do passado aflorassem em sua mente aflita, por isso continuou a se debater. Mas Marcos fora paciente e, pouco a pouco, foi conseguindo acalmá-la, embora ele próprio estivesse nervoso. Afinal, nunca sentira um sentimento tão intenso por outra mulher. Nunca desejara alguém daquele jeito.

— Eu te amo, Guida. Jamais amei alguém com tanta intensidade.

Porque também jamais havia amado alguém daquela forma, Margarida parou de lutar contra seus próprios sentimentos e, embora ainda sentisse seu corpo tremendo num misto de excitação e pavor, finalmente se rendeu àquelas mãos gentis.

E quando ele a penetrou, devagar e suavemente, ela compreendeu definitivamente que, daquele dia em diante, seu corpo, sua alma e seu coração pertenceriam para sempre a Marcos...

07 horas da manhã...

Antes de acordá-la, ele sentou na beirada da cama e acariciou seu rosto por alguns instantes.

— Guida, acorde.

Ela resmungou alguma coisa e virou-se para o outro lado.

— Ei, acorde, sua dorminhoca. Magnólia e Suze estão aqui.

Ela sentou-se abruptamente.

— Quem?! O quê?!

— Tua mãe e tua irmã.

— O que é que tem?

— Elas estão aqui.

— Você está falando sério?

Marcos deu-lhe um beijo na testa e sorriu.

— Claro. Tu achas que eu ia brincar com um negócio desses?

Margarida descobriu-se completamente nua quando pulou da cama, mas não houve tempo para sentir constrangimento. Ela colocou seu roupão e disparou pelo corredor.

E estava quase sem fôlego quando chegou ao topo da escada e as viu.

— Mãe! Suze! São vocês mesmo?!

— Oh, minha querida! — tornou Magnólia, estendendo os braços. — Que saudade!

Ela desceu correndo a escada e se jogou nos braços da mãe.

— Por Cristo, eu quase não acreditei quando Marcos disse que vocês estavam aqui. Parece um sonho!

Depois, deu um abraço tão apertado na irmã que por pouco não a machucou.

— Puxa, como você está linda, Suze! E como cresceu!

— Senti muito a sua falta.

— Eu também senti muito a falta de vocês.

Margarida ainda temia que aquilo não passasse de um sonho. E se fosse, ela não queria acordar nunca.

— E o que vocês vieram fazer aqui? — perguntou. — E o Carlos, ele também veio?

Margarida costumava chamar seu padrasto apenas pelo nome. Nunca o havia chamado de pai, apesar de ele morar com sua mãe há bastante tempo.

— Eu e seu padrasto nos separamos.

A jovem Margarida quase pulou de alegria, mas conseguiu se controlar.

— Verdade?! Mas por quê?

— Não estava dando certo. Carlos estava bebendo cada vez mais e ultimamente brigávamos muito. Além disso, não queria perder minha outra filha, pois até a Suze falava em sair de casa quando crescer.

Margarida sentiu um arrepio agora. Sua alma pareceu congelar. Olhou para Suzane com medo de que sua pequena irmã tivesse passado pelo o que ela passou. *Não! Ele não faria isso com a própria filha*, pensou enquanto tentava se acalmar.

— Co-como assim? Suze, aconteceu alguma coisa? Carlos fez alguma coisa com você?

Mesmo achando a pergunta de Margarida muito estranha, Magnólia não fez

qualquer comentário. Aguardou que Suzane respondesse primeiro.

— Não, Guida, não aconteceu nada — respondeu a menina com naturalidade.

— É que é muito triste ver o papai e a mamãe brigando tanto.

Margarida não se convenceu.

— Mãe, aconteceu alguma coisa que a Suze não quer me contar?

— Lógico que não! — respondeu Magnólia. — O Carlos pode ter muitos defeitos, mas, como pai, ele é maravilhoso. Até hoje não entendo por que você não gosta dele. Ele sempre deu tudo a vocês. E à Suze, que é a filha legítima, não faltaram carinhos e mimo. Com você talvez tenha sido um pouco diferente porque, depois de uma certa idade, você se manteve distante. — Magnólia fez uma longa pausa para conter a emoção; afinal, a separação, apesar de ter sido uma decisão dela, ainda lhe era bastante difícil. — Bem, mas tudo o que quero agora é que vivamos juntas e felizes.

Aquilo era bom demais para ser verdade, por isso Margarida teve de se certificar.

— Suze, me belisca para eu ter certeza que não estou dormindo.

Achando aquilo muito engraçado, a menina beliscou com força o braço da irmã. Margarida ainda sorria quando chegaram Vânia, Jonas e as filhas.

Vânia e Magnólia não se viam desde o falecimento de Fernando, pai de Margarida. E Vânia, ao rever a irmã, não conseguiu deixar de lembrar do dia em que Magnólia e Fernando, que tinha sido seu noivo, se casaram. Ela nunca havia se conformado com isso. Mas, quando Fernando faleceu, ela tentou relevar; muito embora, em seu íntimo, soubesse que jamais conseguiria perdoar a irmã.

— Magnólia!

— Olá, Vânia.

— Nossa! Como está jovem e bonita! — exclamou, com uma pontinha de inveja. — Parece que o tempo não passou para ti.

Magnólia se aproximou e abraçou fortemente a irmã, antes de dizer:

— Obrigada, Vânia. Você também está ótima.

— E como foi a viagem? — perguntou Jonas, após estender a mão para a cunhada.

— Foi tranquila, graças a Deus.

Lígia e Bete também se aproximaram e cumprimentaram a tia. Em seguida, Bete saiu da sala em direção ao seu quarto.

Vânia se sentou ao lado de Magnólia, após alguns instantes de hesitação sutil. E quando a conversa começava a fluir, Bete retornou e cortou o assunto:

— Guida, Marcos não dormiu em casa?

— Sim, dormiu. Por que, Bete?

— Estranho. A cama dele está arrumada.

Todas olharam na direção de Margarida e esperaram que ela respondesse, mas foi Marcos quem apareceu de repente e respondeu:

— Eu arrumei minha cama. Por quê?

— Ah, desculpe, maninho — disse Bete, irônica — É que achei tão estranho tua cama estar tão arrumadinha logo cedo que pensei que tu não tivesses dormido em casa.

Margarida suspirou aliviada quando observou que sua mãe e sua tia não haviam dado importância aos comentários de Bete, e, inclusive, já tinham mudado de assunto.

— Vânia, a casa de nossos pais... — quis saber Magnólia — está ocupada?

— Não, não está. Na verdade, está desocupada há quase seis meses. Por que a pergunta? Desejas vendê-la?

— Oh, não. Eu apenas... — hesitou. — Bem, acho que você não se importa que fiquemos lá até conseguirmos nos ajeitar por aqui, não é?

— Por que me importaria? A casa é tanto minha quanto tua, Magnólia. Aliás, a casa e os móveis estão muito bem conservados, pois o caseiro, que morou lá até o final do ano passado, era muito cuidadoso.

Logo após o almoço, Margarida arrumou suas coisas e Jonas as levou para verem a casa. Ao passar pelo velho portão de madeira, Magnólia não conseguiu conter as lágrimas. Tudo ali lhe trazia lembranças de sua infância e juventude.

A casa, com telhado pontudo, estilo arquitetônico tradicional da cidade, tinha muitos cômodos: quatro quartos, uma sala de jantar, uma cozinha, uma sala de estar, um quarto para empregada e um quintal bastante amplo, além de um enorme sótão que guardava objetos antigos. E quase tudo estava lá! As coleções de quadros de seu pai e sua velha cadeira de balanço, a coleção de vasos de sua mãe. Enfim, Vânia levara pouca coisa para sua casa, pensou Magnólia, e esperou apenas Jonas sair para começar a faxina da casa, ao lado das filhas.

Ao final da tarde, as três encontravam-se exaustas, mas Margarida sentia-se tão feliz por tudo o que estava acontecendo que seu corpo encontrava-se elétrico.

Magnólia arriou no sofá e aninhou sua caçulinha em seu colo, enquanto observava sua primogênita andando de um lado para o outro como se fosse um robzinho, com um espanador na mão.

— Venha cá, querida. Sente-se um pouco e descanse. Deve estar morta de cansaço.

Ela sentou, embora estivesse agitada demais para permanecer sentada.

— Ah, mãezinha, estou tão feliz por estarmos novamente juntas.

— Eu também, querida — disse Magnólia, acariciando-lhe os cabelos. — Eu também.

Alguns dias depois...

A vida estaria perfeita agora, não fosse o fato de Marcos não tê-la procurado. *O que terá acontecido?*, perguntava Margarida a si mesma. E pensou em

procurá-lo, pois sentia, no fundo de seu coração, que alguma coisa estava errada, afinal nem sequer suas primas a tinham visitado. Acabou se convencendo, porém, que deveria esperar um pouco mais.

Três semanas depois...

A campanha tocou e Margarida correu para atender.

Ao abrir a porta, seu coração animou-se ao defrontar-se com a prima.

— Lígia! Puxa, que saudade!

— Eu também estava com saudade — tornou Lígia, após abraçá-la com afeto.

— Vamos entrar — convidou, ansiosa. — Tenho tanta coisa pra contar...

— Não, eu... — Lígia limpou a garganta. — Eu não vou poder ficar aqui por muito tempo. Tenho de ser rápida.

— Por quê? Algum problema?

Lígia fitou-a nos olhos.

— Não... Ou melhor, sim — e voltou a limpar a garganta, porque as palavras estavam travadas ali. — Guida, tu e meu irmão, naquela noite em que ficaram sozinhos... Aconteceu alguma coisa, não é verdade?

A pergunta a surpreendeu completamente.

— Por que está me perguntando isso, Lígia? Se aconteceu ou não, acho que isso não interessa a mais ninguém, não concorda?

— Sim... Claro que sim, guria... Desculpe.

— Então...

— Guida, eu quero deixar claro que minha intenção não é a de julgar ninguém, mas preciso te explicar que aqui em Gramado as pessoas não pensam como as pessoas da cidade grande. Aqui, algumas coisas continuam iguais há cinquenta anos. Tudo é muito diferente. A virgindade, por exemplo, ainda é um tabu. E os pais ainda costumam obrigar os rapazes a se casarem com as moças quando descobrem que eles... Bem, você sabe o quero dizer... E algumas moças aproveitam-se disso para...

Margarida não esperou que a prima terminasse.

— Eu não estou entendendo onde você quer chegar, Lígia. Por acaso acha que eu usaria de algo desse nível para obrigar seu irmão a se casar comigo?

— Não! Lógico que não. Mas meus pais...

— Seus pais acham isso?!

Havia tanta mágoa e decepção na voz de Margarida que fez com que Lígia se sentisse envergonhada e arrependida por tudo o que tinha falado.

— Desculpe, guria. Não vim aqui com a intenção de te magoar. Vim aqui para...

— Para?

Lígia respirou fundo. Havia se preparado muito para aquele momento, mas agora que estava frente a frente com Guida, fitando seus olhos tristes, tudo parecia mais difícil.

— Marcos teve de partir.

— Partir?! Como assim? Pra onde ele foi?

— Ele... Ele foi estudar em Londres.

— Em Londres?! E por que...? — quis saber Margarida — Por que ele não me procurou antes de partir?

— Ele não pôde...

— Não?! Por que não? — perguntou, desesperada.

Lígia retirou de dentro de seu livro um envelope, antes de responder:

— Acho que ele explica tudo nesta carta que deixou.

Margarida pegou o envelope, sem conseguir dizer nada.

— Sinto muito por tudo o que aconteceu... — continuou Lígia com lágrimas brilhando em seus olhos. — Agora preciso ir. Tive de faltar à última aula para vir até aqui. Meus pais não têm a mínima ideia de que Marcos deixou esta carta comigo. Só te peço para que tu não nos odeie por isso.

Completamente desorientada, Margarida apenas observou quando Lígia deu as costas e foi embora. E permaneceu um longo tempo ali, parada em frente à porta. Depois, correu para seu quarto e abriu o envelope.

Gramado, 06 de Maio de 1989.

Guida, meu grande amor,

Creio que, por mais que eu tente, não vou conseguir te explicar em poucas linhas tudo o que realmente aconteceu aqui depois que tu mudaste para tua casa. Mas o fato é que meus pais perceberam tudo o que aconteceu entre nós e, por isso, tivemos uma enorme discussão.

Eles estavam furiosos, e minha mãe, em um surto de raiva, me contou tudo o que aconteceu no passado entre ela e tua mãe. Contou-me coisas que eu jamais fazia ideia que tivessem acontecido, como, por exemplo, o caso que tua mãe teve com teu pai quando ele ainda era noivo de minha mãe, o que fez com que nossos avós obrigassem o Fernando a casar-se com tua mãe. Acho que minha mãe nunca perdoou a tua por tudo o que aconteceu. E talvez por isso ela jamais admitiria nosso relacionamento.

Tentei argumentar que estou apaixonado por ti, mas, infelizmente, eles não aceitam que fiquemos juntos. Decidiram então, ela e meu pai, que eu deveria partir para Londres, para fazer a faculdade e ficar com a Olívia. Juro que pensei em fugirmos. Mas como nós faríamos isso? Do que iríamos viver?

Confesso que me senti amedrontado... E espero que possa entender que não tive alternativa.

Por favor, me perdoe por minha fraqueza.

Te amo,

Marcos.

Margarida deixou-se cair em prantos sobre sua cama. *Ah, Marcos, por que você partiu sem ao menos tentar falar comigo? Por quê? Não temos que pagar por um erro que não cometemos. Não temos.*

Suzane entrou devagarinho no quarto e, vendo a aflição da irmã, sentou-se

ao lado e perguntou, preocupada, enquanto afagava os seus cabelos:

— O que aconteceu, Gui?

— Oh, Deus, Deus... Ele foi embora, Suze. Foi embora sem ao menos... sem ao menos se despedir de mim.

Mesmo sem ter entendimento suficiente, Suzane abraçou a irmã com todo carinho, pois sentiu, em seu pequenino coração, o quanto Margarida estava precisando dela naquele momento.

Capítulo Quatro

Mais de dois meses se passaram desde que Marcos embarcara para Londres, e os constantes enjoos e a falta de apetite estavam deixando Margarida apavorada. *Oh, céus, eu não posso estar grávida. Não posso.*

Estava concentrada em seus pensamentos quando de repente Suzane surgiu à sua frente, com um sorriso quase contagiante.

— Gui, adivinhe quem está aqui?

— Quem?! Marcos?

O sorriso da menina desvaneceu.

— Não, não é o Marcos.

— Quem é então?

— É o papai — respondeu Suzane, e os olhinhos tornaram a brilhar de felicidade. — Ele veio me visitar. Isso não é maravilhoso?

Margarida correu até a sala. Queria ver com seus próprios olhos. Queria escutar da boca dele que se tratava apenas de uma visita.

Porém, quando chegou defronte ao padrasto, percebeu que o ímpeto que a conduziu até ali desaparecera por completo, ao encarar aqueles olhos negros e frios, e, em seu lugar, floresceu um sentimento de medo que a fez ficar imóvel, incapaz de pronunciar uma única palavra.

— Tudo bem, Margarida?

Ela esperou um pouco, para ter certeza que não gaguejaria:

— O que está fazendo aqui?

— Por favor, querida — tornou Magnólia, tentando contemporizar —, controle-se. Seu padrasto tem todo direito de visitar sua ir...

Margarida não aguardou que a mãe continuasse, virou-se depressa e correu transtornada para seu quarto. Algo em seu coração dizia que Carlos não estava ali apenas para uma visita.

Meu Deus, não permita que esse homem venha morar conosco novamente. Tire-o de nossa vida, Senhor, por favor. Por favor.

E permaneceu a tarde inteira em seu quarto, suplicando a Deus que Carlos realmente tivesse vindo apenas para visitar sua irmã. Acabou adormecendo e só acordou uma hora depois, com alguém sacudindo levemente seu ombro.

— Querida, acorde. Já é hora de jantar.

Ela abriu os olhos, desejando que tudo não passasse de um sonho ruim. Mas sabia que tudo era real.

— Estou sem fome.

— Oh, querida, não faça isso. Compreenda que vai magoar muito a sua irmã se continuar a agir desse jeito... Ela está tão feliz, filha.

— Mas eu não estou feliz, mãe. A senhora sabe disso, não sabe?

— Eu sei que não está. Mas você bem que poderia disfarçar um pouquinho, não acha?

— Não sei se vou conseguir.

— Vai sim. Tenho certeza disso — tornou Magnólia com firmeza na voz.

No entanto, durante o jantar, Margarida não conseguia disfarçar nem um pouquinho seu desgosto. O tempo todo permaneceu de cabeça baixa, olhando apenas para o prato de comida e fingindo comer.

Magnólia olhava para ela com tristeza. Por mais que tentasse, não conseguia compreender seu jeito rebelde. Não conseguia compreender por que a filha sentia tanta raiva do padrasto.

Como irei contar a ela?

— Filha, eu e seu padrasto... nós...

Margarida fitou-a, com os olhos arregalados em perplexidade. Já sabia o que a mãe iria falar, embora não conseguisse acreditar.

Magnólia respirou fundo e encheu o peito de coragem antes de continuar:

— Eu e seu padrasto resolvemos... Nós resolvemos que vamos nos dar uma chance.

— Chance?! O que está dizendo, mãe?

— Você sabe bem o que eu quis dizer. Carlos e eu...

— Chance?! — Margarida ainda não podia acreditar. — Oh, mãe, não vê que esse homem está destruindo nossa família?

Lágrimas surgiram nos olhos de Magnólia. Carlos colocou a mão sobre a da esposa e continuou:

— Olhe, minha filha, eu as amo muito. E preciso apenas de uma chance para tentar conquistá-las nova...

— Não me chame de sua filha! — berrou Margarida, após bater as mãos na mesa e levantar-se de um pulo. — Não me chame de sua filha!

— Calma, Gui — pediu Suzane, com os olhinhos cheios d'água. — Por favor, calma.

— Você não tem esse direito! — tornou Magnólia. — Não tem o direito de mandar em minha vida e nem na vida de ninguém!

— Não sou obrigada a aceitar isso. Não sou obrigada a viver na mesma casa que esse...

— Sente-se, mocinha! — ordenou Magnólia aos gritos, e em seguida controlou o tom de voz. — O que está pensando da vida? Acha mesmo que tem o direito de mandar em todo o mundo?

Margarida continuou de pé. Magnólia respirou fundo novamente.

— Já lhe disse para sentar — e esperou que a filha obedecesse para continuar. — Você tem me causado muitos problemas com toda a sua rebeldia... Há algum motivo que justifique essa sua atitude? Porque se não há, saiba que está nos causando grande sofrimento.

Ela abriu a boca para falar. Contudo, um nó na garganta e um frio na espinha bloquearam sua voz, ao perceber o brilho frio nos olhos do padrasto.

Tentou se acalmar antes de responder, mas não conseguiu impedir as lágrimas.

— Se... Se pelo menos não se separa dele por mim, por que não o faz por

Suze? A senhora mesma me contou que ela estava muito triste por causa das constantes brigas de vocês...

— Eu já conversei com a Suze — tornou Carlos —, e ela aceitou me dar uma nova chance. Por que só você não pode me dar mais uma chance?

Num gesto furioso, Margarida passou as mãos pelo rosto e removeu as lágrimas. *Como ele podia ser tão cínico?!*

— Eu não falei com você!

— Por favor, filha, compreenda — apelou Magnólia. — O Carlos e eu nos amamos. Portanto não é justo que...

— Tudo bem, mãe — murmurou Margarida, cansada. — Não vou mais atrapalhar seu relacionamento. Eu vou embora. Mas, desta vez, é para sempre.

Em seguida, correu em prantos para seu quarto.

Já era madrugada quando ela finalmente conseguiu adormecer. No entanto, mal fechou os olhos e sentiu uma mão pesada sobre sua boca.

— Olhe aqui, jamais ouse contar a sua mãe o que aconteceu naquela noite...

Em pânico, ela começou a se debater, a choramingar, enquanto especulava em desespero como Carlos entrara em seu quarto. Ela trancara a porta, tinha certeza disso.

De fato, Margarida não podia imaginar como fora fácil para Carlos conseguir destrancar a porta de seu quarto. Não era preciso ser nenhum *expert* para abrir aquele tipo de fechadura, antiga. Bastava enfiar uma lamina fina e forçar um pouquinho.

— Se contar — continuou ele —, juro que vai se arrepender amargamente.

Ela continuava a se debater, a espernear. Mas sua força era exígua em comparação a dele.

— Eu estava com saudades — murmurou, apalpando um dos seios dela com a mão livre. — E você?

Ela já estava perdendo suas forças quando ouviu um barulho por detrás da porta fechada. Carlos disfarçou no instante em que a porta se abriu.

— Pai?! O que o senhor está fazendo aqui? — perguntou Suzane, com espanto.

— Eu estava apenas conversando com Guida. Tentando explicar que amo muito vocês e...

Ainda atordoada e pálida, Margarida começou a gritar. Mas sua voz estava tão rouca que mal dava para se ouvida:

— Saía do meu quarto, seu desgraçado! Saía do meu quarto agora!

Parecendo profundamente desiludido, Carlos balançou a cabeça. Depois levantou e pegou a mão da filha.

— Suze, querida, vamos sair daqui. Sua irmã é mesmo irremediável. Com ela não tem como conversar.

Porque era apenas uma criança, Suzane não foi capaz de perceber o que se passara ali. Contudo, ela havia ouvido barulhos estranhos, passos no corredor.

Só que imaginou que eram monstros que vieram para pegá-la, para comê-la, com seus enormes e afiados dentes. A mãe sempre lhe dizia que monstros não existiam, mas ela tinha certeza que eles existiam e que se escondiam nos cantos escuros das casas e debaixo das camas. Assim como tinha certeza também que os monstros estavam muito agitados naquela noite, e que eles queriam pegar sua irmã também; afinal, ela ouvira seus sussurros no quarto ao lado, no quarto de Margarida.

— Estou com medo...

— Medo de quê? — perguntou Carlos.

— Dos monstros...

— Eu já lhe disse que não existem monstros. É tudo fruto de sua imaginação

— Existem sim, pai. E eles vieram para me pegar e para pegar a Guida também.

— Está bem — disse Carlos, meio impaciente. — De qualquer forma, pode dormir comigo e com sua mãe esta noite.

— Eu também estou com medo, Suze — murmurou Margarida, quando conseguiu recuperar a voz. — Por favor, fique comigo.

Em sua doce inocência, a menina rapidamente largou a mão do pai e se aconchegou ao lado da irmã. Abraçou-a forte, enquanto dizia:

— Não tenha medo, Gui. Os monstros só aparecem quando a gente fica sozinha no quarto.

Não eram nem cinco horas da manhã quando Margarida levantou para arrumar sua mala. Ao terminar, sentou-se ao lado de sua pequena irmã e acariciou-lhe levemente o rosto, enquanto lágrimas quentes e silenciosas corriam por suas faces.

Suze, eu sentirei muito a sua falta. Muito.

A menina despertou, de repente.

— Gui, o que houve?

— Desculpe, eu não... eu não queria acordá-la.

— Por que você tá chorando? — perguntou. Em seguida, viu as malas no meio do quarto e seus olhinhos se encheram d'água. — Diga que você não vai embora de novo.

Margarida fez um esforço para se controlar.

— Suze, sabe que eu a amo, não sabe? Que mesmo que eu esteja longe, meu coração estará sempre com você...

— Eu sei, mas não quero que você vá. Por favor, não vá.

— Eu tenho que ir, querida.

— Por quê?

Ela passou a mão pelos cabelos da irmã.

— Você é ainda muito jovem para entender. Mas eu lhe prometo que nunca a deixarei só. Que estarei sempre por perto, mesmo estando longe.

A menina começou a chorar copiosamente. Margarida a abraçou por longos minutos e depois sugou as lágrimas.

— Preciso ir agora. Fale para mamãe que eu a amo muito. Vocês duas são tudo para mim.

E beijou docemente a irmã na testa. Um longo e terno beijo. Depois se virou e foi embora sem olhar para trás, pois sabia que se olhasse, não conseguiria partir.

Capítulo Cinco

Sentada no último banco do ônibus quase vazio, ela deixou as lágrimas escorrerem por seu rosto, enquanto cenas de sua vida se passavam em sua mente, lembranças projetavam-se em flashes.

Mas ela precisava muito dar um novo rumo à sua vida e esquecer o passado. Embora soubesse que jamais conseguiria esquecer aquela noite em que seu padrasto entrou em seu quarto...

Suzane havia sido internada na noite anterior por causa de uma crise asmática. Como Magnólia ficou a noite inteira fazendo companhia à menina, ela ficou durante o dia, para que a mãe pudesse descansar e voltar novamente à noite.

Assim, ao chegar à sua casa, estava cansada demais, depois de um dia inteiro no hospital. Por isso, tomou um longo banho, vestiu uma camisola e caiu em sua cama como uma pedra, adormecendo em seguida. Costumava trancar a porta de seu quarto todas as noites, pois não confiava em seu padrasto. Naquele dia, porém, estava tão cansada que acabou esquecendo.

Como num pesadelo, acordou e Carlos estava em seu quarto, sentado ao seu lado, nu e aparentemente bêbado.

Aterrorizada, tentou se levantar e fugir. Mas ele a estendeu sobre a cama e se jogou sobre ela. E mesmo enquanto desferia chutes e golpes, sua camisola fora arrancada e os braços imobilizados.

— Largue-me! — gritou em pânico. — Largue-me!

Continuou gritando quando ele tocou em seus seios e arrancou sua calcinha.

— Pode gritar à vontade, meu bem. Não tem ninguém para ouvir. Você será minha.

Ainda tentando desesperadamente desvencilhar-se, ela continuou esperneando e se debatendo; sem saber que seu esforço o excitava mais ainda. Só de sentir o corpo frágil e macio se contorcendo sob o seu, Carlos era levado ao frenesi total.

Os gritos transformaram-se em pranto quando ele a penetrou. A dor era terrível e seu corpo virgem se contraía de tal forma que cada movimento dele, num ímpeto cada vez maior, parecia dilacerar tudo por dentro.

Quando ele enfim saiu de seu quarto, ela levantou e cambaleou para o banheiro, com um filete de sangue escorrendo por uma das pernas. Porém, anestesiada pelo choque, ela quase não sentia mais dor, apenas vergonha, muita vergonha...

Margarida queria esquecer tudo aquilo. No entanto, por mais que tentasse, aquelas imagens terríveis continuavam repassando em sua cabeça; e ela ainda podia sentir aquelas mãos nojentas deslizando por sua pele, o hálito quente e fedido em seu rosto, o corpo pesado se remexendo sobre o seu, por isso desatou a vomitar. Vomitou tudo o que tinha no estômago, enquanto as lágrimas continuavam escorrendo por seu rosto.

Preocupada, uma senhora se aproximou e perguntou se ela estava bem. Margarida afirmou com a cabeça sem olhar em direção à mulher. Em seguida, fechou os olhos e outras lembranças vieram à tona...

O dia que saiu de sua casa pela primeira vez... A chegada em Gramado... O dia que fizera amor com Marcos... A chegada de sua mãe e Suze em Gramado e os sonhos que ousara construir quando pensou que sua vida havia finalmente tomado um novo rumo... A dor que sentiu em seu peito quando soube que Marcos havia embarcado para Londres... A descoberta da gravidez... A chegada de Carlos... E a despedida novamente de Suze...

Mas as lágrimas haviam ajudado, aliviaram um pouco a dor em seu peito e clarearam as ideias. Por isso, quando chegou à rodoviária Tietê, em São Paulo, o lado prático de sua mente já havia tomado uma decisão muito importante: venderia o único bem valioso que tinha: um conjunto de colar, pulseira e anel em ouro com pequeninas pedras de safira que herdara da avó materna. Assim, com algumas economias e o dinheiro que arrecadasse pela venda das joias, alugaria um quarto de pensão e começaria a procurar emprego no dia seguinte.

Em seguida, prometeu a si mesma que nunca mais pensaria no passado. Precisava ser assim. Caso contrário, não conseguiria mais tocar a própria vida.

Quase dois meses se passaram e Margarida estava começando a ficar desesperada. Seu dinheiro estava acabando e ela não tinha encontrado emprego. Além disso, seu corpo já estava sofrendo pequenas alterações por causa da gravidez e isso poderia atrapalhar muito a sua conquista por um emprego.

Dessa forma, antes que seu corpo mudasse mais e que seu dinheiro acabasse por completo, ela decidiu que se submeteria a qualquer tipo de trabalho, qualquer tipo mesmo. *Desde que seja honesto*, pensou.

E perambulou pela cidade até que uma pequena placa, colocada na parede de um escritório de advocacia, chamou-lhe a atenção. "Precisa-se de babá".

Rapidamente, ela entrou e se dirigiu à recepção, onde havia duas mulheres detrás de uma mesa.

— Bom dia. Com quem eu poderia falar sobre a vaga de babá?

— Qual o seu nome? — perguntou uma delas.

— Margarida Esteves.

— Por favor, preencha essa ficha de solicitação de emprego e entregue para mim, quando terminar — disse a moça, após pegar uma prancheta e um formulário em uma gaveta e entregá-los a Margarida.

Ansiosa, ela dirigiu-se até uma das poltronas no canto da sala. Preencheu rapidamente a ficha e entregou de volta à moça que lhe atendeu.

— Aguarde um momento — pediu, antes de levantar-se e desaparecer em um corredor à esquerda da sala de recepção.

Um instante depois, retornou e solicitou que Margarida a acompanhasse. Cada vez mais ansiosa, Margarida seguiu sua discreta e elegante guia até

uma sala, no final do corredor.

— Doutor Otávio, esta é Margarida Esteves, candidata à vaga.

Um homem que apresentava ter aproximadamente cinquenta e poucos anos, com cabelos meio grisalhos, olhos azuis celestes e um rosto inquestionavelmente bonito, levantou-se e estendeu a mão para Margarida, cumprimentando-a. Depois, apontou uma cadeira de couro que ficava em frente à sua escrivaninha e solicitou:

— Sente-se, por favor.

Margarida sentou e procurou controlar a ansiedade, enquanto Otávio analisava a ficha que ela preencheria.

— A senhorita parece muito jovem. — Ele comentou. — Tem realmente dezoito anos?

— Sim, tenho — respondeu ela, e imediatamente retirou da bolsa seu documento de identidade e entregou a Otávio.

Ele observou ligeiramente o documento e iniciou uma entrevista rápida, de praxe:

— Mora com seus pais?

— Não. Moro sozinha.

— Sozinha?! E seus pais? — perguntou.

— Meu pai faleceu há onze anos e minha mãe mora atualmente no Rio Grande do Sul.

— Então deve ser muito corajosa. Afinal, para alguém tão jovem como você, não deve ser fácil morar sozinha nesta cidade.

— Há momentos em nossa vida que precisamos aprender a nos virar — declarou Margarida.

— Concordo — disse Otávio, ligeiramente impressionado com o grau de amadurecimento da jovem à sua frente. — E qual sua escolaridade?

— Vou terminar o último ano do segundo grau assim que puder voltar a estudar. Depois, quero fazer um curso universitário.

— Isso é muito bom. E o que pretende fazer?

— Direito. Quero ser advogada.

— E por quê? — quis saber ele.

— Justiça. — Ela respondeu a primeira palavra que veio à sua mente. E de repente compreendeu a força e a importância que aquela palavra tinha em sua vida. Sim, aquele era um ideal que ela vinha acalentando em seu coração há algum tempo e que subitamente compreendera.

Otávio franziu levemente o cenho, quando percebeu algo faiscar nos olhos de Margarida.

— Mas, neste exato momento — ela continuou, sem perder o ritmo —, tudo o que eu preciso é de uma chance para começar a trabalhar. E eu posso lhe garantir que se for me dada esta chance, não o decepcionarei. Além disso, eu adoraria trabalhar com crianças.

— Muito bem, senhorita — começou ele. — Porém, há um detalhe, não se

trata de uma criança e sim de um adulto. E o serviço não será de babá, mas sim de acompanhante... — Fez uma pequena pausa, a fim de estudar a expressão de Margarida. — Sei que pode parecer estranho isso, afinal a placa indica a vaga de babá. Mas quando resolvi colocar a placa, achei que poderia não soar muito bem a expressão acompanhante, por isso achei melhor aliviar a expressão e explicar do que se trata pessoalmente.

Ele voltou a fitá-la por um instante, e, ao perceber que a expressão facial dela não se alterara, prosseguiu:

— Meu filho de apenas 25 anos sofreu um terrível acidente há quase um ano e ficou paraplégico. E, desde então, tivemos várias enfermeiras, mas não deu certo.

Não havia qualquer necessidade de se aprofundar no assunto e comentar que, desde que se acidentara, William tornara-se rebelde e agressivo, pensou Otávio. Assim como não havia qualquer necessidade de comentar que todas as enfermeiras que passaram por sua casa foram demitidas aos gritos pelo rapaz.

— William sempre levou uma vida social intensa, pois trabalhava durante a semana aqui no escritório e aos finais de semana estava sempre com os amigos, nos clubes e nas festas. Adorava vários tipos de esporte e, sempre que podia, saía para acampar com os amigos. Mas, desde o acidente, ele não sai mais de casa, isolou-se por completo. Por isso, minha esposa e eu achamos que seria melhor contratar uma pessoa que pudesse lhe fazer companhia.

Olhou outra vez para Margarida e aguardou por algum comentário. Como ela permanecia calada, continuou:

— Agora que a senhorita sabe do que se trata, ainda assim deseja esta vaga? Pagarei bem.

— Sim, eu aceito — respondeu ela, sem hesitar, apesar de intuir que o caso talvez fosse um pouco mais complexo do que Otávio lhe passara.

Capítulo Seis

04 de Setembro de 1989 — 08h35min

Margarida chegou com quase meia hora de antecedência do horário marcado por Otávio, e permaneceu em frente ao imenso portão da casa da família Fraga, aguardando até o horário combinado. Não queria parecer muito ansiosa, ao ponto de incomodar dona Eloísa, esposa do doutor Otávio.

Enquanto isso, ela tentava imaginar como seria a casa que estava por trás do imenso portão de madeira e do vasto muro à sua frente. O muro alto que circundava todo o quintal não permitia que se visualizasse nada que havia lá dentro, apenas imaginar a beleza e imponência da casa e de seus moradores.

De repente, uma voz grave ressoou pelo porteiro eletrônico:

— A senhorita deseja alguma coisa?

Ela quase caiu de susto. Não havia notado uma pequena câmera no canto superior do portão focalizada em sua direção.

— Eu... Eu gostaria de falar com a dona Eloísa.

— E a quem devo anunciar?

— Margarida Esteves.

— Só um momento, por favor.

Alguns instantes depois, um rapaz abriu o portão.

— Me acompanhe, por favor.

Nossa, que jardim maravilhoso!, pensou Margarida, enquanto seguia o sisudo segurança pelo quintal enorme. E ficou ainda mais impressionada quando avistou a casa. Ela já vira casas parecidas com aquela em novelas ou filmes, mas aquela superava todas as que tinha visto, concluiu, deslumbrada.

— Aguarde aqui. Dona Eloísa já virá atendê-la — avisou-lhe o segurança, e deixou-a aguardando na sala principal.

Logo em seguida, uma senhora, aparentando um pouco mais de cinquenta anos, surgiu discretamente por uma das portas que davam acesso à sala. Era baixa e um pouco gordinha, porém sua postura e sua maneira de se vestir a tornavam elegante.

— Senhorita Margarida, sou Eloísa Fraga.

— Muito prazer, dona Eloísa.

Ela fez um gesto delicado indicando o sofá para Margarida e sentou-se ao lado.

— Antes de apresentá-la a meu filho, gostaria de explicar-lhe algumas coisas... William sempre foi um rapaz muito bom e sem vícios. Seu defeito, se é que podemos denominar dessa forma, é que sempre gostou de fazer esportes radicais... — Uma nuvem de lágrima se formou nos olhos de Eloísa, mas ela não permitiu que as lágrimas caíssem. — No ano passado, ele foi pular de paraquedas e sofreu um grave acidente... William não recorda exatamente o que aconteceu, lembra apenas que, ao pular do avião, sentiu uma certa

vertigem. Lembra também que tentou suportar até uma determinada altura, e que conseguiu puxar a válvula para abrir o pára-quedas. Daí por diante, não se recorda de mais nada.

Outra nuvem de lágrima se formou nos olhos de Eloísa, mas ela tornou a se controlar.

— Foi um acidente muito estúpido, do tipo que a gente nunca imagina que um dia pode acontecer... William caiu desmaiado sobre uma pedra e ficou entre a vida e a morte. Deus, porém, foi piedoso e permitiu que meu único filho sobrevivesse. Todavia, infelizmente, ele ficou paraplégico.

— E ele tem alguma chance de voltar a andar? — perguntou Margarida, comovida com a história.

— Talvez... Tenho esperança que isso aconteça um dia, apesar de William ter desistido de fazer a fisioterapia — disse ela com a voz falha. — Ele se isolou. É como se tivesse desistido de vi...

Eloísa interrompeu a conversa ao ouvir um barulho na escada, à direita da sala. E ambas viraram-se quase que instantaneamente para o belo rapaz de olhos azuis que descia os degraus, sobre uma cadeira de rodas, carregada por dois fortes seguranças.

— Bom dia, meu querido.

— Bom dia, mãe.

— Quero apresentar-lhe uma pessoa que me ajudará a cuidar de você. Ele pousou os olhos em Margarida e examinou-a sem pressa, antes de perguntar:

— Mais uma enfermeira?

Apesar do tom duro de reprovação na voz, Eloísa percebeu um brilho diferente nos olhos melancólicos de William.

— Não, querido, ela não é enfermeira, mas me ajudará a cuidar de você.

Margarida sentia as faces queimando como fogo. O rapaz à sua frente tinha uma beleza incomum.

— Não acha que já sou bem grandinho para precisar de uma babá?

O tom de voz de William continuou duro, mas Eloísa notou agora um esboço de um sorriso em seus lábios. Algo que há muito tempo não via.

— Acho, mas a Margarida também não é babá, meu querido.

William achou que o nome da garota à sua frente combinava inteiramente com ela. Afinal, ela parecia tão delicada e perfeita como uma flor.

— Como vai, Margarida?

Ela levantou-se depressa e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Muito bem, obrigada. E você?

Ele tomou a mão macia dela na sua e segurou por uma fração de tempo a mais.

— Estou bem.

Semanas depois... Sábado

O humor de William costumava oscilar frequentemente, mas era quase impossível manter-se mal-humorado por muito tempo ao lado de Margarida. Ela era cheia de vida, de alegria, e o tempo passava rápido quando ela estava ao seu lado.

— Eu estava pensando... Vamos fazer algo diferente hoje? — perguntou ela, com um sorriso.

Ele baixou o livro que estava lendo.

— O quê, por exemplo?

— Ah, sei lá! Poderíamos ir a uma praça ou talvez a uma lanchonete. O que você acha?

— Hã-hã.

— E por que não? — perguntou, embora soubesse que, desde o acidente, William só saía de casa para ocasiões muito especiais. — Há dias ficamos sentados à beira da piscina ou lendo na biblioteca.

— Não. Nem pensar. Não quero ser alvo de pena ou de zombaria.

— Puxa, William, eu não acho que seja assim.

— Já lhe disse que não! Não insista. Você nunca poderá entender o que é...

— Ah, pelo amor de Deus, pare de sentir dó de si mesmo! Você acha que é só você que tem problemas? — disparou ela, de repente. E no mesmo instante se arrependeu. — Desculpe. Eu não queria falar isso.

— Lógico que queria — disse William, com um misto de fúria, surpresa e mágoa. Nunca ninguém ousara falar assim com ele.

— Não, eu não...

— Para você é fácil falar. Não é você que está sobre uma cadeira de rodas!

— Eu sei que não. Mas eu apenas queria... Puxa vida, William, eu apenas queria incentivá-lo a sair e se divertir um pouco, pois achei que isso... ou melhor, eu acho que isso lhe fará bem...

O brilho nos olhos azuis de William era de uma advertência inconfundível. Mesmo assim, ela continuou:

— E eu prometo que não vamos demorar.

— Você é mesmo insistente, hein? — Disse ele, irritado, mas, um momento depois, concordou. — Vamos a uma praça que fica próxima daqui, tá bom assim?

Margarida vibrou com sua pequena vitória.

— Está ótimo!

Eles ficaram um longo tempo ali, contemplando as crianças brincando. Quando uma bola foi jogada aos pés de William, um menino, de mais ou menos cinco ou seis anos de idade, veio correndo ao seu encontro.

— Tio, por favor, me passa a bola.

Com enorme esforço, William esticou os braços e entregou a bola ao garotinho. Depois, perguntou a Margarida:

— Você gosta de crianças?

Ela estava com seus pensamentos longe.

- Ei, você está me ouvindo?
- Oh, desculpe! O que disse?
- Perguntei se você gosta de crianças.

Num gesto maternal automático, ela levou a mão à barriga. Em seguida, disfarçou.

- Ah, sim. Adoro.
- E você tem irmãos?
- Tenho uma irmã de nove anos.
- Deve sentir falta dela, não é?
- Sinto, sim. Sinto muita falta.

— Também gosto muito de crianças — comentou William, com uma pontada de amargura. — Sempre quis ter irmãos, mas, infelizmente, minha mãe não pôde ter mais filhos. Talvez por isso sempre pensei em ter muitos filhos. Mas acho que Deus não quis assim. Eu cresci sozinho e, pelo jeito, vou morrer sozinho também.

O coração de Margarida se condeou por ele. Apesar disso, ela foi firme.

— Mas você não está sozinho. Tem sua mãe e seu pai que lhe amam muito.

— Até quando? — perguntou ele com voz levemente embargada. — Sei que eles não viverão eternamente. E quando eles morrerem, o que vou fazer da minha vida? — A voz embargou por completo agora. Era a primeira vez que ele desabafava com alguém seus sentimentos. — Todos sonham em ter uma família, mas eu nunca poderei ter...

— Você não deve pensar assim — insistiu Margarida. — Tem que ter fé. Não pode desistir.

Ele lançou-lhe um olhar rápido e triste, antes de murmurar:

— Você nunca vai compreender.

— Claro que compreendo.

— Não, não compreende — murmurou ele novamente. Como a jovem à sua frente poderia compreender como se sentia um homem ao imaginar que nunca mais poderia voltar a andar? Como ela poderia compreender o que um homem sentia ao imaginar que nunca mais poderia ter uma relação sexual normal?, pensou.

Ela fitou-o com uma expressão de profunda ternura.

— Talvez você tenha razão, William... Talvez seja mesmo difícil para a maioria das pessoas entender o que você está passando agora. Mas, por favor, não diga que eu não entendo, porque eu entendo sim.

Ele ficou calado, com os olhos intensos perdidos no horizonte. Margarida pegou em seu queixo e girou o rosto em sua direção, obrigando-o a fitá-la.

— William, por que não volta a fazer as sessões de fisioterapia?

— Para quê? Fiz fisioterapia por quase um ano e não adiantou nada.

— Eu imagino o quanto isso foi frustrante para você — disse ela, olhando dentro dos olhos dele —, mas você não deve desistir, William. Jamais desista dos seus sonhos.

Havia mais de dois meses que Margarida trabalhava para os Fraga, e, pelas suas contas, encontrava-se com quase seis meses de gravidez.

Oh, Deus, eu tenho de contar a eles que estou grávida, pensava a todo instante. *Não posso continuar usando cintas para esconder a barriga. Podem estar fazendo mal a meu filho. Além disso, não vou conseguir esconder essa gravidez por muito mais tempo*, dizia a si mesma, quando se observava no espelho e reparava que, apesar de todo o seu sacrifício para esconder a barriguinha, ela estava cada vez mais evidente.

Mas toda vez que tentava abordar o assunto com William, sua voz sumia por completo. *Ah, meu Deus, eu tenho de criar coragem e falar...*

— Guida, andei pensando muito ultimamente e resolvi seguir seu conselho. Vou voltar a fazer fisioterapia e pretendo comunicar isso a meus pais logo após o almoço. O que você acha?

— O que eu acho?! — respondeu, com um sorriso estampado no rosto. — Acho maravilhoso, William! Maravilhoso! E sei que seus pais vão ficar muito felizes também.

— Mas tem um detalhe...

— Um detalhe? Qual?

— Terá de almoçar conosco.

— Quem?! Eu? Oras, mas por que isso, William?

Ele a fitou sem responder. Não tinha exatamente um motivo para seu pedido, apenas desejava sua presença naquele momento que era tão importante para ele e seus pais.

— E se seus pais não gostarem?

— E por que não iriam gostar? Lógico que vão gostar.

Ela não tinha tanta certeza assim, por isso continuou hesitante.

— Ahn...

— Não aceito um não como resposta.

— Sendo assim — disse ela com um sorriso acanhado —, eu aceito.

Um instante depois, Eloísa entrou na biblioteca para avisar a William que o almoço estava pronto e que seu pai já havia chegado.

— Mãe, hoje eu tenho uma convidada.

— Uma convidada?! — perguntou Eloísa, inevitavelmente surpresa. — E quem é a sua convidada?

— A Guida — retornou ele com naturalidade. — Quero que ela me ajude a dar uma notícia que sei que vocês vão gostar muito.

A surpresa logo deu margem à curiosidade. Todavia, Eloísa não fez quaisquer perguntas, apenas comentou:

— Está certo. Vou pedir para colocar mais um prato na mesa.

Embora estivesse faminta, Margarida quase não conseguiu comer. A timidez era tanta que ela se sentia sufocada.

— Filho, sua mãe me disse que você tem algo a nos contar e confesso que estou ansioso — começou Otávio, após terminarem o almoço.

— Bem, é que eu tomei uma decisão que deixará vocês muito felizes... — falou William, fazendo mistério.

— Pois então conte logo, querido — solicitou Eloísa.

Divertido, William lançou um olhar para Margarida e perguntou:

— Quer que eu conte ou você conta?

— Acho melhor você contar — respondeu ela.

— Pai, mãe, resolvi voltar a fazer fisioterapia.

— Que notícia maravilhosa, meu filho! — disse Otávio, reprimindo as lágrimas que afloraram no canto dos olhos. — Isso merece um brinde!

Enquanto isso, a fortaleza que sempre fora Eloísa deixava as lágrimas correrem livremente. Ela jamais perdera a esperança que William pudesse voltar à fisioterapia. Jamais! Mas houve um tempo em que ela não sabia como convencê-lo a isso. Por isso, tinha certeza que fora Margarida quem conseguira aquela proeza. E ela precisava encontrar alguma forma de compensar tanta dedicação.

Todos os dias, Margarida acompanhava William à clínica de reabilitação, e sempre se mostrava muito interessada em que tudo o que o fisioterapeuta falava em relação ao problema do rapaz. Contudo, ela queria conversar a sós com o médico responsável pelo tratamento de William; assim, no dia em que essa oportunidade apareceu, ela crivou-o de perguntas:

— Doutor, quais são as chances do William voltar a andar?

— Depende muito de como ele vai reagir ao tratamento.

— Como assim? Quer dizer que ele poderá ficar paraplégicos para sempre?

Imaginei que havia boas chances de ele voltar a andar.

— E há. Mas...

— Mas não há garantias, não é mesmo?

— Não. Infelizmente, não. Afinal, todos os problemas que envolvem o cérebro, são muito mais complicados. Já acompanhei vários casos de pessoas que eu acreditei que jamais voltariam a andar e o tempo me mostrou que eu estava errado. Por isso, hoje eu acredito que nada é impossível para a ciência. Quanto ao William, sinceramente, tenho esperança que ele consiga voltar a andar. Entretanto, em casos assim, depende muito do paciente. É essencial que o paciente acredite; do contrário, posso lhe assegurar que não há remédio ou terapia que consiga a cura.

Dois semanas depois...

Margarida não conseguia mais dormir direito à noite, pensando numa forma de contar a William e aos pais dele que estava grávida. Tinha muito medo de como eles reagiriam à notícia, que a mandassem embora, mas não podia mais aguardar para contar. A barriga estava cada vez mais saliente, apesar das cintas e das camisetas largas.

— William, eu... eu preciso falar com você — disse, assim que chegou à casa

da família Fraga.

— O que foi? Algum problema? — perguntou preocupado, ao vê-la tão abatida.

— Preciso lhe contar uma coisa muito importante...

— Então vamos à biblioteca — sugeriu. — Lá poderemos conversar melhor.

Olhos baixos, Margarida sentou-se à frente de William. Faltava-lhe coragem para começar.

— O que aconteceu? Posso ajudar?

Ela permaneceu em silêncio por alguns instantes. Tentava reunir coragem suficiente para falar.

— Talvez... William, eu... eu estou grávida. Por favor, me perdoe por ter omitido isso até agora, mas é que eu não sabia como dizer isso a vocês, já que preciso muito deste emprego.

— Posso lhe contar um segredo? — tornou ele, com uma tranquilidade que a deixou aturdida.

— Pode.

— Eu e meus pais já desconfiávamos.

Ela o olhou surpresa. O coração a mil.

— Vocês desconfiavam que eu... que eu...?

— Sim — respondeu, tranquilamente.

— E devem estar decepcionados comigo por eu não ter contado antes...

— Não, não estamos. E meus pais e eu já havíamos combinado que se realmente você estivesse grávida, iríamos ajudar no que fosse preciso.

— Eu... eu nem sei o que dizer. — Ela mal conseguia falar. Sentia-se feliz demais para expressar em palavras o seu agradecimento. — E eu... posso saber como descobriram?

— Minha mãe foi a primeira a desconfiar — comentou William, esboçando um sorriso jovial. — Mas você acha mesmo que não iríamos notar essa barriguinha pontuda?

Margarida passou a mão pela barriga e lágrimas de alívio afloraram rapidamente em seus olhos. *É, seria impossível não notar.*

Capítulo Sete

21 de Dezembro de 1989...

Devido ao acidente ocorrido com o filho, o fim de ano anterior tinha sido um terrível pesadelo. Mas aquele seria diferente, prometera Eloísa a si mesma. Muito diferente.

Ela e Otávio queriam apagar aquelas lembranças ruins do acidente de suas mentes, preparando uma grande festa para o Natal e para o Réveillon, embora, por exigência de William, haviam sido convidados apenas os familiares e mais um seletos grupo de amigos.

Margarida fora convidada e estava muito ansiosa e feliz. Afinal, apesar de tudo o que vinha enfrentando, muita coisa havia mudado em sua vida naquele ano. Além disso, ela não iria passar o Natal e a véspera de Ano Novo sozinha, como havia imaginado. Também conseguira economizar bastante nos últimos meses para comprar o enxoval do bebê e alguns presentes.

Na antevéspera do Natal, pediu permissão a William para sair mais cedo e foi fazer suas tão sonhadas compras num shopping, onde comprou um belo vestido para Suzane e também um jarro colorido para a mãe e outro para Eloísa.

A seguir, rodou durante horas pelo *shopping* até encontrar uma gravata de seda para Otávio e um presente especial para William: uma medalha de prata que tinha esculpido o rosto de Jesus Cristo, e ela pediu para que fosse gravado atrás da medalha uma mensagem de fé: "Jamais desista de seus sonhos, William. Jamais!".

Depois, finalmente, comprou as roupinhas para o neném: macacõezinhos, sapatinhos, meinhas e vários conjuntinhos nas cores verde, branca e amarela.

Se ele for parecido com o Marcos, pensava ela, será um lindo menino.

Aliás, Margarida tinha quase certeza de que seria um menino, muito embora o último ultrassom não tivesse revelado o sexo do bebê. Ela já estava com quase oito meses de gestação, e, desde que contara a William, a barriga havia crescido muito. Era como se o bebê estivesse apenas aguardando que ela falasse a verdade para começar a crescer.

24 de Dezembro de 1989 — 21h...

Aos poucos, os convidados foram chegando, e logo já se podia ouvir vozes e risos abafados por todos os cantos da casa. Porém, Marcelo, o irmão mais velho de Otávio, ficou encostado num canto isolado da sala, enquanto tragava seu cigarro e, de vez em quando, bebericava o uísque em seu copo.

Margarida e William encostaram ao seu lado.

— Como vai, doutor Marcelo? — perguntou ela.

— Estou bem, obrigado. E vocês?

— Nós estamos bem — respondeu Margarida com um sorriso, ao perceber que ele estava se referindo a ela e ao bebê.

William cumprimentou o tio com um sorriso descontraído e um demorado aperto de mão.

— E aí, tio, como tem passado?

— Eu é que deveria fazer essa pergunta — tornou Marcelo —. Mas acho que já tenho a resposta.

Ainda sorrindo, William acenou com a cabeça para um jovem de vinte e dois anos que conhecera recentemente na clínica de reabilitação e acabara de chegar. Em seguida, moveu sua cadeira de rodas para ir ao encontro do jovem que, apesar de também ter ficado paraplégico, após sofrer um acidente de carro em que morrera três pessoas, parecia nunca se abalar pela tristeza e ainda era o capitão do time de basquetebol da clínica.

— Com licença.

Marcelo acompanhou o sobrinho com os olhos por alguns instantes, antes de desviar sua atenção para Margarida e comentar:

— Já faz algum tempo que eu não via o William sorrindo assim.

— Acho que a fisioterapia está lhe fazendo muito bem — disse Margarida.

Não havia dúvidas de que a fisioterapia estava fazendo bem a seu sobrinho, pensou Marcelo, mas, com certeza, esse não era o motivo daquele brilho em seu olhar, concluiu ele, enquanto fitava a bela grávida ao seu lado.

— Soube que você deseja ser advogada, é verdade?

— Oh, sim. O ano que vem vou voltar a estudar para terminar o último ano do segundo grau. Depois, pretendo fazer faculdade de Direito.

— E em qual área você pretende atuar?

— Na área criminalística.

— E por quê? — quis saber Marcelo.

— Penso que só a justiça pode fazer com que as pessoas paguem por seus atos — tornou ela, com cuidado para não deixar transparecer qualquer melancolia em seu tom de voz.

— Essa não é uma área fácil — disse ele, ao lembrar-se do jovem idealista que montara com muito sacrifício um escritório no bairro onde morava, na periferia da cidade, mas não queria pegar qualquer causa porque acreditava que poderia manter-se defendendo apenas os “bons”. — Digo isso por experiência própria.

— Eu sei que não deve ser fácil, doutor Marcelo, mas eu vou conseguir. Tenho muita fé nisso.

Marcelo também não tinha dúvidas de que Margarida fosse realizar seu sonho, afinal ele também viera de uma família pobre e conseguiu vencer na vida. Mas ele somente conseguiu isso quando esqueceu todo o seu idealismo juvenil e passou a pegar todos os casos que batiam à sua porta, *depois que vendeu a alma ao diabo*, como ele próprio costumava dizer. E também foi somente assim que pôde ajudar o irmão mais novo, Otávio, a pagar a

faculdade e tirar seu diploma.

— Eu não tenho nenhuma dúvida disso, minha jovem — comentou com uma expressão quase paternal. — Mas, se precisar de uma ajudazinha, não hesite em contar comigo.

E a conversa continuou fluindo prazerosa e alegre entre os dois durante um longo e bom tempo.

Margarida gostava muito de conversar com Marcelo, apesar de sua fama de “velho ranzinza e rabugento” entre os demais empregados da casa. Mas ela, de fato, não achava dessa forma. Muito pelo contrário. Simpatizara com ele desde a primeira vez que o viu, e tinha certeza que o sentimento fora recíproco.

JANEIRO DE 1990...

Margarida escrevera à mãe informando sobre a gravidez e a data provável do nascimento do bebê, mas não obtivera qualquer resposta à sua carta. Sentindo-se desamparada e sozinha, ela então chegava mais cedo ao trabalho para conversar com Ana, uma das empregadas mais antigas da casa. E aproveitava também para tirar suas dúvidas:

— Qual será a melhor opção para ter o bebê, parto normal ou cesárea? — quis saber.

— Óxente, menina — respondeu Ana com um sotaque nordestino acentuado, embora fizesse mais de vinte anos que ela trocara o estado da Bahia por São Paulo —, na minha terra não tem esse negócio de cesárea, não.

— Não?!

— Não. Lá a gente tem filho em casa e quem faz o parto é a parteira.

— Mas... e as dores? — quis saber ainda Margarida. — Dói muito? Eu estou morrendo de medo.

— Eu não posso mentir para você. As dores são realmente terríveis. Mas dá para suportar.

Aquela afirmação não era suficiente para espantar o medo. Ao contrário disso.

— E se eu não suportar?

A mulher sorriu generosamente.

— Não tenha medo, não, minha filha. Tudo sempre dá certo no final.

Margarida ia fazer mais algumas perguntas, quando subitamente Eloísa entrou na cozinha e a chamou para a sala de estar.

— Estive conversando há alguns dias com Otávio e William sobre sua gravidez e pensamos em indicar a você um obstetra amigo da família — disse ela, após acomodar-se no sofá e convidar Margarida para sentar-se ao seu lado.

— Não há necessidade, dona Eloísa. Eu já estou fazendo o pré-natal em um posto de saúde próximo à pensão onde moro.

— Eu sei, Guida, mas nós fazemos questão.

— Desculpe, mas eu não posso... Não tenho condições de pagar um médico particular.

— Não precisa se preocupar com isso. Será tudo por nossa conta. Aquilo fora uma completa surpresa para Margarida.

— Puxa, dona Eloísa, eu nem sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada — falou Eloísa. — Gostaria também que você mudasse para cá. Está muito próximo do nascimento do bebê e sabemos que na pensão onde mora poderá não receber o tratamento adequado.

Apesar de não ser orgulhosa, Margarida tinha vergonha de admitir a situação degradante em que vivia na pensão.

— Não é necessário. Eu...

William surgiu no alto da escada.

— Sobre o que tanto conversam essas mulheres? — brincou, quando terminou de descer os degraus, apoiado pelos seguranças.

— Eu estava falando a Guida para vir morar aqui. Temos um quarto sobrando nos fundos e podemos arrumar para ela.

O rapaz pareceu surpreso, mas fora ele próprio que mandara investigar as condições em que Margarida vivia, e, ao descobrir que o local onde ela morava mais parecia um casebre abandonado do que uma pensão, conversou com os pais para aceitarem que ela se mudasse para lá.

— Que boa ideia, mãe!

— Mas eu... eu nem sei o que dizer... — tornou Margarida.

— Diga apenas que sim — retrucou William com um sorriso, após ser acomodado no sofá.

— Oh, Deus... — murmurou, emocionada. — Eu não esperava por isso. Obrigada!

E naquela mesma semana, Margarida foi examinada pelo médico indicado. E William fez questão de acompanhá-la.

26 DE JANEIRO DE 1990 — 11H...

— Está tudo bem com você? — perguntou William, ao baixar o livro que estava lendo e reparar a fisionomia abatida de Margarida.

De fato, ela não estava se sentindo bem desde a noite anterior, porém piorara muito nas últimas horas. Além disso, o ambiente fechado da biblioteca parecia estar sufocando-a.

— Desculpe, William... Eu realmente não estou me sentindo tão bem hoje.

— Algo sério? Posso ajudar?

— Não... Nada sério. Não se preocupe.

— Tem certeza?

— Tenho. Mas... Se você não se incomodar, eu gostaria de repousar um pouco.

— Não, não me incomodo — William ficou obviamente preocupado; nunca

vira Margarida daquele jeito. Ela estava abatida demais. — Qualquer problema, me avise.

— Tá. Pode deixar.

Ela saiu e William ficou olhando-a se afastar. Ela realmente não parecia bem. Alguns minutos depois, Eloísa entrou no quarto de Margarida a fim de saber o que estava acontecendo.

— William comentou que você não está bem. Posso saber o que está sentindo?

— Não é nada grave. Estou apenas com um pouco de dor na barriga.

— Sua bolsa estourou?

— Acho que estourou ontem à noite, pois acordei toda molhada.

— Humm... Então, finalmente, chegou a hora deste beber nascer — comentou Eloísa com um sorriso sutil nos lábios — Temos que avisar ao doutor Carlos.

Margarida foi conduzida imediatamente ao hospital, e as contrações estavam cada vez mais próximas e fortes.

— Tenha calma, mamãe — comentou uma das enfermeiras que a levava até o quarto. — Agora falta pouco.

Ela olhou para William e Eloísa ao seu lado. Parecia que não ia suportar tanta dor.

— Dona Eloísa, a dor é assim mesmo?

— É assim mesmo. Força, menina.

Aflito, William não sabia o que falar nem o que fazer.

— Mãe, não seria melhor ligar novamente para o doutor Carlos? Ele está demorando mui...

— Já estou aqui, William — disse o médico, que acabara de chegar. — Como está se sentindo, mamãe?

— Péssima! — respondeu baixinho, quase para si mesma.

O médico pediu para William sair do quarto e fez um exame de toque vaginal em Margarida, antes de comentar:

— É, mamãe, vamos para a sala de operação que o bebê está com pressa.

A dor era tão forte quando Margarida fora conduzida para a sala de cirurgia que ela nem percebera a aflição de William, quando passou por ele.

— Força, mamãe — pedia o médico, o tempo inteiro. — Só falta mais um pouco.

— Acho que não vou conseguir — disse ela, quando começou o trabalho de parto.

— Claro que vai! Vamos, força. Falta pouco agora.

Desesperada, ela sentiu que toda a sua força estava se esvaindo rapidamente. Por isso, uniu toda a energia que ainda lhe restava e gritou de alívio, quando ouviu o chorinho do seu bebê.

— É um menino, mamãe! Parabéns! — disse o médico. — É um lindo menino!

Lágrimas correram lentamente por seu rosto quando uma estranha sensação

de perda inundou seu corpo. Seu bebê não estava mais dentro de seu ventre para que pudesse protegê-lo. Mas quando a enfermeira trouxe seu filho e colocou-o sobre seu peito por alguns segundos, a alegria voltou a tomar conta de sua alma. Agora ele estava ali, para que ela pudesse envolvê-lo em seus braços e acariciá-lo. *Oh, Deus, obrigada. Muito obrigada!*

— Seu filho é perfeito — disse-lhe a enfermeira, antes de retirar a criança de seus braços. — Pode descansar agora.

Ela sentiu vontade de gritar para que a mulher deixasse seu bebê ali, ao seu lado. Contudo, estava fraca demais para isso.

O médico foi à sala de espera, e William, ao vê-lo, foi logo perguntando:

— Como ela está, doutor? E o bebê? Como está o bebê?

— Calma, meu rapaz. Está tudo bem — disse o médico, rindo. — Ela deu à luz a um menino e ambos estão ótimos.

O coração de William transbordou de alegria. Nunca havia sentido por outra pessoa o que estava sentindo por Guida. *Mas o que um paraplégico inútil pode oferecer a ela?*, pensou, e um gosto amargo veio em sua boca. *Nunca poderei tê-la.*

— Algum problema? — perguntou Carlos ao ver a expressão de amargura estampada no rosto de William.

— Não, doutor. Está tudo bem.

— Está tudo bem mesmo, filho? — perguntou Eloísa, preocupada.

— Claro que sim — reafirmou William com um sorriso, para disfarçar sua angústia.

Estava quase amanhecendo quando Margarida despertou. Tivera a impressão de ter ouvido o chorinho do bebê. Olhou à sua volta e ficou emocionada ao ver William com seu filho no colo; embora, no fundo de seu coração, desejasse que fosse Marcos que estivesse ali.

— Você leva jeito para isso — disse, sorrindo.

Ele levou um pequeno susto. Estava tão entretido com o bebê que nem percebeu quando ela acordou.

— Obrigado. É um lindo garoto! A sua cara... Mas, a quem ele puxou esses olhos tão verdes? Ao pai? — Pela primeira vez, William perguntava sobre o pai da criança, mas se arrependeu logo em seguida. — Não precisa falar, se não quiser.

— Não há nenhum problema em falar no pai dele — disse ela. Porém, não se aprofundou no assunto.

— E você já escolheu um nome para ele?

— Eu pensei em vários nomes, mas ainda estou em dúvida. Que tal Rodolfo? — Ela perguntou.

— Humm... Muito sério.

— E Rogério?

— Mais ou menos.

— Humberto?

— Não combina muito com ele.

Ela franziu o rosto. E, de súbito, teve a impressão que William gostaria de escolher o nome.

— Tem alguma sugestão?

Os olhos dele se iluminaram, e ela se sentiu feliz por isso.

— Frederico. Acho um bonito nome.

— Então, está escolhido o nome. — Ela ajeitou-se na cama. — Agora, preciso amamentar meu pequeno Frederico.

Com todo cuidado, William colocou o bebê no colo de Margarida para que ela pudesse amamentá-lo; depois, ficou contemplando-os, com os olhos marejados e o coração batendo forte. Há muito tempo não se sentia tão feliz.

Capítulo Oito

Um mês e pouco depois...

Não fora uma decisão nada fácil, mas necessária. Margarida decidiu deixar Fred em uma escola-creche próxima à mansão da família Fraga. Afinal, as aulas começariam em uma semana e ela também precisava dar um jeito de retomar seu trabalho. Já havia abusado demais da paciência dos Fraga, pensava ela, pois, durante todo esse tempo, ela nada fizera além de cuidar do próprio filho além disso, tivera todos os cuidados e atenção que jamais sonhara ter, tanto dos demais empregados da casa quanto dos pais de William. Porém não convinha abusar. Por isso, ela não tinha dúvidas que tomara a melhor decisão quanto ao filho. E ela poderia visitá-lo a qualquer momento do dia. Outro ponto positivo é que a creche funcionava vinte e quatro horas, então o menino poderia ficar lá até o horário que ela chegasse da escola.

No entanto, quando ela falou de sua intenção a William, ele ficou indignado.

— Em hipótese alguma. Não há motivos para deixá-lo em uma creche. Além do mais, ele é ainda muito pequeno.

— Sei disso, William, mas... essa creche é ótima — murmurou ela, para não assustar o bebê em seu colo. — Fui lá pessoalmente conhecer. E eu vou chegar muito tarde da escola, então...

— Ele pode ficar comigo até você chegar.

— Não, William, isso não está certo.

— E por que não? — quis saber ele.

— Oras, porque não.

— Mas sou eu que estou pedindo.

— Olha, William — ela tentou argumentar —, a decisão não foi nada fácil para mim, mas eu tenho certeza que estou fazendo a coisa certa...

— Que diabo de mulher mais teimosa! — resmungou William. — Eu já lhe disse que não há motivos para deixá-lo numa creche, sobretudo a noite.

— Mas não tem porque se preocupar. Eu sei o que estou fazendo...

— Mas eu me preocupo!

Ele virou a cadeira de rodas para fitá-la mais de perto. Era a primeira vez que Guida discutia com ele daquele jeito. Mas ela não podia mesmo compreender o quanto a criança em seus braços era importante para ele, pensou William.

— Olha, Guida, desde que Fred nasceu minha vida mudou muito... Para mim, ou melhor, para nós, ele é muito importante. Trouxe alegria a esta família. Trouxe esperança...

— Eu sei disso, mas... — ela ergueu levemente a manta que lhe cobria o busto para olhar Fred mamando em seu seio. Aquele era o momento mais doce e maravilhoso de sua vida. O menino parecia sorrir enquanto mamava. — Você tem certeza que não vai ser nenhum incômodo?

— Tenho.

— De qualquer forma, eu vou ter de deixá-lo na creche durante o dia. Não quero abusar da boa vontade dos seus pais.

— Mas meus pais não se incomo...

— William, por favor, respeite minha decisão. Eu sei o que estou fazendo.

Quando Fred deu seus primeiros passinhos, ele não tinha a menor consciência dos desafios que enfrentara até ali. Tudo era motivo de alegria para o pequeno e destemido Fred, pois até mesmo seus tombos eram ovacionados por sua entusiasmada plateia. Mas Wil, como ele aprendera a chamar William, tinha plena consciência dos próprios desafios, e isso, às vezes, o levava ao desespero. Afinal, já fazia mais de um ano que voltara à cansativa fisioterapia e nenhuma mudança significativa ocorrera. E, embora seu fisioterapeuta estivesse animado com seu progresso, que se resumia a sentir uma leve sensibilidade nos dedos dos pés, ele começava a desconfiar que ficaria aleijado para sempre... inútil para sempre. No entanto, não ousava a comentar sobre isso com ninguém, pois tinha certeza que nenhuma pessoa poderia compreender como se sentia... como se sentia um homem ao imaginar que nunca mais poderia voltar a andar.

Além disso, ele temia também que nunca mais pudesse ter uma relação sexual, embora o fisioterapeuta lhe tivesse dito que o sucesso nessa área dependeria apenas de como ele se sentia em relação ao sexo. *Use sua criatividade*, dissera-lhe o fisioterapeuta. Mas ele não queria "*usar de criatividade*", queria ser *homem de verdade*, pensava, revoltado. E por mais criativo que fosse, ele tinha certeza que nenhuma mulher se conformaria com apenas isso. O médico também lhe dissera que ele deveria tentar ter alguma relação sexual para descobrir como estava seu desempenho, suas limitações, mas ele não desejava fazer papel de idiota. Como poderia levar uma mulher para a cama se sabia que não tinha ereção? Não, ele jamais faria isso. Era mais fácil tentar esquecer essa parte da sua vida, conformar-se em ser um eunuco, do que se arriscar a um vexame desses. Além do mais, havia apenas uma mulher que ele gostaria de levar para a cama e amar loucamente, porém; ele jamais teria coragem de revelar seus sentimentos a ela. Guida merecia um homem que pudesse fazê-la feliz por completo.

Enquanto isso, Margarida fazia o possível para conciliar filho, trabalho e escola. Contudo, por mais que se dedicasse a tudo isso, ela sempre se sentia em déficit com um deles. Era um drama chegar da escola e encontrar Fred dormindo, mas era somente assim que ela conseguia um tempinho para estudar para o vestibular.

No primeiro aniversário de Fred, houve uma pequena festa-surpresa proporcionada por William. Mas na festa ele parecia se divertir mais do que o menino. Fred, ainda muito pequeno, não conseguia entender o que estava acontecendo, e acabou adormecendo assim que partiram o bolo.

Com todo cuidado, Eloísa pegou o menino em seus braços e levou-o para o

quarto, pensando no quanto aquela criança havia modificado suas vidas, sobretudo a de William. Desde o acidente, nunca tinha visto o filho tão feliz. Parecia uma criança grande.

Quando retornou à sala, sentou-se ao lado do marido e contentou-se em servir de mera espectadora de uma conversa que se arrastava por mais de duas horas. Margarida e Otávio falavam sobre as dificuldades que a maioria dos estudantes brasileiros encontra para se formar. Uma dificuldade que Eloísa só conhecera depois que se casou, pois descendia de uma família rica, tradicional.

Ela conhecera Otávio na festa de uma amiga, esbarrara com ele quando seguia apressada para o banheiro, e esbravejara com o jovem garçom que quase manchara todo o seu vestido. Com mil pedidos de desculpas, embora não fosse ele o culpado, Otávio ofereceu-lhe um lenço branco para limpar-se, e foi nesse instante que os olhos se encontraram e um sentimento imediatamente aflorou.

Os pais de Eloísa foram contra seu namoro com “o jovem pobre da periferia”, mas, apaixonada, ela enfrentara a tudo e a todos para ficar com ele.

Otávio estava no penúltimo ano de direito quando conheceu Eloísa, mas, antes mesmo de concluir o curso, pediu sua mão em casamento. Os pais dela foram obrigados a aceitar quando revelou estar grávida, uma gravidez premeditada por Eloísa para justamente forçar os pais a aceitarem. Mas ela nunca se arrependeu por isso...

— ...Infelizmente — comentava Margarida, que há poucos dias enfrentara as provas do vestibular em uma das universidades mais concorridas de São Paulo, e aguardava ansiosa pelo dia que sairia o resultado —, em nosso país, para conseguir se formar, não depende apenas de inteligência ou de força de vontade, mas sim de dinheiro. Quem tem dinheiro para pagar acaba se formando, mesmo que não tenha tanta competência para isso.

— Isso é verdade — disse Otávio. — Meu irmão Marcelo, por exemplo, teve de batalhar muito para conseguir se formar. Meus pais não tinham nenhuma condição de ajudá-lo e, por isso, ele lutou sozinho para pagar os estudos. Eu já tive mais sorte, pois, como Marcelo já tinha se formado, ele me ajudou a pagar a faculdade. Eu devo tudo o que sou a ele.

Talvez por causa do uísque, a emoção aflorou rapidamente na voz de Otávio. Ele fez uma pausa e depois olhou para William.

— Meu sonho era que meu filho também se tornasse um advogado e esse sonho foi realizado... Espero que um dia ele volte a exercer sua profissão...

William ficou constrangido com a comoção do pai. Muitas vezes, envergonhava-se de si mesmo. Sentia-se um fraco.

— Quem sabe um dia eu possa voltar...

— Mas nada o impede — retrucou Margarida. — E, com certeza, isso lhe faria muito bem.

— Como nada me impede? — indagou ele, indignado. — Você não consegue

mesmo entender, não é? Eu não posso voltar.

— Você não deve pensar assim, William. O que aconteceu com você poderia acontecer com qualquer um de nós.

Parecia que Margarida e Otávio haviam combinado falar sobre aquele assunto, mas não haviam.

— Guida tem toda razão, meu filho. Ninguém está livre de uma fatalidade dessas.

— William, quando você conseguir enfrentar a si mesmo — continuou Margarida —, conseguirá superar seu problema.

— As coisas não são tão fáceis como vocês imaginam — defendeu-se com uma dose de irritação. — Tenho me esforçado bastante, mas, infelizmente, parece que todo meu esforço está sendo em vão.

— Nada é em vão, filho. Pode ter certeza disso. Todo o sofrimento que passamos é apenas um passo a mais para a vitória.

Acho que papai anda lendo livro de autoajuda, pensou William, aborrecido.

— E essa vitória só depende de você — completou Margarida.

Puts, e não é só ele, não!!

Margarida saiu logo cedo. Tinha dormido muito mal à noite. A ansiedade para saber o resultado das provas lhe roubou o sono. Toda aquela preocupação, porém, tinha sido válida. Ao ver seu nome na lista dos candidatos aprovados, ela vibrou de alegria e até abraçou pessoas que nunca havia visto em sua vida. Depois, agradeceu a Deus. Contudo, havia mais alguém que ela devia agradecer, pensou, no caminho para casa.

— E aí, passou? — perguntou William, assim que ela cruzou a porta da biblioteca.

— Sim, eu passei! Eu passei! — respondeu com um sorriso enorme.

— Eu tinha certeza que você ia passar — disse ele, enquanto ajeitava o pequeno Fred em seu colo.

— Mas eu não teria conseguido se não fosse sua ajuda — comentou Margarida, e, num súbito impulso, deu um beijo na face de William. A seguir, pegou Fred em seus braços e começou a dar pulos com o menino. — Eu passei, meu filho! Sua mamãe passou! Sou a mulher mais feliz do mundo!

— Cuidado! — alertou William. — Ele acabou tomar mamadeira.

1991...

As aulas da faculdade começaram e a correria retornou. Fred ficava todas as noites com William, mas isso continuava incomodando-a. Ela preocupa-se com a ideia de que estivesse sendo inoportuna, mesmo que William dissesse mil vezes que não.

Após longas conversas, tentou convencê-lo que o melhor para ela e para Fred era terem um lugar só deles. E embora ele não tenha gostado nem um pouco da ideia, ela começou a procurar um apartamento para alugar.

Margarida pretendia alugar um apartamento que fosse próximo do trabalho e da faculdade, contudo, os preços dos aluguéis na região eram muito mais caros do que havia imaginado. Passou então a procurar em alguns bairros mais distantes dali, pois sabia que o custo da faculdade e mais algumas dívidas que faria para mobiliar o apartamento a deixariam bastante apertada, sem contar com os custos adicionais que teria com condomínio, luz, etc. Dessa forma, não podia assumir um apartamento com um preço alto.

William realmente não havia aprovado a ideia de Margarida mudar-se. Entretanto, admitia que ela tinha esse direito. Por isso pediu a Júlio, que era seu segurança de confiança, para que verificasse alguns apartamentos para ele.

— Júlio, por favor, vá até estes apartamentos que grifei neste anúncio e dê uma boa olhada para mim. Preciso que vá também até esta corretora e converse com Joseph, que é um velho amigo do papai. — Entregou o cartãozinho da corretora ao rapaz e continuou: — Veja se ele tem algum apartamento perto daqui...

— O senhor deseja comprar um apartamento?

— Sim, mas não comente isso com ninguém.

— Pode deixar, senhor William.

— Obrigado. Pode ir agora.

Júlio foi primeiro visitar os apartamentos que constavam no anúncio, conforme solicitou William. Alguns eram bem amplos e confortáveis, outros, nem tanto. Depois seguiu para a imobiliária do tal senhor Joseph, e ele lhe mostrou um apartamento há três quadras da casa dos Fraga.

— Júlio, diga a William que eu tenho certeza que na hora que ele ver este apartamento irá gostar muito. E quanto ao preço, farei o melhor possível, em nome da velha amizade que tenho com o pai dele.

Ao chegar, Júlio foi imediatamente conversar com William, que se encontrava na biblioteca com Margarida.

— Senhor, posso lhe falar por alguns segundos?

— Sim, pode.

Pelos olhares trocados, Margarida sentiu que se tratava de algo particular.

— Vou pegar um suco para nós. Daqui a pouco eu volto.

— E aí, o que achou? — perguntou William, assim que Margarida fechou a porta.

— Bem, em minha opinião, todos os apartamentos anunciados são bons. Mas o senhor Joseph tem um apartamento que é espetacular e fica a apenas três quadras daqui. Ele já me deu até a chave, pois disse que tem certeza que o senhor vai gostar.

— Então, vamos vê-lo!

— Devo chamar a senhorita Margarida para acompanhá-lo?

— Não, não quero que ela saiba. Pelo menos por enquanto.

A princípio, o apartamento lhe pareceu um tanto quanto pequeno, mas com

uma decoração apropriada, pensou William enquanto manobrava sua cadeira de rodas pelos cômodos estreitos, era possível deixá-lo muito agradável.

O apartamento consistia em dois dormitórios, sendo um com suíte, sala para dois ambientes com sacada, cozinha, área de serviço, banheiro social e dependência de empregada.

— O senhor deseja ver os outros apartamentos que estão no anúncio? — perguntou Júlio, quando William retornou à sala. — Ficam aqui próximos.

— Não. Este está bom. Por favor, deixe-me em casa e depois procure outra vez pelo senhor Joseph e diga a ele que prepare toda a documentação de venda. — Pensou por alguns segundos. — A seguir, procure pela dona Carmem, que é uma conhecida do senhor Joseph e é uma ótima decoradora. Ele poderá lhe dar o endereço dela. Traga-a até aqui para ver o apartamento e peça para ela ligar para mim.

Algumas horas depois, Carmem ligou para William:

— Acabei de chegar do apartamento que o senhor pediu para eu ver... É um excelente apartamento!

— Para ser franco, achei um pouco pequeno — comentou —, mas acho que uma decoração apropriada poderá torná-lo bastante atraente.

— Oh, sim, seguramente. E como o senhor deseja que fiquem os móveis? Tem algo em mente?

— Não, não tenho. Mas gostaria que levasse em conta que se trata de uma pessoa jovem. Ela tem um menino de um ano de idade. Portanto, o quarto menor deverá ser decorado para a criança.

— E quanto às cores das paredes e dos móveis? Alguma preferência?

— Tenho preferência por cores claras. Talvez um verdinho claro para a parede do quarto do menino ficasse bom. O quarto dela poder ser branco. Acho que ela gosta da cor branca... Bem, confio no seu bom gosto — disse. — Ah! E a varanda, gostaria que ornamentasse com vasos de flores e plantas, mas nada que possa ser perigoso para a criança.

— Ok, senhor William. Eu lhe mandarei o projeto no máximo em dois ou três dias.

Nas semanas seguintes, Margarida continuou procurando um apartamento, todavia, não encontrou nada no valor que podia pagar. O único que encontrou ficava muito longe da casa dos Fraga e da faculdade, por isso ela continuou a procura.

— Você já conseguiu um apartamento? — perguntou William.

— Não, nada. Tudo aqui é tão caro...

— Tenho um amigo meu que tem um apartamento para alugar bem próximo daqui.

Os olhos de Margarida se iluminaram.

— Jura?! E... E será que não é muito caro?

— Não sei. Gostaria de vê-lo?

— Lógico! Onde fica?

- Irei levá-la lá.
- Não precisa se preocupar, eu...
- Faça questão.

Ao chegar ao apartamento, Margarida ficou deslumbrada. *É simplesmente maravilhoso!*, pensou.

- O aluguel deste apartamento deve ser caríssimo, William.
- Mas você gostou?
- Como poderia não gostar? — respondeu, enquanto andava pelo apartamento e observava cada detalhe. — É lindo!
- Então, é seu.

Ela estava agora abrindo as portas da varanda, mas estacou no mesmo instante e girou o rosto para ele.

- Meu?! Como assim?!
- É seu.
- Meu? — perguntou novamente. E foi aí que compreendeu. — William, você...?! Oh, eu não posso aceitar.
- E por que não?

— Porque não... Nem que eu trabalhasse toda a minha vida de graça pra você não conseguiria pagar este apartamento, William.

- Mas quem falou em pagamento?

Ela parecia em estado de choque agora.

- William, isso é loucura! Eu não posso aceitar... Não posso aceitar isso.

Loucura era o que sentia por ela, pensou William. Nunca pensara em amar alguém daquela forma.

- Oras, mas por que não pode?
- Eu já lhe disse, isso é loucura. Eu jamais poderia pagar...
- Isto aqui é um presente, Guida. Ninguém pode recusar um presente.

A emoção fora tão forte que ela teve de sentar no sofá para não cair. E, por um longo momento, foi incapaz de dizer qualquer coisa, apenas chorou.

William se aproximou e levantou seu rosto, enxugou-lhe as lágrimas com as pontas dos dedos.

- Eu nem sei o que dizer — murmurou ela. Depois, sorriu por entre as lágrimas. — Você deve ter enlouquecido.

— Mas tenho uma exigência... — disse ele com um sorriso. — Quero que o Fred continue comigo todas as noites. Você o pega lá em casa após as aulas.

Margarida não podia recusar àquele pedido. *Ele é um anjo. Um verdadeiro anjo!*

- Eu não quero parecer ridícula, mas... eu também tenho uma exigência... O sorriso se apagou. Ele quase podia adivinhar o que ela iria falar.
- Quero pagar o aluguel...

Bingo!

- De jeito nenhum! Eu já lhe disse que é um presente, que...
- Por favor, por favor, William. Eu me sentiria muito melhor assim.

— Eu pensei que fosse menos orgulhosa.

— Mas não é orgulho. Por favor, compreenda.

Não, definitivamente, ele não compreendia. Porém, como sabia que ela não aceitaria de outra forma, disse:

— Muito bem. Se você faz questão... Mas vou logo avisando que sou eu quem vai definir o valor. — *Um valor irrisório*, pensou ele. — Ok?

Ela quase pulou de alegria em cima dele. Controlou-se por pouco.

— Oh, obrigada! Muito obrigada, William!

Capítulo Nove

05 de Fevereiro de 1992...

Mais de dois anos depois de ter recomeçado a fisioterapia, os resultados, finalmente, começavam a aparecer. William conseguia agora andar de muletas, embora as usasse apenas em ocasiões muito especiais, pois, apesar da terapia, sua perna direita ainda se arrastava com o peso de uma bigorna, e isso provocava muito cansaço.

Era uma recuperação que acontecia muito lentamente, mas o mais importante era que William reconhecia agora que sua luta não estava sendo em vão. E reconhecia também que boa parte desse sucesso era devido a uma pessoa: Guida. Afinal, se não fosse por ela, até hoje, ele estaria chafurdado na autocompaixão.

Ele sentia-se envergonhado quando se lembrava que por um bom período, após o acidente, só pensara em suicídio, e fora uma garota com nome de flor e olhos cor de mel que o fizera enxergar a vida de outra forma. Não, ele tinha certeza que ela não sabia da importância que tinha em sua vida. Assim como não sabia também que ele a amara desde a primeira vez que a viu.

— William, poderíamos ir direto para casa hoje?

A pergunta ressoou em seu ouvido mas ele não compreendeu. Estava mergulhado em seus pensamentos desde o momento que saíra da clínica de reabilitação.

— Desculpe, Guida. O que disse?

— Perguntei se podemos ir direto para casa?

Conforme se tornara costume nos últimos meses, quase todas as tardes, após as sessões de fisioterapia, William levava Fred ao Parque do Ibirapuera, para que o menino pudesse brincar um pouquinho com outras crianças.

— Por quê? Algum problema?

— Não... Quer dizer, não sei... Estou me sentindo um pouco angustiada hoje... Não sei explicar o que é...

— Se eu puder ajudar... Às vezes, desabafar faz bem...

— Não se preocupe. Isso passa logo.

Fred estava adormecido no colo de William, mas, de repente, despertou e olhou para fora do carro. E, ao perceber que já haviam passado do Ibirapuera, perguntou:

— Wil, hoje a gente não vai ao parque?

William trocou um olhar com Margarida.

— Hoje não, Fred. Amanhã... Amanhã nós iremos.

— Por quê?

— Sua mamãe não está muito bem hoje.

O menino fez um biquinho, como se fosse chorar.

— Você está doente, mamãe?

— Não, meu docinho.

— Então por que a gente não vai ao parque?

Margarida pegou o filho no colo e apertou-o contra o peito.

— Prometo que amanhã nós iremos, tá bom?

Fred retribuiu o abraço com um beijo babado.

— Mamãe, eu te amo.

— Eu também te amo, querido. Mais do que tudo em minha vida.

Ao chegarem, um dos seguranças trouxe para Margarida um telegrama que o carteiro havia acabado de entregar.

— Senhorita Margarida, chegou este telegrama para você.

Ela sentiu um frio no estômago.

— Pra mim?

Júlio afirmou com a cabeça.

— Obrigada — tornou ela. Mas não encontrou coragem para abrir o envelope. Algo lhe dizia que aquele pedaço de papel lhe trazia más notícias.

— Você não vai ler? — perguntou William, após alguns instantes.

As mãos trêmulas, ela quase rasgou todo o envelope ao tentar abri-lo.

— Ah, meu Deus...

— O que foi? O que aconteceu? — quis saber William.

Ela teve de sentar. Tateou para alcançar o sofá e sentou-se na beirada.

— É a minha mãe... Aqui diz que ela... Ela está muito doente... Oh, Deus, eu tenho de ir pra lá... Tenho de ir pra lá urgente.

William aproximou-se e segurou a mão dela entre as suas.

— Você quer que eu a acompanhe?

— Não, não precisa.

— Tem certeza?

— Tenho — disse ela, sem conseguir pensar direito por alguns instantes. — Eu... Eu irei com Fred.

— De qualquer maneira, pedirei ao Júlio que acompanhe vocês até o aeroporto.

— Não tenho dinheiro suficiente para comprar a passagem de avião.

— Não se preocupe com isso, Guida. O importante é que vocês cheguem lá o mais rápido possível.

— É verdade. Muito obrigada, William.

Durante o voo, ela quisera acreditar que quando chegasse a Gramado a mãe estaria bem. Afinal, ela não podia aceitar que o destino fosse tão cruel a ponto de levar sua mãe ainda tão jovem. Mas, por mais que quisesse acreditar, não conseguiu evitar que um terrível sentimento de perda apertasse seu coração quando desembarcou em Porto Alegre e pegou um táxi, com Fred adormecido em seus braços.

— Querido, acorde — disse, quando chegou em frente à casa que pertencera a seus avós. — Chegamos.

Ainda sonolento, o menino pulou do carro.

— Mamãe, a vovó está doente?

— Está sim, querido — respondeu Margarida, após pagar o motorista e pegar novamente o filho no colo. — Mas ela irá melhorar.

De repente, Suzane abriu a porta. Ela tinha ouvido o barulho do carro e correu de encontro à irmã.

— Oh, Guida. Graças a Deus você chegou.

Margarida apoiou Fred em um dos braços e estendeu a outra mão para abraçar a garota.

— Ah, minha linda, que saudade.

— Eu também senti muita saudade, Guida — falou Suzane com voz embargada pelo choro. Em seguida, roubou o sobrinho do colo da irmã e apertou-o com todo carinho contra o peito.

— E a mamãe, como ela está?

Suzane sacudiu a cabeça.

— Nada bem.

— Mas o que aconteceu?

— Você não recebeu minha carta? — perguntou a garota.

— Não. Recebi apenas o telegrama.

— Mamãe descobriu, há alguns meses atrás, que tem um tumor na coluna.

— E ela tentou um tratamento?

— Tentou sim. Mas, segundo o médico, é câncer e já está em um estágio muito avançado...

— Jesus! Mas ela sentia algum problema? Como descobriu isso?

— Ela sentia algumas dores na coluna. Mas jamais imaginamos que se tratava de algo tão sério — explicou Suzane com voz entrecortada pelas lágrimas. — Somente há dois ou três meses, quando ela sentiu uma dor muito forte e foi levada ao médico, é que foi detectado o problema.

— Oh, Deus, Deus... Como pôde acontecer isso?... Tem de haver uma forma de curá-la.

— O médico disse que não há mais nada a fazer.

— Não pode ser! — tornou Margarida, inconformada. — Não podemos aceitar isso. Vamos procurar outro médico.

Suzane sugou as lágrimas e tentou se controlar, embora isso fosse completamente impossível.

— Não há mais nada a fazer, Guida. Durante os últimos dois meses, a mamãe fez todo tipo de tratamento, mas...

— Oh, meu Deus... — murmurou Margarida com os olhos inundados d'água.

— Isso não é justo.

— Não, não é justo — concordou Suzane.

Apesar de tudo o que a irmã lhe contara, Margarida não pôde evitar o choque ao entrar no quarto de sua mãe. Magnólia, que sempre fora tão bonita, estava quase irreconhecível de tão magra e pálida.

— Mãezinha...

Embora Magnólia mal conseguisse girar a cabeça, ela reconheceu imediatamente a voz de Margarida e lágrimas encheram seus olhos.

— Filha... Oh, filha...

Margarida ajoelhou-se ao lado da cama e comprimiu o rosto contra o pescoço da mãe, enquanto chorava copiosamente.

— Oh, mãezinha, por favor, me perdoe.

— Ah, minha querida, eu é que tenho que lhe pedir perdão. Por favor, me perdoe. Eu te amo.

— Eu também te amo, mãe — disse Margarida entre espasmos de soluços descontrolados. Mas, alguns instantes depois, conseguiu controle suficiente para puxar o filho para o seu lado e apresentá-lo. — Mãezinha, este é o Fred, seu netinho.

Extremamente emocionada, Magnólia ergueu a mão para tocá-lo.

— Ele é realmente lindo. Faz-me lembrar você quando tinha a mesma idade.

Margarida sentiu um nó na garganta. As palavras não saíam.

Magnólia continuou com a voz rouca e pausada:

— Você sempre foi muito especial, minha filha. Senti muito a sua falta...

Margarida tornou a comprimir o rosto contra o peito de Magnólia.

— Também senti muita a sua falta, mãezinha.

Respirando com muita dificuldade, Magnólia ainda arrumou forças para fazer seu último pedido:

— Filha, preciso te pedir: Por favor, perdoe seu padrasto...

Margarida lançou um olhar rápido para Carlos; ele havia acabado de entrar no quarto e parecia triste e abatido. Contudo, ela continha tanta raiva em seu peito que seus olhos pareciam expelir chamas.

Como posso perdoar esse canalha?!

— Oh, mãe, por favor — suplicou baixinho —, não me peça isso.

— Ah, minha filha, eu não entendo... — disse Magnólia, com voz cada vez mais fraca e entrecortada. — Não entendo o que seu padrasto lhe fez para que sintas tanto ódio dele... Mas todos merecem perdão, querida. Todos! Não foi isso que lhe ensinei?

— Foi, mãezinha, foi. Mas não me peça isso, por favor. Eu não vou conseguir... Não vou!

Magnólia deu um suspiro forte, e Margarida, ao perceber que a mãe estava morrendo, entrou em completo desespero.

— Não, mãe! Não nos deixe! Por favor, não nos deixe!

Magnólia tornou a reunir todas as suas forças.

— Filha, preciso apenas que diga que o perdoa...

As lágrimas se intensificaram quando Margarida entreabriu os lábios para dizer o que a mãe lhe pedira. Estava claro que Magnólia não morreria em paz enquanto não ouvisse isso de sua boca. Porém, por mais esforço que fizesse, as palavras não conseguiam atravessar sua garganta. Ela jamais conseguiria perdoar seu padrasto. Jamais!

— Desculpe, mamãe, desculpe — respondeu com o coração dilacerado, pois sabia que carregaria aquele remorso pelo resto de sua vida. — Mas eu não posso.

Profundamente angustiada, Magnólia fechou os olhos e, em seguida, deu um suspiro ainda mais forte que o primeiro, antes de fazer um sinal para a filha caçula.

— Suze, minha filha...

Com os olhos inchados de tanto chorar, a menina aproximou-se rapidamente.

— Suze, minha filha, fique com seu pai... Ele precisará muito de você.

Suzane assentiu com a cabeça.

Magnólia afagou os cabelos de Fred.

— Cuide bem de sua mãe, meu anjo. Ela precisará de você.

Carlos aproximou-se de Magnólia e pegou sua mão. Ela fitou-o profundamente e deu um terceiro suspiro. Em seguida tornou a fechar os olhos, para nunca mais abri-los.

Margarida soltou um grito de desespero.

— Nãaaaaoooooooo!!!

Lígia e Vânia chegaram logo cedo, assim que foram avisadas, e cuidaram de tudo. Compraram as flores, o caixão e avisaram aos familiares e amigos. Também tomaram um cuidado todo especial com Fred, visto que Margarida não estava com o mínimo de condições para isso.

Margarida e Suzane mantiveram-se abraçadas o tempo inteiro, com os olhos inchados e mergulhados num vazio profundo e sem fim. De longe, pareciam folhas secas de outono que, quando caem da árvore, ficam pelo chão, sem vida, aguardando que o vento as levem para longe.

Ao final da tarde, uma garoa fina caía enquanto o padre, à beira do túmulo, celebrava uma missa rápida. E quando a missa terminou, todos saíram apressados. A garoa aumentara bastante, mas Margarida e Suzane permaneceram ali, abraçadas sob a chuva, olhando para o mausoléu da família.

Em placas douradas constavam os nomes da avó, do avô, e agora também o de "Magnólia Esteves — De: 01/03/1953 à 05/02/1992".

Capítulo Dez

Margarida voltou para São Paulo no dia seguinte. Ligou para William assim que chegou e pediu para ficar mais um ou dois dias em casa, pois precisava colocar a cabeça em ordem.

Fred havia chegado cansado da viagem, e dormia tranquilamente. Enquanto ela, deitada ao lado do garoto, pensava em tudo o que tinha conversado com a irmã antes de partir.

— *Suze, por que não vem comigo para São Paulo?*

— *Eu não posso, Guida.*

— *Querida, eu sei que você prometeu à mamãe que iria ficar com o... com o seu pai, mas não é obrigada a isso.*

— *O fato é que prometi. E seja lá onde ela estiver agora, acredito que esteja nos vendo. E não quero descumprir minha promessa... Não é certo.*

Margarida abraçou-a.

— *Eu vou sentir muito a sua falta.*

— *Eu também.*

— *Quero que me prometa uma coisa...*

— *Pode falar.*

— *Prometa que se você tiver problemas com o Carlos, irá escrever ou ligar para mim para que eu possa vir buscá-la. Promete?*

A menina balançou a cabeça em afirmação. Ainda assim, Margarida não se sentiu segura.

— *Quero que prometa olhando nos meus olhos.*

— *Fique tranquila, Guida. Eu ficarei bem.*

Ela sentira vontade de contar a verdade à irmã. Mas como poderia contar a uma criança o que lhe aconteceu?

Lágrimas quentes correram sobre seu rosto. As lembranças pareciam fantasmas sobrevoando o quarto. Lembrou-se de quantas vezes o padrasto insinuou-se para ela, saindo seminu do banheiro. Algumas vezes, quando sua mãe não estava, ele saía totalmente nu. E de quantas vezes ele a abraçou tão firme que ela pôde sentir o pênis dele contra seu corpo, ainda menina. Mas o medo de contar à mãe, de estar enganada, foi muito grande. *E se estivesse entendendo mal as atitudes dele?*, perguntava-se, e carregou essa dúvida em seu coração até completar quinze anos, quando sofreu mais um assédio.

Nesse dia, compreendeu que, de fato, as atitudes do padrasto não eram normais. E o pânico tomou conta de seu coração, por isso transformou por completo sua maneira de vestir. Não usava minissaia, short ou qualquer outra peça mais ousada. Isso tudo porque, no fundo de seu coração, temia que fosse culpada pelo que estava acontecendo. Contudo, fechar a porta do quarto, se vestir com compostura e evitá-lo não foram suficientes para impedir que...

Fred acordou de repente e a livrou daquelas lembranças horríveis.

— Mamãe, a senhora tá chorando?

Com as palmas das mãos, ela rapidamente removeu as lágrimas e tentou disfarçar.

— Não, meu querido. Foi apenas um cisco. Volte a dormir.

Fred se envolveu novamente nos braços da mãe.

— Eu te amo, mamãe.

— Eu também te amo, meu docinho.

No outro dia, logo cedo, Margarida resolveu retornar ao trabalho, pois ficar em casa não lhe traria nenhuma solução, pensou. Pelo contrário, a falta do que fazer a deixava ainda mais exposta às más lembranças.

William ainda estava dormindo, mas Fred estava tão ansioso para vê-lo que, mesmo sem a permissão da mãe, subiu para acordá-lo.

— Wil, acorda — sussurrou o garoto, ao mesmo tempo em que balançava o corpo de William com sua pequena mãozinha. — Acorda.

William abriu um olho, em seguida agarrou a mão de Fred e o puxou para cima de si.

— Peguei você!

O menino disparou a rir, enquanto tentava se livrar dos braços de William.

— Só vou soltá-lo se me der um beijo.

Fred deu um beijo babado em seu rosto.

— Que saudade, rapaz! Você também sentiu falta do titio?

— Senti — respondeu o menino, e, em seguida, começou a contar as novidades: — Vovó morreu... Ela estava no caixão e a mamãe chorou muito.

— É. Eu sei. É realmente triste.

— Wil, para onde a gente vai depois que morre?

Quem somos, de onde viemos e para onde vamos? As eternas questões, pensou William, buscando em sua fé católica uma explicação qualquer.

— Dizem que, quando somos bonzinhos, vamos para um lugar chamado céu.

— E como é esse lugar?

— Ah... Dizem que é muito bonito... Tem flores, árvores... Os bichos são bonzinhos. E todos vivem em paz... Não há tristeza. Só alegria.

— Então morrer deve ser bom, não é?

William caíra numa cilada agora.

— O céu deve ser um lugar maravilhoso, Fred. Mas, ainda assim, acredito que aqui seja melhor. Aqui você tem sua mamãe, seu titio...

— Tenho também meus coleguinhas da escola e do parquinho! — completou Fred com entusiasmo.

— E a mamãe, está lá embaixo?

— Está.

— Então vamos descer.

William apertou uma campainha e minutos depois estava conversando com Margarida.

— Como você está se sentindo?

— Péssima — respondeu ela com os olhos cheios d'água.

Ele gostaria de confortá-la em seus braços.

— Sinto muito, Guida. Sinto de verdade.

— O que mais lamento é o fato de ela não ter conhecido o neto em uma situação diferente... Sinto-me culpada.

— Culpada?!

— Eu deveria ter levado o Fred para ela conhecê-lo, mas... — ela comprimiu os dedos contra os olhos. — Agora é tarde demais para arrependimentos. Não é mesmo?

— Não deve culpar-se, Guida. Você não podia imaginar.

Ela respirou fundo e tentou pensar com clareza.

— Não, não podia. Mesmo assim, não consigo parar de me culpar.

— E sua irmã, veio com você? — quis saber William.

— Ela... — A voz falhou. Guida enxugou as lágrimas e tentou se controlar. — Ela não quis vir.

— Talvez tenha sido melhor para ela.

— Não creio. Eu... Eu preferia que ela tivesse ficado com outra pessoa.

Talvez me sentisse mais segura.

— Por quê? — perguntou William, intrigado. — Por que acha que sua irmã não está segura com o próprio pai?

Ela passou as mãos pelos cabelos e levantou-se do sofá.

— É uma história muito longa.

— Tenho todo o tempo do mundo — disse William, antes de segurá-la pela mão.

Ela deixou escapar um longo suspiro.

— Quem sabe um dia eu tenha coragem de lhe contar...

À tarde, Margarida, William e Fred foram à fisioterapia e depois ao centro de recreação da clínica, onde William fora finalmente convencido pelo capitão do time de basquetebol a participar do jogo. Há algum tempo, Ronaldo vinha tentando integrar William em seu time, mas ele sempre se mostrara reticente, embora participasse de outras atividades da clínica.

Enquanto isso, Fred vibrava com a pequena torcida que se formara quando fora dado início ao jogo. E quanto mais as cadeiras de rodas esbarravam umas nas outras, mais a torcida se agitava. Afinal, o que mais importava para aquele pequeno grupo de torcedores não era o número de pontos que seus parentes ou amigos faziam, mas sim a felicidade que se estampava no rosto de cada jogador. Ali, independentemente de ganhar ou perder, todos se sentiam vitoriosos, pois o simples fato de estarem vivos, de terem sobrevivido a acidentes horríveis ou mesmo a um [AVC](#), já era mais do que uma vitória.

— Acho que por hoje chega! — comentou William com um sorriso largo e o suor caindo por seu rosto, quando o jogo terminou.

Margarida pegou uma toalhinha em sua bolsa e passou pelo rosto dele.

— Deu para cansar?

— Um pouco, ou melhor, muito. Mas me sinto bem. — Na verdade, ele se

sentia ótimo, pois, pouco a pouco, descobria que os limites que julgava ter foram impostos por ele mesmo.

— Que bom — disse ela, tentando esquecer a melancolia.

Fred se jogou nos braços de William.

— Obrigado, Wil! Obrigado!

William riu alto. Havia feito um único ponto, mas o havia dedicado a Fred, através de sinais.

— Agora vamos pra casa?

— Vamos! — respondeu o garoto com ar de felicidade.

Três meses depois da morte de Magnólia, Suzane escreveu uma carta para Margarida. A carta dizia o seguinte:

Minha querida irmã, aqui está tudo bem, e desejo que você e meu lindo sobrinho também estejam bem. Estou com muita saudade de vocês.

Você escreveu para mim dizendo que estava muito preocupada. Peço que não se preocupe tanto, pois estou bem.

Quanto às novidades, não há muitas. Papai contratou uma empregada para ajudar no serviço de casa, o nome dela é Miriam e é uma pessoa muito legal. Tem por volta de cinquenta anos e é viúva. Perdeu o marido há mais ou menos dez anos e sua única filha morreu recentemente. Ela tem me ajudado muito a superar a morte da mamãe.

Ah! Há alguns dias atrás encontrei a Lígia na escola. Ela mandou-lhe um beijo e um abraço. Disse que está com muita saudade de você e que adorou o Fred. Ela achou que os olhos dele são muito parecidos com os olhos de Marcos e pediu que você mandasse uma foto sua e do Fred para ela.

A Lígia é uma pessoa muito bacana. Depois que a mamãe morreu, ela veio várias vezes aqui em casa para me fazer companhia, e também está me ajudando muito a superar esta fase difícil da minha vida.

Termino esta cartinha com muita emoção e saudade.

Milhões de beijos de sua irmã que te adora e milhões de beijinhos em Fred também.

Suze.

Junto à carta, a garota mandou uma foto recente e Margarida ficou contemplando-a por alguns segundos. *Será que realmente ela está bem? Nunca me perdoaria se algo acontecesse com ela...*

Os meses passaram rápido, e, no final do ano, a família Fraga resolveu passar o Natal em Roma. No entanto, a viagem teve de ser cancelada porque Otávio passou muito mal duas semanas antes do dia do embarque. Não foi nada de muito grave, segundo o médico da família, porém foi o suficiente para dar um bom susto em todos.

Otávio estava estressado e foi aconselhado a diminuir o ritmo desenfreado no qual estava trabalhando. Também deveria cuidar mais de sua saúde fazendo checkups periódicos.

— Sua saúde não pode ficar em último plano, Otávio — dissera o médico e

amigo da família. — Eu aconselho alguns exercícios pela manhã e um horário de trabalho mais flexível.

— Você sabe que não é fácil assim — alegou Otávio. — Tenho uma quantidade enorme de processos à minha espera lá na companhia. Não posso me dar ao luxo de diminuir meu ritmo de trabalho.

— Aceitaria um conselho?

— Lógico.

— Arrume alguém que possa ajudá-lo. Conheço muitos advogados formados que dariam tudo para trabalhar junto aos irmãos Fraga. E alguns estagiários que trabalhariam até de graça só para que pudessem ter em seus currículos o nome de sua companhia.

— Não exagere.

— Não é exagero. Você sabe disso — tornou Henrique. — Mas e seu filho?

— O que tem ele?

— Ele não deseja voltar a trabalhar?

— Eu sinceramente não sei. Mas não perco a esperança de um dia tê-lo de volta ao meu lado.

— E nem deve perder. O William está superando as expectativas. Tenho acompanhado seu tratamento junto ao fisioterapeuta e ele está tendo uma recuperação fora de série.

— Eloísa acha a mesma coisa.

Henrique fez uma pausa enquanto media a pressão arterial de Otávio.

— É verdade que a Margarida está fazendo direito?

— Sim.

— Pois então. Ela com certeza deve almejar fazer um estágio, não é verdade?

Otávio refletiu por alguns segundos. Não, ele não tinha quaisquer dúvidas de que Margarida desejasse fazer um estágio.

— Posso estar sendo egoísta, Henrique, mas se a colocasse para estagiar na companhia, quem ficaria com William?

— Talvez essa fosse uma forma de encorajá-lo a voltar... Nunca pensou nisso?

— Não. Nunca — respondeu Otávio. Mas neste momento começou a pensar.

Capítulo Onze

Após as festas de fim de ano, Otávio havia diminuído bem o seu ritmo de trabalho. Tinha refletido muito sobre tudo o que lhe falara seu velho amigo Henrique e concluiu que ele tinha razão... Deveria dar uma chance a Guida, e tentar que William retornasse à sua profissão.

Otávio conversou com Eloísa e Marcelo sobre o assunto, e eles concordaram que deveriam ter uma boa conversa com William. Tentaram por diversas vezes falar com o rapaz, mas não conseguiam tocar no assunto. Não queriam que ele achasse que estava sendo obrigado a isso. Tinham de prepará-lo antes, e talvez levassem alguns dias ou meses para fazê-lo.

Na festinha de três anos de Fred, Otávio achou que aquela era uma boa oportunidade para tocar no assunto com o filho. Estavam todos reunidos na sala: Otávio, Eloísa, William, Margarida e Marcelo, que estava ali justamente para dar apoio.

— William, preciso lhe falar... — disse Marcelo em certo momento. — Mas antes quero que saiba que o amo como a um filho, e que torço muito por você.

— Humm... Isso deve ser coisa séria — brincou William, ao perceber que, de repente, o tom da conversa mudara e uma tensão se instalara.

— É sim — afirmou Marcelo, após tomar um gole demorado de uísque e ganhar algum tempo para analisar o impacto da declaração que ia fazer. — Eu pretendo me aposentar este ano... Estou muito cansado e acho que tenho direito a um descanso. Por isso, precisamos de um jovem advogado que possa levar adiante o nome de nossa companhia.

Otávio trocou um olhar perplexo com a esposa. Marcelo nada havia comentado sobre a intenção de se aposentar. Do mesmo modo, ele nunca havia imaginado a companhia sem a presença do irmão mais velho, por isso seu coração se apertou.

— Entendo o que está querendo dizer, tio. Sei que o senhor e meu pai precisam de mim, mas...

— Não queremos que se sinta obrigado a isso, filho — interveio Otávio.

— Eu entendo, pai. Não estou me sentindo obrigado a nada, mas preciso de um tempo para refletir sobre o assunto.

— Pensamos também em admitir a Margarida como estagiária — continuou Marcelo. — O que você acha, William?

William olhou para Margarida, que estava atônita.

— Acho ótimo! Tenho certeza que não irão se arrepender.

— Também temos — disse Marcelo, olhando para Guida. — Agora precisamos saber o que você acha, Margarida. Gostaria de trabalhar conosco?

Ela tentou se recuperar do choque antes de responder. Jamais poderia imaginar aquilo.

— Eu... A-adoraria! — foi tudo o que conseguiu dizer. — O-obrigada.

— Não há o que agradecer, Margarida. Se estamos lhe dando esta

oportunidade é porque achamos que você a merece — completou Otávio.

Ela mal podia acreditar em tudo o que havia acontecido. Era bom demais para ser verdade, pensava Margarida, enquanto abafava a imensa vontade de rir sozinha, de sair pulando de alegria pelo apartamento em plena madrugada, e muitos planos para o futuro elaboravam-se em sua mente. Conseguiu finalmente adormecer quando o dia estava quase amanhecendo. E teve um sonho que não se lembraria ao acordar, de um gramado verdinho, adornado por montanhas, e ela e William rolando pelo grama enquanto se beijavam loucamente.

No dia seguinte, com a cabeça a mil por hora, começou a colocar seus planos em prática. O primeiro passo era contratar alguém para cuidar de Fred. O segundo, seria tentar convencer William que ele poderia “sim” voltar à ativa, e ela faria o que fosse preciso para convencê-lo.

Quando chegou à escolinha de Fred, resolveu pedir à diretora que colocasse no quadro de avisos o anúncio de babá. Depois telefonou para uma agência de empregos que Eloísa indicara.

Meio-dia, a professora de Fred ligou:

— Oi, Guida, é Anita...

Imediatamente, ela pensou que teria acontecido alguma coisa com o filho.

— Anita! O que houve? Algum problema com o Fred?

— Não, não. Está tudo bem. É sobre a vaga de babá...

— Ah, sim. — Margarida suspirou aliviada. — Conhece alguém de confiança?

— Conheço... Quero dizer, seria para minha irmã. Ela tem dezoito anos e já trabalhou como babá.

— E ela estuda?

— Sim. Mas não haveria problemas quanto a isso, pois ela estuda na parte da manhã. Como Fred fica aqui na escolinha neste período, ela poderia vir pegá-lo logo após as aulas e ir direto para sua casa.

— Então peça a ela que me procure hoje à noite. Eu conversarei com ela, tá ok?

— Ok, Guida! Ela irá sem falta.

— Ah! Como é o nome dela?

— Andréia.

À tarde, após a fisioterapia, como era de costume, os três passaram no Ibirapuera para que Fred pudesse brincar com seus amiguinhos. E, enquanto Fred se entretinha, William comentou:

— Pensei muito no assunto de ontem...

— E chegou a alguma conclusão? — perguntou Margarida.

— Na verdade, eu já estava pensando neste assunto desde o dia em que papai passou mal. Agora tenho de tomar uma decisão...

— William, acredito que isso esteja sendo muito difícil para você, mas você pode! Tenho certeza disso. Você é muito inteligente, jovem e tem uma carreira promissora pela frente — Ela fitou-o por alguns segundos. — E eu estarei

sempre ao seu lado.

— Obrigado, Guida, mas tenho receio de como será isso tudo... Ir às audiências sobre uma cadeira de rodas... Os olhares das pessoas...

— Você está se recuperando, William. E tenho certeza que logo, logo estará andando normalmente.

— Ninguém pode afirmar isso. Nem você, nem os médicos. Você sabe disso, Guida.

— Eu posso afirmar, sim. Tenho certeza que você vai conseguir. Você já foi muito além do que imaginava.

Sem dúvida alguma, ele fora muito além do que imaginava há algum tempo, mas aquilo não aliviava todas as frustrações que trazia no peito.

— É verdade — respondeu, cabisbaixo.

Ela levantou o rosto dele com a ponta de um dedo e tornou a fitá-lo.

— Você vai conseguir. Nunca duvide disso.

Ele continuou sombrio.

— Está bem.

— E então, o que decidiu?

— Vou voltar.

— Oh! Que notícia maravilhosa, William!

— Mas eu gostaria de lhe pedir um favor... Que continue me acompanhando às sessões de fisioterapia.

Ela pareceu surpresa.

— Ei! Você não duvidava disso, não é? Claro que faço questão de continuar lhe acompanhando à fisioterapia. E ficaria muito chateada se você me dispensasse.

Margarida havia acabado de colocar Fred para dormir quando Andréia chegou. Uma sardentinha de cabelos ruivos e um sorriso luminoso.

— Sua irmã me falou que você já trabalhou como babá. É verdade?

— Sim. Eu cuidei de dois gêmeos durante quase dois anos.

— Devia ser difícil cuidar de gêmeos, não é mesmo?

— Reconheço que não era fácil, mas era também muito gratificante. Adoro cuidar de crianças.

Apesar de à primeira vista Andréia parecer uma jovem exemplar, Margarida não se deixou impressionar. Procurou colher o máximo de informações com a garota, fazendo-lhe uma série de perguntas. Afinal, precisava conhecer bem a pessoa que ficaria com seu pequeno Fred. Jamais arriscaria a segurança de seu filho.

— Quando você poderá começar?

— Quando a senhora quiser — respondeu a jovem.

— Então você pode iniciar amanhã, para fazermos um teste?

— Sim, senhora.

Andréia começou no dia seguinte, mas acabou ficando mais tempo sozinha no apartamento do que com Fred. Margarida queria acostumar o menino aos

poucos com a presença de Andréia. No entanto, conforme se passaram os dias, ela e Fred foram sendo conquistados pela simplicidade e simpatia da jovem, que além de cuidar super bem de Fred, dava uma boa arrumada na casa e fazia o jantar com todo capricho.

— Você é uma ótima cozinheira, Andréia.

— Obrigada, dona Margarida.

— Já lhe disse para me chamar apenas de Guida.

— Oh, desculpe! É que eu sempre esqueço.

— Faz quase duas semanas que você começou a trabalhar aqui. O que está achando?

— Estou adorando. Seu filho é uma criança maravilhosa.

— Você é muito gentil. Na próxima segunda-feira, começarei a trabalhar na companhia. Mas, não esqueça, qualquer probleminha você deve me ligar.

— Não esquecerei. Pode ficar tranquila.

Alguns dias depois...

A antiga sala de William fora totalmente remodelada. A escrivaninha, a estante e os quadros foram todos trocados, mas os livros e os demais objetos foram cuidadosamente colocados no mesmo local. A cor da parede também havia sido trocada para um amarelo mais forte, que deu claridade ao local e tirou um pouco do aspecto sério que costumam ter os escritórios de advocacia.

— O que achou da sua antiga-nova sala? — perguntou Otávio.

— Adorei, pai. Ficou muito bom. Foi sua a ideia de trocar os móveis e a cor da sala?

— Para falar a verdade, a ideia foi da Margarida. Ela escolheu os móveis, os quadros, a cor da sala e orientou pessoalmente as secretárias sobre a organização de tudo. Por isso, se não gostou de algo pode puxar a orelha dela — brincou Otávio.

William olhou para Margarida.

— Já lhe falei que você é maravilhosa?

— Eu acho que já — respondeu ela em tom de brincadeira.

— Filho, eu separei alguns processos para você. Estes casos não são tão urgentes, por isso você terá um tempo razoável para poder estudar sua defesa. — Olhou para Margarida, examinando-a por alguns segundos. — Gostaria que você ajudasse William nestes processos; dessa forma, começará a aprender na prática como preparar cada defesa.

— Estou ansiosa para começar, doutor Otávio.

— Imagino. Porém, não esqueça que alguns macetes que todo bom advogado deve saber você só aprenderá com o tempo. Não precisa precipitar-se.

— Pode deixar, doutor Otávio — respondeu ela, humildemente.

Marcelo entrou de repente, interrompendo o assunto.

— E aí, garotão, como está se sentindo?

— Ansioso, tio. Muito ansioso.

Marcelo olhou com carinho para Margarida.

— E a doutora, como está se sentindo?

O coração dela bateu mais forte. A palavra “doutora” ressoou em seus ouvidos como se fossem notas de uma bela melodia.

— Muito feliz.

— Então, boa sorte a vocês dois — disse Marcelo, antes de retirar-se.

— Obrigado! — responderam os dois ao mesmo tempo.

Otávio também aproveitou para sair.

— Boa sorte, meu filho! Boa sorte, Guida!

— Otávio, irei viajar em breve — comentou Marcelo, algumas semanas depois.

— E para onde pretende ir?

— Irei ver meus filhos na França e talvez fique algum tempo por lá. Também estou pensando em ficar alguns dias na Itália. Sempre pensei em conhecer Veneza e acho que esta é uma boa oportunidade para isso.

Otávio fitou o irmão por alguns segundos e pensou no quanto ele era importante naquela companhia. Era como se fosse a própria alma da empresa. Todavia, ele compreendia que o irmão precisava descansar.

— Iremos sentir muito a sua falta.

— Também irei sentir muito a falta de tudo isso. Mas acho que chegou a minha hora de dar um tempo para curtir um pouco a vida.

Nos meses seguintes, Margarida percorreu fóruns, cartórios e até mesmo delegacias, além de acompanhar William em todas as audiências, onde observava com muita atenção a maneira como ele se expressava.

Sua dedicação pelo trabalho em pouco tempo conquistou a todos no escritório. E, embora fosse uma “simples estagiária”, como ela mesma denominava-se, era respeitada por todos, e havia superado todas as expectativas.

William também estava se saindo além do esperado. Tinha uma expressão verbal e uma capacidade de análise admiráveis, e mesmo que essas qualidades já fossem conhecidas por todos, era esperado que ele levasse algum tempo para readaptar-se. Ao contrário disso, porém, ele voltou com todo gás.

E a dupla “William e Margarida” estava dando o que falar nos corredores da companhia. Muitas vezes, William ouvia comentários do tipo:

— Eles fazem uma dupla perfeita.

Ou do tipo:

— Eles formam um lindo casal.

Ele fingia não ouvir os comentários. No entanto, quando alguém tocava no assunto diretamente com ele, William simplesmente esboçava um sorriso jovial e comentava:

— Eu também acho.

Capítulo Doze

20 de abril de 1994

- Doutor Marcelo, há quanto tempo! Como foi de viagem?
- Bem, obrigado, dona Virgínia. E por aqui, como estão as coisas?
- Está tudo bem, graças a Deus.

Outros empregados vieram ao encontro de Marcelo, para dar-lhe as boas-vindas e saber das novidades.

Ao ouvir o burburinho, Margarida saiu de sua sala para ver o que estava acontecendo e, ao ver o velho amigo, que já não via há mais de seis meses, correu para lhe dar um abraço apertado e afetuoso.

- Doutor Marcelo, quanta saudade! Como foram as férias?
- Maravilhosa. Pena que eu estava sozinho.
- Vai me dizer que não arranhou nenhuma namorada por lá? — perguntou ela em tom de brincadeira.
- Bem, tentar eu tentei, né? Mas a idade não ajudou muito.

Margarida levou-o para sua sala. Havia muitas novidades a serem contadas de ambos os lados.

- E Otávio e William, onde estão?

— O doutor Otávio saiu um pouco mais cedo e o William foi para uma audiência.

- E você, por que não foi com o William?

— Hoje eu fui dispensada — disse ela, divertida. — Falando sério, isso aqui está uma loucura. O senhor nem imagina.

— Imagino sim — comentou ele com um sorriso largo. — E durante muitos dias senti muita falta dessa correria toda, mas descobri que há outras maneiras de viver. O trabalho é muito importante na vida de um homem, mas não é tudo. Há muitas outras coisas...

— O senhor já trabalhou muito. Agora está mais do que na hora de curtir a vida, de gastar um pouco do que conquistou.

- É verdade. E por falar em gastar, eu trouxe para você uma lembrancinha.

Ele abriu sua pasta, tirou uma pequena caixa e colocou sobre a mesa de Margarida, que olhou atenta o pequeno embrulho antes de abri-lo.

- Não precisava se incomodar comigo, doutor Marcelo.

- Não foi incômodo algum. Você não vai abrir?

Ela abriu com todo cuidado e ficou perplexa. Era um conjunto de pulseira, colar e anel com pedras de safira!

- Meu Deus! É lindo! Parece muito com o que ganhei de minha avó.

- E teve de vendê-lo quando chegou a São Paulo, não é verdade?

— Como sabe disso? — perguntou ela, e em seguida lembrou que havia contado a William. — William comentou?

- Não só comentou, como me pediu que eu procurasse algo parecido.

— Ai, meu Deus... — disse Margarida, emocionada. — Isso deve ter custado caríssimo. — Não era isso o que ela queria dizer, mas as palavras não faziam qualquer sentido neste momento. — Eu... Eu nem sei o que falar... O William é um louco varrido.

Marcelo tornou a rir, sonoramente.

— Eu sempre disse isso a Otávio. Você não imagina o que esse doido é capaz de fazer...

Ela levou alguns instantes para se recuperar e sorrir.

— Como assim?

— Pergunte ao Otávio e a Eloísa o que o William fazia antigamente — tornou ele, ao lembrar da primeira vez que vira o sobrinho pular de paraquedas e ainda fazer acrobacias no ar. — Não imagina o susto que esse filho-da-mãe pregava em seus pais quando inventava de sair com um grupo de amigos tão doido quanto ele.

— É, ele é mesmo um doido maravilhoso.

Sim, um doido maravilhoso e completamente apaixonado, pensou Marcelo.

— E por falar nele, como ele está?

— Cada vez melhor — respondeu ela, após abrir a gaveta de sua escrivaninha e guardar cuidadosamente o presente. — Ele não precisa mais andar de cadeira de rodas, apenas de muletas. E não tem de fazer mais tanto esforço com sua perna direita.

— É muito bom ouvir isso.

— William mudou muito desde que eu o conheci. Hoje ele é admirado por todos, não só pelo advogado competente que é, mas também por sua coragem e força de vontade.

William chegou e interrompeu a conversa.

— Estavam falando de mim?

Marcelo levantou-se e abraçou o sobrinho com carinho.

— William, como você está bem!

— Obrigado, tio. Como foram as férias?

— Ah! Foi maravilhoso! Você precisa conhecer Veneza, é uma cidade linda.

— Pode deixar, tio, farei isso. Mas, e aí, arranjou uma namorada?

— Por que diabos todo mundo me pergunta isso? Tenho cara de quem precisa de uma mulher?

William riu.

— Quer que eu diga a verdade?

Antes que Marcelo pudesse se defender, Virgínia surgiu à porta.

— Doutora Margarida, tem uma moça na recepção que deseja falar com uma advogada.

— E do que se trata?

— Ela não falou, apenas insistiu que seja uma advogada.

— Virgínia, eu não posso atender, ainda não sou formada — disse ela. Mas, depois de refletir um pouco, voltou atrás: — Bem, mas posso ouvi-la, não é

mesmo? Peça para ela entrar.

William lhe deu uma piscadela.

— Qualquer problema, estaremos na sala ao lado.

Um instante depois, uma jovem alta e de aproximadamente dezesseis ou dezessete anos de idade, usando óculos escuros, entrou na sala. Margarida levantou-se para cumprimentá-la.

— Eu sou Margarida Esteves. Posso ajudá-la?

— Eu acho que sim... Meu nome é Lúcia Prado Merch...

— Merch? Esse sobrenome me parece familiar.

— Sou filha do senador Mauro Merch.

— Ah, sim, claro — tornou Margarida, e apontou a cadeira para que a jovem sentasse, antes de se acomodar por detrás de sua escrivaninha e perguntar: — Então, em que posso ajudá-la?

A moça tirou os óculos escuros e, de repente, desatou a chorar.

— É muito difícil... Não sei por onde começar.

Margarida aguardou que a moça conseguisse se acalmar.

— Doutora Margarida, eu... eu...

— Por favor, acalme-se. Seja qual for o problema, nós vamos tentar resolver.

Com a mão trêmula, Lúcia pegou um lenço branco em sua bolsa e enxugou o rosto, antes de dizer:

— Desculpe, estou muito abalada.

— Você quer um copo d'água?

Margarida começou a levantar, mas Lúcia levantou a mão.

— Não, por favor. Eu não quero água.

— Está bem — disse Margarida, tornando a se acomodar em sua cadeira.

— Eu... Eu sou filha única e moro com meus pais e meu tio José Luiz, que é irmão mais novo de meu pai... José Luiz e eu fomos praticamente criados juntos, pois ele mora conosco há muito tempo...

— Por favor, continue.

— Eu e meu tio sempre ficamos juntos sozinhos quando meus pais viajam. Nunca tive nenhum medo dele, mas...

— O que aconteceu?

— Meus pais viajaram recentemente, e eu não pude ir porque estou estudando para o vestibular...

A todo o momento, Lúcia fazia paradas longas e Margarida se via obrigada a incentivá-la a continuar o assunto.

— Prossiga, por favor.

Os olhos de Lúcia voltaram a encher de lágrimas.

— Domingo passado, meu tio chegou aparentemente drogado, entrou no meu quarto e...

A jovem cobriu o rosto com as mãos e passou a chorar vertiginosamente.

— Ele fez alguma coisa com você?

— Ele me forçou a... Eu tentei tirá-lo de cima de mim... Juro que eu tentei...

Mas eu não... Oh, Deus, eu não consegui.

Como flashes de um filme, Margarida viu a própria história se reproduzindo em sua mente. Mas aquela não era sua história. *Não era sua história*, repetiu várias vezes para si mesma.

— Você já avisou seus pais?

— Não — respondeu Lúcia entre soluços. — Eles ainda estão viajando. Eu... Eu saí de casa. Sinto medo de voltar.

— E seu tio, onde está?

— Ele permanece lá em casa, como se nada tivesse acontecido.

Apesar de seu esforço, a mão de Margarida não estava completamente firme quando ela pegou a caneta para fazer algumas anotações. Conseguiu disfarçar.

— Quantos anos você tem?

— De-dezessete.

— E seu tio?

— Vinte e oito.

— Você já foi à polícia fazer um boletim de ocorrência e exame de corpo de delito?

Lúcia tornou a enxugar o rosto com o lenço e tentou se controlar.

— Não. Eu não fiz. Não tive coragem.

— Deseja processar seu tio?

— Eu não sei se posso. Meu pai morre de medo de escândalos e isso seria o fim da carreira política dele.

— Acho que esta não é a melhor hora para pensar na carreira política de seu pai.

— Eu sei, mas...

— Tem de fazer o exame de corpo de delito — disse Margarida gravemente.

— Esta é a forma concreta de provar que sofreu abuso sexual.

— Mas eu não... — Lúcia estava assustada — eu não tenho ninguém para...

— Se desejar, eu posso acompanhá-la à delegacia — retornou Margarida. A seguir, lembrou de um detalhe muito importante. — Lúcia, com o que estava vestida no dia do acontecimento?

— Com um camisão. Por quê?

— Percebeu se o seu camisão ficou manchado?

— Sim, ficou. Inclusive com marcas de sangue... Eu... Eu era virgem...

Um arrepio percorreu a pele de Margarida agora, mas ela não deixou transparecer.

— Preciso que guarde esse camisão como está. Talvez precisemos dele para algum exame.

Lúcia estava totalmente desorientada.

— Está bem. Mas e... E se meu pai não aprovar?

— Tente pensar em si mesma. Talvez a reação de seu pai seja diferente da qual você imagina.

Houve um longo momento de silêncio. Margarida aguardava algum

comentário da moça. Como ela permaneceu calada, informou:

— Não sou advogada formada, sou apenas estagiária, por isso tenho de conversar com o doutor William sobre seu caso. Você pode aguardar um momento?

Lúcia hesitou um pouco antes de responder:

— Sim, posso.

— Já volto.

Margarida conversou rapidamente com William e, logo em seguida, retornou à sua sala para buscar a jovem. Para sua surpresa, Lúcia não estava mais lá. Ela foi até a recepção na esperança de encontrá-la.

— Virgínia, onde está a Lúcia?

— Ela foi embora.

— E ela não disse por quê?

— Não. Ela passou rapidamente por nós.

Margarida retornou decepcionada à sala de William.

— O que houve? — perguntou Marcelo.

— A garota foi embora.

— Por quê? — quis saber William.

— Eu não sei. Talvez ela tenha se assustado quando eu disse que vinha falar com você. Ela não queria se expor.

— Doutora Margarida, aceitaria um conselho?

— Claro, doutor Marcelo.

— Foi melhor assim.

— Melhor? Como assim, melhor?

— Bem, é que ela é filha do senador Merch, e esse cara não é muito... —

Marcelo tentou procurar uma palavra que definisse a personalidade do senador, mas não encontrou. — Digamos que ele não seja muito fácil de lidar. E eu acho que não seria uma boa ideia mexer com ele.

— Mas ela é apenas uma garota! — replicou Margarida, angustiada. — Precisa de ajuda.

— Ela não quer ser ajudada. Se quisesse, não teria fugido — disse William, a fim de acalmá-la.

— Ela está com medo, você não entende? Ela está com medo, por isso fugiu.

— Doutora Margarida, esqueça essa história — recomendou Marcelo mais uma vez. — Além disso, desafiar uma pessoa como o senador Merch não seria bom nem para você e nem para o William.

Margarida passou a tarde inteira confinada em sua sala, sem conseguir esquecer a imagem daquela garota assustada. Seus pensamentos foram interrompidos pelo toque do telefone.

— Alô?

— Guida, está tudo bem?

— Sim, William, está tudo bem. Por quê?

— Você passou a tarde inteira com a porta trancada. Fiquei preocupado.

— Eu devo ter me distraído olhando alguns processos e acabei esquecendo a porta fechada, mas está tudo bem.

— Tem certeza?

— Tenho — garantiu ela. Em seguida, lembrou que havia esquecido de agradecê-lo. — William, eu gostaria de agradecer pelo presente. É lindo.

— Fico feliz que tenha gostado.

— William, você... — Margarida respirou profundamente para criar coragem para convidá-lo para jantar. Afinal, por mais intimidade que tivesse com William, ele era seu patrão, e ela não queria que ele pensasse que estava confundindo as coisas. — Você aceitaria jantar em casa hoje à noite? Eu prometo caprichar ao máximo na comida.

— Como?! — Por um instante, ele pensou ter entendido errado. — O que disse?

— Eu... Bem, eu queria saber se você quer jantar em casa hoje à noite. Não sou uma ótima cozinheira, mas prometo caprichar ao máximo.

— Acho que tenho uma ideia melhor — arriscou ele, meio tenso, pois, embora nunca tivesse sido tímido, com Guida, desde o começo, as coisas funcionaram de forma diferente. Por isso ele jamais tivera coragem de convidá-la para sair. Mas aquela era uma chance que ele não poderia perder. — O que acha de jantarmos fora? Conheço um restaurante de comida francesa que é simplesmente maravilhoso.

— Eu adoraria.

— Como?

— Eu disse que adoraria.

— Certo, certo... Então, eu... Eu passo para pegá-la às oito horas. Ok?

— Ok. Ficarei esperando.

Ao chegar ao seu apartamento, Margarida tomou uma longa ducha. Deveria estar se sentindo cansada, mas, ao contrário disso, sentia-se eufórica, feliz. Após o banho, jogou vários vestidos sobre a cama e ficou um tempão olhando para cada um deles, em dúvida. Acabou escolhendo um vestido azul acetinado e deslizou-o sobre o corpo. Penteou os cabelos, maquiou-se levemente e colocou o colar, os brincos e o anel azuis que ganhara de William.

— Puxa, mamãe! — comentou Fred ao entrar em seu quarto, alguns minutos depois. — Como você está bonita!

— Você acha mesmo? — perguntou, após se olhar pela décima vez no espelho para conferir se o decote frontal do vestido não estava indiscreto demais. Afinal, só queria destacar o colar e não os seios.

— Claro que sim, mamãe. Você está linda.

— Obrigada, meu anjinho — disse, e se agachou em frente ao menino. — Prometo que não vou chegar muito tarde, tá bom?

— Não precisa se preocupar, mamãe. A Andréia alugou um filme legal e disse que vai fazer pipoca.

Ela não pôde evitar uma pontada súbita de ciúme.

— Muito bem. Mas não vá dormir muito tarde, hein?

A campainha tocou e logo em seguida Andréia entrou no quarto para avisá-la que o motorista de William já a aguardava na sala. Margarida deu um beijo afetuoso em Fred e desceu logo depois. Quando se acomodou no carro, William comentou:

— Você está simplesmente linda.

Ela deu um sorriso tímido.

— Obrigada.

Quando entraram no restaurante, o *maître* imediatamente reconheceu William.

— Senhor Fraga, há quanto tempo!

— É verdade. Faz realmente muito tempo que não venho aqui. Como vai, Samuel?

— Muito bem, obrigado — respondeu o rapaz, e cumprimentou Margarida com um sorriso discreto, antes de dizer: — Seja bem-vinda, senhorita.

Depois os conduziu a uma mesa no canto, pois sabia que William gostava daquele lugar.

Durante o jantar, Margarida não parou de falar sobre os processos da companhia, enquanto William não conseguia prestar atenção em nada, apenas na mulher estonteante à sua frente e nas músicas maravilhosas que um pianista tocava do outro lado do salão.

Esta noite podia não terminar nunca, pensou ele, após levar mais uma vez a taça de vinho à boca e bebericar um pouco.

— Você entendeu o que eu falei, William?

Num gesto que surpreendeu a ambos, ele colocou a mão sobre a dela.

— Desculpe, estava pensando em outra coisa.

— Está desculpado — disse Margarida com um sorriso encabulado, ao perceber que era nela que ele estava pensando.

— Você gosta desta música? — Ele perguntou, quando uma música de Tom Jobim e Vinícius de Moraes ecoou pelo salão.

Ela estivera tão distraída durante todo o tempo que nem prestara atenção a nada.

— Que música?

— Esta que está tocando — respondeu ele, enquanto acariciava suavemente a mão dela.

*Eu sei que vou te amar,
Por toda a minha vida, eu vou te amar.
Em cada despedida, eu vou te amar.
Desesperadamente, eu sei que vou te amar.*

...

— Oh, sim, é linda — disse ela com o rosto levemente ruborizado, e o coração a mil. — Muito linda.

E cada verso meu, será

*Pra te dizer
Que eu sei que vou te amar
Por toda minha vida*

...

Capítulo Treze

Dois meses depois — 10h...

— Doutora Margarida, dona Ana Maria na linha três. Posso passar a ligação?
— perguntou a secretária.

— Não lembro de conhecer nenhuma Ana Maria, mas pode passar.

— Doutora Margarida?

— Sim. Ela mesma.

— Sou Ana Maria Prado Merch, mãe de Lúcia. Minha filha a procurou há um pouco mais de dois meses. Ainda se lembra dela?

— Claro que lembro.

Como poderia esquecer?, pensou.

— Preciso muito conversar com a senhora, mas eu não gostaria de chamar a atenção de jornalistas...

— Eu compreendo. Conheço um restaurante aqui próximo bastante discreto.

— Está certo, espere só um momento que eu vou pegar uma caneta.

Margarida passou o endereço, enquanto já verificava um horário disponível em sua agenda.

— E a que horas posso encontrá-la?

— Por volta das três da tarde, estaria bom para a senhora?

— Está sim. Obrigada, doutora Margarida, e até logo.

— Até logo.

Estrategicamente, Margarida sentou-se a uma mesa ao fundo do pequeno restaurante e aguardou por longos vinte minutos até que uma mulher alta, com óculos escuros e elegância impecável, parou à sua frente.

— Doutora Margarida Esteves?

— Sim.

— Sou Ana Maria.

— Por favor, sente-se — disse Margarida.

Antes de tirar os óculos, Ana Maria acomodou-se de modo a ficar de costas para os demais fregueses do restaurante.

— Perdoe-me pela demora.

— Não tem problema algum — disse Margarida, e fez um sinal delicado para um garçom. — Deseja beber ou comer alguma coisa?

— Apenas um café pequeno.

— Por favor, um suco de laranja sem açúcar e um café — solicitou Margarida ao jovem garçom, e esperou que ele se afastasse para perguntar à mulher: — Então, em que posso ajudá-la?

Ana Maria ganhou algum tempo pegando um cigarro. Fazia muito tempo que ela não fumava, mas nas últimas semanas o vício voltara com força.

— Cheguei de viagem há pouco menos de um mês... Essa foi a primeira vez que eu e meu marido ficamos tanto tempo longe da Lúcia...

— Por favor, continue — solicitou Margarida, ao perceber que a mulher hesitava em falar.

Com a mão indisfarçavelmente trêmula, Ana Maria levou o cigarro à boca e deu sua primeira tragada, antes de explicar:

— Tudo isso está sendo muito difícil para mim... Estou me sentindo muito culpada por tudo o que aconteceu, pois eu já desconfiava que meu cunhado usava drogas. — Ela tragou mais uma vez e soltou a fumaça para o lado. — Mas eu jamais poderia imaginar que ele fosse capaz de fazer o que fez... Ele e minha filha foram criados praticamente juntos.

Margarida tentou bloquear a imagem do padrasto que surgia a todo instante em sua mente.

— Não se culpe por isso. Creio que ninguém jamais imaginaria tal situação.

— Talvez não, mas eu não consigo parar de me culpar — murmurou a mulher, enquanto dava mais algumas tragadas rápidas e nervosas. — Não consigo.

Ana Maria parou de falar quando o garçom surgiu com um cinzeiro.

— Eu conversei com meu marido para expulsar aquele canalha lá de casa, mas ele nada fez — reclamou, depois esmagou o cigarro no cinzeiro. — Mauro pretende candidatar-se a governador na próxima eleição, e, segundo ele, um escândalo desses agora poderia arrasar com sua carreira política.

O garçom surgiu novamente para servi-las. Margarida tomou um longo gole de seu suco, mas não conseguiu sentir o gosto.

— Entendo...

— Eu não posso aceitar tudo o que aconteceu. Não posso! Aquele maldito tem de pagar pelo que fez à minha filha. — Ana Maria tentou controlar o tom de voz. — Estou disposta a tudo.

— Inclusive prejudicar a carreira política de seu marido?

As lágrimas surgiram, mas Ana Maria não deixou que caíssem.

— Estou cansada... Cansada de tudo isso... Cansada dessa farsa toda...

— Como assim?

— Ele... Meu marido... Ele não era assim... Mauro era um homem bom. Sabe, eu sinto saudade da época em que o conheci... Um jovem corajoso que queria transformar o país... Sim, ele lutou pelo nosso país e, por isso, foi até exilado. — Ela riu, um sorriso fraco e sem-graça. — Mas ele mudou muito. Foi corrompido pelo sistema, como dizem por aí.

— Não precisa falar nada disso para mim. Eu entendo.

— Não, não entende. Eu o amava. — As lágrimas caíram agora. Foi inevitável. — Mas meu marido não tem mais nada daquele jovem idealista e romântico que conheci, e tudo o que quero agora é o divórcio. Chega de farsa! Chega de mentiras! Quero que cuide do meu divórcio, assim como quero que coloque aquele desgraçado do meu cunhado na cadeia. Ele tem de pagar pelo que fez.

— Na época que sua filha me procurou, sugeri que ela fizesse um boletim de

ocorrência. A senhora sabe se ela fez?

— Sim. Fez — confirmou. Em seguida, abriu a bolsa e entregou alguns papéis para que Margarida examinasse.

— E quem acompanhou sua filha, quando ela foi fazer o boletim?

— A mãe de uma amiga dela... Lúcia ficou na casa dessa amiga após o acontecido e permaneceu lá até o meu retorno.

— Sabe se ela aceitaria testemunhar?

— Acredito que sim.

— Devo explicar que ainda não sou uma advogada formada. Sou apenas estagiária. Portanto, passarei o processo ao doutor William. Ele é um ótimo advogado. Tenho certeza que aceitará o caso.

— Ainda é muito difícil para Lúcia tocar no assunto, principalmente com um homem...

— Eu compreendo. Acompanharei todo o caso pessoalmente, porém preciso que ela vá até o escritório para conversar comigo e com o doutor William. Acha que pode convencê-la?

— Farei o que for preciso — disse a mulher, antes de tomar seu café de uma só golada.

— Dona Ana, preciso falar algumas coisas para que a senhora e principalmente sua filha fiquem preparadas... Lúcia deve ficar ciente de que, provavelmente, toda sua vida será especulada pelo advogado de José Luiz. Além do que, conforme determina a lei, nesses casos de estupro, o juiz examina também o comportamento da vítima ao aplicar a pena ao acusado. Também, é provável que o advogado use de argumentos baixos para tentar provar que Lúcia possa ter, de alguma forma, cooperado ou mesmo provocado tal conduta. E muito embora existam provas que o estupro ocorreu, constatado pelo exame de corpo de delito, ainda assim, nada impedirá o advogado de justificar, ou melhor, tentar justificar a atitude de seu cunhado em relação à sua filha.

— Isso é um absurdo! Minha filha foi vítima! É inadmissível que seja acusada de ter provocado tal situação, mesmo porque eles foram criados como irmãos.

Havia muita indignação na voz da mulher.

— Meu dever é orientá-la para eventuais constrangimentos que a Lúcia possa vir a ter... Sua filha irá precisar muito de sua ajuda. Esse tipo de violência deixa sequelas muito graves na vítima. A pessoa fica profundamente traumatizada e permanece com esse trauma por um longo tempo. Além de tudo isso, a vítima também tem de enfrentar a sociedade que, até mesmo por ignorância, julga que a mulher não é inteiramente inocente... Isso tudo é muito triste, mas trata-se de uma realidade.

— Tudo isso é um absurdo muito grande!

— Eu compreendo sua indignação, mas peço que prepare sua filha para isso tudo que lhe falei. E coloco-me à disposição para ajudá-las no que for preciso.

Um pouco mais calma, Ana Maria levantou-se e estendeu a mão.

— Muito obrigada, doutora Margarida. Dentro em breve a procurarei novamente.

— Ao dispor.

Dias depois de William ter dado entrada ao processo...

— Doutora Margarida, senhor Mauro Merch na linha dois...

— Pode passar.

— Doutora Margarida?

— Sim, ela mesma. Pois não?

— Sou o senador Mauro Merch.

— Em que posso ajudá-lo, senador?

— Gostaria de falar sobre Lúcia...

— Pois não.

— Eu imagino que a senhora saiba que está perdendo seu tempo com esse processo. Acredito que tenha inúmeros casos em sua companhia muito mais importantes que esse.

— O senhor está enganado quanto a imaginar que eu estou perdendo meu tempo e que esse é menos importante que os outros. Afinal, trata-se de um estu...

Ela foi interrompida.

— Vou direto ao assunto, doutora, porque não tenho tempo a perder. Quanto a senhora quer para abandonar o caso?

— Não estamos à venda, senhor Merch. Nem eu e nem o doutor William, que é o advogado responsável pelo processo. E posso garantir-lhe que, dessa maneira, o senhor está piorando a situação de seu ir...

Foi interrompida outra vez.

— Vamos lá, doutora. Todo mundo tem seu preço.

Irritada, Margarida desligou o telefone. *Canalha! Idiota! Não tenho obrigação de ficar ouvindo uma barbaridade dessas!*

O telefone tocou novamente e ela atendeu.

— Doutora Margarida, o senhor Merch novamente na linha um — anunciou a secretária. — Deseja atendê-lo?

— Não — respondeu ela, mas logo em seguida resolveu atender. Não podia se intimidar. — Pode passar, Virgínia.

— Foi muita grosseria de sua parte desligar o telefone na minha cara.

— Sinceramente, senhor Merch, creio que por mais esforço que eu fizesse não conseguiria ser tão grossa quanto o senhor.

— Não, doutora, eu não fui grosso. Com certeza, posso ser muito mais grosso — disse ele, com sarcasmo. — A senhora não deve fazer a mínima ideia de com que está lidando...

— Novamente o senhor está enganado, pois sei exatamente que tipo de pessoa o senhor é. Afinal, um pai que tem sua filha estuprada e prefere tentar

abafar o problema coagindo as pessoas desta maneira, não pode ser uma pessoa digna de respeito ou...

Mais uma vez foi interrompida.

— Esse é um problema familiar, e os problemas de minha família eu resolvo.

— Não é o que parece.

— Eu vou avisá-la pela última vez — rosnou ele —, não interfira no meu caminho. Posso garantir que não será nada bom para a senhora — e bateu o telefone.

Assim que William chegou, Margarida foi conversar com ele sobre o que aconteceu.

— Recebi uma ligação nada amigável do senhor Merch.

— É? E o que ele queria?

— Ele perguntou quanto queríamos para abandonar o caso e ameaçou quando eu disse que não estávamos à venda.

— Ele está usando dos recursos que conhece... Você não está com medo, está?

— Posso ser sincera?

— Pode.

— Um pouquinho.

— Não precisa ter medo. Como diz o velho ditado, Cachorro que muito late não morde. Além disso, se de fato ele pretendesse fazer algum mal a qualquer um de nós, não avisaria antes.

— Espero que tenha razão.

Depois que a notícia vazara para a imprensa, por semanas a fio, um bando de jornalistas dormiu e acordou em frente à mansão da família Merch. Mas, *finalmente, aquele bando de vermes me deixou em paz*, pensou José Luiz, enquanto aguardava que o segurança abrisse o portão de sua casa. De repente, porém, um senhor, aparentando mais ou menos cinquenta e poucos anos de idade, com óculos caídos sobre o nariz, parou ao lado de seu carro.

— Sou o detetive Meirelles — ele apresentou sua insígnia. — Podemos levar um papinho?

— Não vou falar nada sem a presença do meu advogado. Com licença.

O rapaz tentou fechar o vidro do carro, mas o detetive colocou a mão no vidro e disse, em tom ameaçador:

— Senhor José Luiz, não dificulte as coisas. Preciso apenas tirar algumas dúvidas.

— Conheço bem os meus direitos. Não sou obrigado a dar qualquer declaração sem a presença do meu...

— Não levarei mais do que alguns minutos — insistiu Meirelles.

— Estou muito ocupado, detetive. Sinto muito.

José Luiz arrancou com o carro, quase quebrando a mão de Meirelles. E imediatamente os seguranças fecharam o imenso portão.

Agitado, Lincoln Meirelles retornou ao próprio carro. Havia sido designado

por seu superior para investigar o senador e seu irmão por suspeita de tráfico de drogas há quase seis meses, mas não havia conseguido nenhuma prova concreta.

Pensou em abandonar o caso; porém, para não ter de admitir a si mesmo, aos colegas de trabalho e a seu superior que fracassara, resolveu continuar suas investigações. Tinha de ser persistente, pensou. Não podia desistir justo agora que José Luiz estava sendo processado, porque se ele fosse condenado, com certeza o senador ficaria desestabilizado e se tornaria um alvo muito mais fácil de ser atingido.

Ele estava apostando todas as suas fichas nisso.

Três semanas depois...

O cansaço já estava começando a dominar o corpo e a mente do detetive Meirelles. Durante as últimas semanas, havia seguido José Luiz por todos os lugares, pois acreditava que o rapaz fosse uma espécie de subcomandante dos negócios ilícitos do senador. E acreditava também que era através de José Luiz que conseguiria pegar Mauro Merch.

Era mais de meia-noite e Meirelles estava sonolento. Os olhos tinham dificuldade em permanecerem abertos. Estava quase cochilando quando um barulho de motor o despertou. Esfregou os olhos e pôde perceber que um carro preto de vidro fumê saía da casa da família Merch.

O que será que está acontecendo? Que horas são? — Olhou em seu relógio: quase duas horas da manhã. É agora! Vou pegá-lo! Depois de tanto tempo, finalmente vou conseguir pegá-lo com a boca na botija!, pensava excitado, enquanto dava partida no carro.

Após quase vinte minutos trilhando por ruas quase desertas, Meirelles reconheceu o local para o qual estavam seguindo: Serra da Cantareira. Foi quando resolveu informar pelo rádio ao seu superior o que estava acontecendo e pedir cobertura.

Uma voz sonolenta atendeu com mau humor:

— O que você quer a essa hora, Meirelles?

— Senhor, o gato está com fome e segue agora para beber o leite...

A pessoa do outro lado ficou esperta rapidamente.

— Onde?

— Serra da Cantareira — disse ele, e passou rapidamente todas as coordenadas ao seu superior, enquanto tentava não perder de vista o veículo à sua frente, mas, assim que desligou o rádio, ele adentrou em uma trilha estreita, cercada de muito mato e árvores, e Meirelles percebeu que, a partir dali, teria de se embrenhar no meio da mata e seguir a pé.

Felizmente, o carro estacionou apenas alguns metros depois, ao lado de outro veículo de cor escura, que já aguardava no local.

Meirelles pegou seu binóculo e chegou o mais perto que pôde. No entanto,

quando colocou o binóculo sobre os olhos, ouviu um barulho às suas costas, e, logo em seguida, um estalo.

Alguns minutos depois, cinco viaturas com policiais fortemente armados invadiram o local, mas eles encontraram apenas o corpo de Meirelles com o crânio esfacelado.

Capítulo Quatorze

19 de Janeiro de 1995...

Havia uma ansiedade perturbadora em seu peito. Não era, porém, por causa do julgamento de José Luiz Merch, que se daria no dia seguinte, e sim por Margarida, compreendeu William. Afinal, ao longo dos últimos meses, ela se empenhara sobremaneira à causa de Lúcia. E muito embora, desde o início, Margarida se mostrasse uma profissional extremamente dedicada em tudo o que fazia, a verdade é que ele sentia que aquele caso tinha algo de muito especial para ela, ainda que não conseguisse explicar o porquê dessa impressão.

E, exatamente por não conseguir tirar isso de sua cabeça, ele rolou pela cama durante horas, até que finalmente conseguiu adormecer, com a chuva batendo nas janelas. No seu sonho, Guida apareceu em seu quarto, com os olhos dourados brilhando, os cabelos loiros esvoaçando e uma camisola transparente que cobria apenas parcialmente o corpo esguio e sedutor. Ele levantou-se e tentou tocá-la, mas, à medida que se aproximava, ela se afastava...

Quando William acordou, estava parado em frente à porta de seu quarto. *Foi apenas um sonho... Um lindo sonho.*

Não eram nem cinco horas da manhã quando Margarida levantou. Passara quase a noite inteira rolando de um lado para o outro da cama, sem conseguir dormir. E quando finalmente conseguiu adormecer, tivera um terrível pesadelo e acordou suando frio.

Porém, depois de um longo e relaxante banho, ela já se sentia bem melhor, embora sua expressão ainda continuasse abatida pela noite maldormida. Nada que não conseguisse disfarçar com uma boa maquiagem, pensou ela, enquanto colocava um tailleur azul claro, por cima da regata branca.

Depois de pronta, ela foi até o quarto de Fred e murmurou em seu ouvido: — Eu te amo, sabia? Te amo muito.

Em seguida, foi até o quarto de Andréia e abriu a porta devagar, enquanto pensava em como tivera sorte em encontrá-la. Andréia era meiga e esforçada, e tratava Fred com muito carinho. Um sentimento recíproco. Tanto que, às vezes, provocavam até um pouco de ciúme de tanto xodó que tinham um pelo outro.

E lembrou-se de quantas vezes, antes de Andréia mudar-se para seu apartamento, Fred ficava chorando para que a garota ficasse com ele após seu expediente. Até que um dia, elas conversaram sobre o assunto e Margarida a convidou para se mudar para lá. Tinha um quarto sobrando, dissera ela, e a garota aceitou no ato, o que deixou Fred muito feliz.

E porque Andréia também se tornara sua grande companheira e amiga, Margarida já não conseguia mais imaginar sua vida sem ela.

Andréia acordou assim que ouviu o barulho da porta se abrindo.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou, assustada.

— Não, não. Está tudo bem.

— Então por que está de pé tão cedo? — tornou a perguntar a garota, enquanto cambaleava sonolenta em direção ao armário para pegar um roupão.
— Caiu da cama?

— Engraçadinha. Eu não consegui dormir direito. Acho que estou muito ansiosa... Você poderia fazer aquele delicioso cafezinho, que só você sabe preparar?

— Claro! Com todo prazer.

Durante o julgamento, José Luiz Merch permaneceu com a cabeça baixa. Os olhos inchados e penetrados no vazio. O rosto encovado e triste. Era um homem jovem e bonito, e tinha apenas vinte e nove anos de idade, embora, naquele momento, aparentasse ser bem mais velho do que era.

Sua única reação foi no momento que o juiz bateu o martelo e leu sua sentença. Ele olhou pelo canto dos olhos para William e Margarida, sentindo uma vontade quase feral de pular no pescoço deles e torcer, mas não teve coragem de semexer do lugar. Era como se o chão não estivesse mais sob os seus pés.

E pensou no quanto sempre se sentiu capaz e esperto, conduzindo os negócios de seu irmão. Todavia cometera um grande erro ao deixar de seguir os conselhos de Mauro, que sempre o advertira a não se drogar, pois correria o risco de gostar e se tornar dependente, e isso estragaria tudo. Mas a verdade é que ele tinha certeza que poderia se controlar, por isso experimentava drogas cada vez mais fortes e com maior frequência. E não se deu de conta de que estava dependente até o exato momento em que tentou parar e não conseguiu.

Agora José Luiz reconhecia que havia feito tudo errado, que tinha traído a confiança daquele que, desde que os pais morreram em um terrível acidente de carro, quando ele tinha apenas onze anos de idade, tornara-se tudo em sua vida: seu pai, seu mestre, seu irmão.

Ele olhou para Mauro que o fitava de longe e as lágrimas afloraram em seus olhos. Não havia como voltar no tempo para apagar todas as bobearias que fizera em sua vida, Mas ele nunca tivera a intenção de prejudicar o irmão. Nunca! Evidentemente, a pressão seria grande para Mauro agora. Por isso ele prometeu a si mesmo que, mesmo que custasse sua vida, jamais contaria qualquer coisa sobre o irmão.

Lúcia chorou no momento em que seu tio foi algemado e levado pelos policiais. Afinal, antes de se tornar um viciado, José Luiz era como se fosse seu irmão mais velho. Mas ele havia se transformado completamente depois das drogas, pensou ela neste instante. E ela sentia muito medo desse novo homem.

— Doutora Margarida, doutor William — disse Ana Maria, emocionada —,

muito obrigada por tudo o que fizeram por minha filha.

— Não há o que agradecer. Apenas cumprimos com nossa obrigação — respondeu Margarida. Em seguida, passou o braço pelo ombro de Lúcia e a acompanhou até a saída do tribunal, onde uma enxurrada de repórteres os aguardava.

Lúcia e sua mãe não responderam a nenhuma pergunta, conforme foram instruídas. Deixaram apenas que os seguranças abrissem caminho pela multidão voraz e as conduzissem ao carro à espera delas. William e Margarida, porém, não conseguiram se esquivar dos microfones que, rapidamente, foram lançados em seus rostos.

— Por favor, senhores, façam uma pergunta de cada vez — solicitou Margarida, quando os ansiosos repórteres começaram a lançar infinitas perguntas ao mesmo tempo.

Quando Margarida e William chegaram à companhia, havia um pequeno coquetel preparado por Otávio e Marcelo.

— Um brinde aos mais jovens e famosos advogados do Brasil! — proclamou Otávio, com orgulho e satisfação.

William fez um pequeno discurso de agradecimento:

— Quero agradecer a todos que, de certa forma, cooperaram para o sucesso que tivemos. Agradeço em primeiro lugar ao meu tio Marcelo, que lutou muito para fundar esta empresa e torná-la em um dos escritórios de advocacia mais reconhecidos do país. Agradeço também ao meu pai, que me ensinou tudo o que eu sei hoje, e, além de tudo, não mediu esforços ao lado do meu tio. E agradeço imensamente à doutora Margarida, que me ajudou muito nesse processo. Sem a ajuda e a coragem dela, acredito que eu não teria tido tão grande êxito.

— Eu é que devo agradecer pela chance que me deram e por tudo o que tenho aprendido ao lado de todos vocês — disse ela, com um sorriso. — Muito obrigada por tudo!

Os telefones não pararam de tocar durante a tarde inteira. A todo instante, jornalistas, curiosos e amigos ligavam para dar os parabéns.

Margarida recebeu também várias ligações de colegas da faculdade e até de alguns professores que a viram na televisão e queriam parabenizá-la.

18h30min...

Depois de um dia tão agitado, mereço um bom descanso!, pensou Margarida com entusiasmo, enquanto começava a arrumar sua mesa para ir para casa.

O telefone tocou e ela atendeu:

— Alô?

— Guida, você pode vir até aqui? Preciso conversar com você.

— Lógico, William. Me dê apenas alguns minutinhos para eu terminar de arrumar minha mesa.

Cinco minutos depois, ela entrou na sala dele.

— Guida — começou William com um sorriso radiante —, aconteceu uma coisa maravilhosa comigo!

— É? E o que foi que aconteceu?

— Eu... Bem, acho que, nesse caso, é melhor eu lhe mostrar — e levantou de repente, sem muletas, e sem se apoiar em nada.

Instintivamente, ela correu para apoiá-lo William levantou uma mão e disse:

— Não. Não se preocupe. Eu posso andar — e deu alguns passos lentos pela sala. — Ainda sinto um pouquinho de dificuldade, mas...

Ela estava boquiaberta.

— Oh, Deus! — foi tudo o que conseguiu falar por alguns instantes. — E como...? Quando descobriu isso? Foi agora?

O rosto de William corou levemente. Ele não podia contar sobre o sonho.

— Não. Foi hoje de madrugada... Eu acordei andando pelo quarto feito um sonâmbulo.

— Mas... Eu o vi de muleta o dia inteiro.

— Eu tive medo de cair... De forçar demais... Sei lá! Acho que eu tive medo.

Num súbito impulso, ela correu para abraçá-lo.

— Oh, Deus, William, isso é... isso é maravilhoso!

Ele sentiu um choque ao toque, pela primeira vez, do corpo da mulher amada em seus braços. Por isso, por alguns instantes, ficou completamente imóvel. Quando finalmente seus braços envolveram-na, foi a vez de Margarida sentir o choque daquele contato. E ela estremeceu levemente com aquela sensação maravilhosa que percorreu todo o seu corpo e acelerou as batidas de seu coração.

— Des-desculpe — disse ela, com o rosto totalmente corado, e as pernas meio bambas.

Sentindo uma vontade incontrolável de beijá-la, ele a apertou ainda mais contra seu corpo e aproximou levemente o rosto, mas o estúpido telefone tocou.

William atendeu, após um breve suspiro, e Margarida soltar-se de seus braços.

— Alô? — A voz saiu ríspida. Foi inevitável.

— Doutor William... Ahn... Eu só queria saber se o senhor ou a doutora Margarida ainda precisa de mim.

— Não, Virgínia, pode ir embora. Nós também já vamos.

— Obrigada, doutor William. Até amanhã.

— Até amanhã. Tenha um bom descanso.

William desligou o telefone e depois olhou fixamente para Margarida. Havia muita coisa a dizer, mas agora ele não sabia mais por onde começar.

— Guida, eu...

Completamente atordoada com o fluxo de sentimentos que, de repente, aflorara ali, e que ela não sabia ainda o que significava, Margarida de um

passo para trás.

— Está... Está ficando tarde. Vamos?

— Ah, sim, sim... Vamos. Eu... só vou dar uma organizada na minha mesa.

O número de processos no escritório aumentara excepcionalmente, por isso foram contratados mais dois advogados e dois estagiários, ficando num total de cinco advogados — Otávio, Oscar, William, Edson Sousa e Rui Melo — e três estagiários — Margarida, José Henrique Carvalho e Rogério Nakasaka.

Também foi contratada uma secretária-júnior, para ajudar Virginia e Neuza.

Portanto, a companhia contava agora com mais de quinze funcionários, entre advogados, estagiários, secretárias, office-boy, faxineiras e copeira. Mas a correria não diminuiu para Margarida, nem mesmo após seu bacharelado, pois, à noite, ao sair do escritório, ela tinha de ir correndo para casa a fim de estudar para o concurso da Ordem dos Advogados do Brasil.

E com essa correria toda, Margarida e William não tinham mais tempo nem para conversarem, a não ser durante o expediente, para trocarem uma ou outra informação sobre os processos.

Agosto de 1995...

— Você está com uma cara ótima hoje — comentou William, assim que ela entrou em sua sala, quase no final do expediente.

— Não poderia ser diferente — tornou Margarida com um sorriso. — Estou, de fato, muito feliz!

— E o que aconteceu de tão bom?

— Antes de contar, vou preparar um drinque para nós.

Ela aproximou-se de um pequeno refrigerador que havia na sala, escolheu um champanhe e pegou duas taças, enchendo-as. Depois serviu uma delas a William, que já estava de pé ao seu lado.

— E a que devemos comemorar?

Ela sussurrou-lhe ao ouvido, como se fosse contar um segredo:

— Passei na OAB.

Ele não controlou o impulso de abraçá-la.

— Parabéns! Sabia que conseguiria.

Porque seus sentimentos em relação a William estavam um pouco confusos, e porque sabia que era fácil demais confundir amizade com amor, ela soltou-se vagarosamente dos braços dele, embora no fundo desejasse ficar ali, envolvida em seu abraço.

— Obrigada! — E bebericou um pouco o delicioso champanhe.

— Precisamos avisar meu pai, para, finalmente, efetivá-la como advogada de nossa companhia.

Ela estava no auge de sua felicidade. Tinha vontade de gritar para todo o mundo a sua vitória, mas estar ali, comemorando junto a William, era, na realidade, tudo o que seu coração queria, embora ela ainda tivesse medo de

aceitar esse sentimento.

Alguns dias depois, foi colocada uma pequena plaqueta preta com escrita em dourado na porta de sua sala: “Dra. Margarida Esteves — Advogada”.

Capítulo Quinze

Novembro de 1995...

A vida era mesmo feita de altos e baixos, pensou Margarida, ao receber uma carta da irmã, informando que talvez não pudesse vir a São Paulo. Ela havia planejado buscá-la em meados de dezembro, para que a garota passasse no mínimo dois meses com ela. Afinal, desde o falecimento de Magnólia, há mais de três anos, ela não tivera tempo de ir a Gramado, e quase não conseguia se perdoar por isso. Agora que entraria de férias, porém, desejava compensar todo aquele tempo ausente, e planejara um monte de coisas para ela e Suze fazerem juntas, durante o período que a garota ficasse em São Paulo.

Por isso, ela escreveu outra carta, apelando que Suze viesse pelo menos para as festas de Natal e fim de ano. Mas os dias foram passando sem nenhuma resposta da garota, e isso a estava deixando completamente angustiada. *O que está acontecendo?*

— Humm... Que carinha é essa? — perguntou William, ao entrar em sua sala e vê-la um pouco abatida. — Algum problema?

— Não, não. Está tudo bem.

— Não é o que parece — disse ele. — Por que não me conta o que está acontecendo?

Ela tentou sorrir para disfarçar a pressão em seu peito.

— Está tudo bem. Sério.

Calmamente, William sentou-se na poltrona à frente da escrivaninha dela e alertou, com um olhar sério:

— Ei, não tente me enganar com esse sorriso falso. Eu a conheço bem demais para isso.

Ela aceitou aquilo. Estava, de fato, muito angustiada para conseguir disfarçar.

— É a minha irmã... Eu acho que... Eu sinto que ela não está bem.

— E por que você acha isso?

— Eu não sei. Apenas sinto que há algo de errado. Temo que...

As lágrimas afloraram rapidamente.

— O quê...? O que você teme?

Ela baixou a cabeça e apertou os olhos com força, para evitar as lágrimas.

— Por que não me conta o que está acontecendo? — sugeriu ele novamente, após levantar-se e conduzi-la até um pequeno sofá de dois lugares que havia na sala.

Margarida permaneceu em silêncio e com a cabeça baixa.

— Você não confia em mim?

— Não é isso. Eu apenas... Eu apenas estou um pouco chateada. Só isso.

— Não é, não. E eu não vou sair daqui enquanto não me contar o que está acontecendo.

Ela apertou os olhos outra vez. Nunca falara de seu passado para ninguém. Era difícil demais... Vergonhoso demais...

Mas, subitamente, as palavras saíram.

— Eu temo que meu padrasto faça com minha irmã a mesma coisa que fez comigo...

— E o que ele fez com você? — perguntou William, com um nó terrível na garganta.

— Ele me... Ele me... Oh, deixe-me sozinha, por favor — pediu, e se levantou chorando. — Deixe-me sozinha!

Sentindo todos os músculos do seu estômago se contraindo violentamente em repulsa e ódio, William se levantou e a abraçou. Obviamente, não era preciso que ela dissesse mais nada para ele compreender o que havia acontecido.

— Por que não me contou isso antes?

— Nunca contei a ninguém — murmurou ela, em meio a soluços que sacudiam todo o seu corpo. — Nunca tive coragem.

— Nem para Suze? Nunca contou a ela?

Ela se afastou dele, e sua voz tornou-se estridente.

— Não. Nunca contei. Como poderia contar? Ela era... Ela é apenas uma criança! E ele é o pai dela, entende? Ele é o pai dela!

— Entendo — disse ele, tornando a abraçá-la. — Claro que entendo.

— Quando mamãe morreu, eu pensei em contar... Queria contar... Mas não tive coragem.

— Não se torture por isso — pediu William, desolado.

Ela apertou o rosto contra o ombro dele e continuou chorando, enquanto falava:

— Tudo o que eu queria era poupá-la... protegê-la... Mas ela quis ficar com ele... E eu... eu não pude forçá-la a vir comigo. Mas eu devia ter obrigado. Devia ter obrigado.

— Pare com isso! De nada adianta ficar se torturando assim — disse William, enfurecido. — Você não pode se culpar desta forma.

Margarida sugou as lágrimas e tentou se controlar.

— Eu escrevi uma carta no início do mês e pedi para que ela viesse passar as férias comigo. Talvez aqui eu pudesse convencê-la a ficar. Mas ela respondeu simplesmente que talvez não pudesse vir... Há algo de errado, William. Eu sinto que há.

— Então, vamos ver pessoalmente o que há de errado.

Ela recuou para contemplá-lo.

— Como assim?

— Vamos a Gramado, Guida. Quem sabe assim, juntos, consigamos fazer sua irmã vir para cá?

— Mas como, William? Temos muito trabalho. Não podemos nos afastar desta forma.

— Podemos sair na sexta à noite ou na madrugada de sábado e voltar no domingo à tarde.

O rosto de Margarida iluminou-se.

— Então, você pode ir comigo?

— Lógico! — tornou ele, tentando forçar um sorriso. — Pode contar comigo.

— Obrigada, William. Não sei o que faria sem você.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos e beijou suavemente sua testa.

— Vou pedir a Virgínia que compre nossas passagens.

— Não esqueça da passagem de Fred! — alertou Margarida, quando ele abriu a porta.

— Você acha mesmo que eu esqueceria dele?

— Tenho certeza que não — respondeu ela com um sorriso nos lábios.

William foi para sua sala e ligou para a secretária:

— Virgínia, por gentileza, faça a compra de três passagens para Gramado.

Para mim, Margarida e Fred. Iremos na sexta-feira à noite e voltaremos no domingo à tarde.

— Deseja reservar também um hotel, doutor William?

— Sim.

— Certo. Já vou providenciar.

— Obrigado.

Quando William desligou o telefone, uma lágrima quente escorreu por seu rosto.

Agora consigo entender por que ela temia tanto que a irmã ficasse com o pai... Canalha! Desgraçado!, pensou, num misto de tristeza, indignação e ódio. Muito ódio.

01 de Dezembro de 1995 — Sexta-feira — 14h...

Margarida estava ansiosa para que o dia passasse rápido. Não via a hora de poder estar ao lado de sua irmã. Foi até a sala de William para acertar o horário que iriam para o aeroporto. Mas, assim que pisou os pés na sala dele, Virgínia apareceu.

— Doutora Margarida, chegou este telegrama para a senhora.

Neste momento, um calafrio intenso percorreu o corpo de Margarida. E ela não teve coragem de estender a mão para pegar o telegrama.

Percebendo seu desespero, William levantou e pegou o envelope das mãos da secretária.

— Obrigado, Virgínia.

A moça pensou em sair, mas recuou preocupada.

— Tudo bem com a senhora, doutora Margarida?

Margarida não conseguia falar, alguma coisa a sufocava.

— Está tudo bem, Virgínia. Pode ir — respondeu William.

Virgínia saiu meio relutante. Podia ver através dos olhos de Margarida que

nada estava bem.

— Quer que eu leia, Guida? — indagou William.

Ela simplesmente assentiu com a cabeça.

William leu em silêncio e ficou atônito. Faltou-lhe coragem para reler o telegrama em voz alta.

Margarida tinha seus olhos arregalados, aguardando que ele lhe dissesse alguma coisa. Qualquer coisa.

— O que aconteceu com Suze? ...Algo de errado aconteceu a ela... Eu sei. Posso sentir.

Oh, Deus, como ele poderia dizer aquilo a Guida?

— Sua irmã está... Ela está...

Antes que ele concluísse a frase, Margarida deu um grito de desespero. Um grito rouco que ecoou pelos corredores.

Virgínia olhou assustada para Rita e Neuza, ao seu lado. Em seguida, o telefone tocou e ela atendeu. Escutou por alguns segundos e respondeu:

— Sim, senhor. Eu vou pegar.

Ainda assustada, ela levantou-se e foi correndo à cozinha para pegar um calmante e um copo de água. Quando passou outra vez por Rita e Neuza, uma delas perguntou:

— O que houve, Virgínia?

— Não sei — respondeu sem olhar para elas e andando apressada.

Neuza e Rita se entreolharam, confusas.

Virgínia entrou na sala de William e ficou atordoada ao ver o pranto de Margarida. Desejou perguntar o que havia acontecido, mas limitou-se a deixar o copo e o calmante sobre a mesa e sair em seguida.

Quando retornou à sua mesa, Rita e Neuza olharam-na com frustração. Aguardavam algum comentário; como ela permaneceu quieta, Rita perguntou:

— O que aconteceu, Virgínia?

— Eu não sei, mas com certeza é algo muito grave — respondeu a moça, ainda atordoada.

— Puxa! Mas que droga de vida! — reclamou Neuza. — Ela estava tão feliz hoje porque ia rever a irmã.

— O que houve, dona Virgínia? — indagou Otávio, que acabara de chegar de uma audiência e encontrara todos os funcionários aglomerados na recepção. — O que está acontecendo aqui?

— A doutora Margarida... Ela... Acho que deve ter acontecido algo de muito grave...

— Grave? Como assim? — quis saber.

— Eu não sei... Ela está com o doutor William.

Otávio encontrou a porta da sala de William aberta. Ainda assim, perguntou:

— Posso entrar, filho?

William afirmou com um aceno, enquanto aflagava os cabelos de Margarida, que chorava em seu ombro.

— O que houve? — perguntou Otávio, baixinho.

— A irmã dela morreu.

— Morreu?! — Otávio olhou atordoado para William. — Mas do que ela morreu?

— A garota se... Ela se suicidou.

Otávio esperou o choque passar para sentar-se ao lado de Margarida e puxá-la gentilmente para seus braços.

— Sinto muito, Guida. Sinto muito mesmo.

William saiu vagarosamente da sala e se encaminhou para a recepção, onde todos os funcionários ainda aguardavam para saber o que havia acontecido.

— O que houve? — perguntou-lhe alguém, mas ele nada respondeu.

— Dona Virgínia, por favor, alugue um jatinho o mais rápido possível para uma viagem a Gramado. Eu e a Guida embarcaremos assim que for possível.

— Mas o que aconteceu? — perguntou ela, enquanto já pegava sua agenda na gaveta.

— A irmã da Guida foi encontrada morta ontem à noite. Tudo indica que foi suicídio.

— Oh, Deus! — tornou uma das faxineiras, rompendo a barreira de perplexidade que abatera a todos.

— Pobre garota! — murmurou Neuza.

— Imagino como deve estar sendo difícil para a doutora Margarida — comentou Rita.

Assim que o avião ganhou os céus de São Paulo, ela começou a tremer descontroladamente, mas William pensou que fosse apenas nervosismo.

— Não tenha medo — disse, segurando a mão dela entre as suas. — Daqui a pouco estaremos em Gramado.

Margarida sentia-se tonta e fraca, sentia também uma terrível falta de ar, mas não disse nada. Afinal, coisa nenhuma poderia ser pior do que aquela dor horrorosa em seu peito, pensou, lúcida. Mas, algum tempo depois, começou a delirar... *Oh, Deus, como ela não percebera antes? Lógico que tudo aquilo não passava de uma brincadeira!*

Sim, Suze estava pregando uma peça nela, disse a si mesma, e, em seguida, repetiu isso a William.

Sem saber o que dizer, ele a abraçou. E foi aí que notou o quanto ela estava quente.

— Ah, meu Deus, você está queimando de febre! — e imediatamente tirou o paletó, colocou-o sobre ela e voltou a abraçá-la.

De fato, ela sentia agora o corpo extremamente quente e pesado, embora sentisse também muito frio. Ainda assim, ela conseguiu forças para não arriar até o momento que desembarcaram em Caxias do Sul e entraram num táxi. E encontrou forças também para sair correndo do carro, quando o motorista estacionou em frente ao portão de sua antiga casa.

Não, ela não está morta! É apenas uma brincadeira de mau gosto. Claro que

ela não está morta!

Mas parou, subitamente, ao chegar à porta de entrada e ver um caixão no meio da sala. Havia muitas pessoas ao redor, mas ela parecia não ver ninguém, somente o caixão.

— Suze. — Ela chamou, enquanto corria para o meio da sala. — Pare com essa brincadeira! Eu sei que você não está morta! Eu sei.

Todos olhavam desesperados para Margarida, sem saber o que fazer.

— Vamos, Suze, levanta daí! Pare com essa brincadeira! — e começou a balançar o caixão: — Eu sei que você não está morta! Eu sei...

William se aproximou rapidamente e segurou suas mãos.

— Por Deus, Guida, não faça isso.

— Suze está brincando, não percebe? Ela não está morta! Não está morta! — repetiu, enquanto berrava e socava o peito de William. — É tudo uma brincadeira! Uma brincadeira!

Lígia aproximou-se com um copo de água.

— Eu não quero calmante!

— Não é calmante, querida. É apenas água. Tome. Vai lhe fazer bem.

Ela tomou um gole porque sua garganta estava arranhando de tão seca, mas logo em seguida sentiu-se fraca demais até para continuar segurando o copo. Seu corpo se recusava a permanecer em pé.

— Por favor, William, leve-me para o quarto de Suze — pediu, e apoiou-se nos braços dele antes de cair e derrubar o copo.

Algumas horas depois, Margarida despertou, sentindo o corpo cada vez mais fraco e febril. Olhou à sua volta e viu várias sombras, uma delas parecia estar vestida totalmente de branco.

— Quem são vocês? — A voz saiu atrapalhada. Não reconhecia ninguém à sua volta.

Uma voz respondeu:

— Sou Marcos, Guida. Não me reconheces?

Ela não reconheceu, e adormeceu outra vez.

Horas depois, voltou a despertar. William estava sentado ao seu lado, conversando com Lígia e Vânia. Quando perceberam que ela estava acordada, silenciaram-se.

— Como você está se sentindo? — perguntou William.

— Eu não sei — respondeu, com a voz ainda embaralhada. — Sinto-me confusa. O que aconteceu? Onde está Suze?... Eu tive um pesadelo horrível. Nele, Suze estava morta...

— Não foi um pesadelo, Guida. — disse William, amargurado.

Margarida sentiu lágrimas quentes correrem por seu rosto, e um desespero tomou-lhe de conta. Sentou-se num movimento abrupto e agarrou William pelas lapelas do casaco.

— Não pode ser verdade. Não pode ser!

— Calma, meu anjo, calma... — Ele a abraçou quando ela começou

novamente a esmurrar seu peito. — Por favor, fique calma.

— Diga a ele, Lígia... Diga a William que ele está enganado.

Lígia lançou um olhar aflito para a mãe.

— Guida, você precisa aceitar...

Ela fechou os olhos, enquanto encostava a cabeça no ombro de William e as lágrimas corriam abundantes sobre sua face.

— Oh, Deus, não, não!

Capítulo Dezesseis

Seu corpo ainda ardia em febre e ela mal podia manter-se de pé. Apesar disso, ficou ali por um longo tempo, olhando inconformada para o mausoléu da família, enquanto William esperava a uma certa distância.

Ah, Deus, Deus, Deus! Por que isso? Por quê? Por quê?

William aproximou-se devagar, alguns minutos depois.

— Vamos, Guida. Já é hora de partimos.

Com lágrimas deslizando por seu rosto, ela deu uma última olhada para trás, quando William passou o braço por seus ombros. Queria gritar, mas estava fraca, muito fraca para isso.

Suze! Oh, Deus, Suze! Por que você fez isso?

Uma semana depois...

— Doutor, por que a febre resiste por tantos dias? — indagou William, preocupado.

— É psicológico — respondeu Henrique, ao terminar de medir a pressão arterial de Margarida. — Mas ela vai ficar boa.

William queria acreditar nisso. Precisava acreditar nisso. Mas era difícil acreditar em qualquer coisa quando se olhava para Margarida, estendida naquela cama com a feição tão pálida que parecia morta.

— Tem certeza, doutor?

— Tenho. Ela é forte. Seu corpo está apenas colocando para fora a amargura que está guardada lá dentro.

— E por quantos dias ela ainda continuará assim?

— É difícil prever, William. Talvez até hoje, talvez até amanhã, ou talvez demore alguns dias. Não depende de mim, nem de você e nem de ninguém, apenas dela mesma. Mas quanto mais carinho ela sentir que está tendo, mais rápida será sua recuperação.

— Compreendo.

O médico virou-se para Andréia que estava ao lado e falou:

— Se perceber qualquer alteração, me ligue imediatamente. Combinado?

A garota balançou a cabeça. Em seguida, acompanhou Henrique até a porta.

— Doutor, tem certeza que ela não corre risco de morrer?

— Tenho sim, Andréia. Fique tranquila. Logo, logo ela ficará bem.

Era madrugada quando Margarida despertou. Olhou para o lado esquerdo e viu Andréia adormecida em uma poltrona, remexendo-se incomodamente. E deitado ao seu lado direito, com um dos bracinhos sobre seu peito, encontrava-se Fred. Ela passou as pontas dos dedos pelos cabelinhos dele e murmurou:

— Oh, meu querido, você é tudo o que eu tenho agora. Preciso muito de você.

Depois, afastou-se com todo cuidado para não acordar ninguém e tentou

levantar-se. Ao colocar-se de pé, porém, sentiu que suas pernas estavam fracas e tentou segurar-se na cômoda ao seu lado, fazendo barulho suficiente para despertar Andréia.

A menina deu um pulo da cadeira e correu ao seu encontro.

— Está tudo bem, Andréia. Pode deixar — disse ela com a voz rouca.

— Tudo bem mesmo?

— Está sim. Estou apenas me sentindo um pouco fraca.

— Então, que tal um lanche para recuperar as energias?

— Você é um anjo, sabia?

— Obrigada — murmurou a menina, meio encabulada.

Enquanto aguardava Andréia preparar o lanche, Margarida sentia seu cérebro trabalhando em alta velocidade. E as cenas do caixão, da irmã falecida, das pessoas e dos comentários passaram a fazer sentido naquele momento.

— *Quem são vocês?*

— *Sou Marcos, Guida. Não me reconheces?*

Sim! Agora ela reconhecia. Era Marcos que esteve com ela, cuidando de sua febre. Ele era a pessoa vestida com jaleco e calça brancos.

Oh, meu Deus! Marcos cuidou de mim o tempo inteiro e eu nem o reconheci!, pensou com amargura.

— *Quem são vocês?*

Sim! Agora ela reconhecia a todos. Eram: William, Marcos, Carlos, suas primas e sua tia Vânia.

— Prontinho — anunciou Andréia, assim que terminou de servir a mesa.

Margarida começou a devorar o lanche, enquanto outras imagens e frases vinham à sua mente, fazendo o embaralhado de cenas se encaixarem com perfeição.

— Está mesmo com fome, hein? — comentou a garota com um sorrisinho, ao vê-la comendo com tanta pressa.

Margarida ignorou o deboche.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Andréia?

— Lógico! O que quer saber?

— O que você acha que levaria uma adolescente a se envenenar? A tirar sua própria vida?

A pergunta pegou a jovem de surpresa.

— Sei lá, Guida!

— Você nunca pensou nisso...? Quero dizer, nunca cogitou a hipótese?

— Não... Isto é, sim. Mas eu jamais teria coragem.

— Eu preciso descobrir o que aconteceu de tão grave a Suze para ela tomar uma medida tão extrema.

— Não estou entendendo. O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que seja lá quem ou o que for que a levou a cometer suicídio, eu irei descobrir — respondeu Margarida, abruptamente, mas depois tentou

controlar o tom de voz. — É muito difícil entender o que aconteceu... Suze era meiga como uma flor, incapaz de tirar a vida de um simples inseto. Por que, então, tirou sua própria vida? Não! Algo aconteceu... Algo de muito grave. E eu vou descobrir. Eu vou descobrir!

Andréia não gostou do brilho estranho que vira nos olhos de Margarida, mas nada comentou.

— Está certo. Agora termine de comer seu lanche. Não vai conseguir descobrir nada se não tiver energia para isso.

O fim de ano se passara de forma desoladora para Margarida, e também o fora para William, que queria confortá-la de qualquer forma. Mas ele tinha de admitir que não havia nada, absolutamente nada que pudesse fazer para aliviar aquela situação, aquela dor. Tudo o que podia fazer de fato era manter-se ao lado dela, mesmo nos momentos em que ela dava claros indícios de que preferia ficar sozinha, trancada em seu quarto, trancada em si mesma, mergulhada em dor.

Dois meses e meio depois, Margarida recebeu um telegrama de Lúcia, contando-lhe que Carlos havia desocupado a casa, e que a mesma estava à venda.

Margarida ainda não se sentia em condições de pensar em coisas práticas; contudo se vira obrigada a isso, ao lembrar que aquela casa fora a única coisa que sobrara de sua família. E se fosse vendida, não lhe restaria mais nada além de lembranças.

Dessa forma, assim que chegou ao escritório, ligou para três imobiliárias em Gramado e solicitou análise do valor da casa.

E, alguns dias depois, após receber as cotações das imobiliárias, conseguiu um empréstimo bancário e fez um depósito em nome de sua tia.

08 de Março de 1996 — Sexta-Feira — Final da tarde...

— Podemos conversar um pouquinho? — Ela perguntou a William, ao entrar em sua sala.

— Claro — respondeu ele com um sorriso.

— Amanhã eu irei a Gramado.

O sorriso desapareceu rapidamente.

— O que você vai fazer lá? Visitar suas primas?

— Não. Eu vou até minha casa.

— Como assim? Você comentou que sua tia ia vender a casa...

— É verdade. Mas fui eu quem a comprou.

William levantou-se de um pulo.

— Que droga, Guida! Por que fez isso? Para sofrer ainda mais?

— Não! Lógico que não!

— Então, por que fez isso?

— Você não compreende? Aquela casa foi a única coisa que sobrou de minha

família. Está tudo lá. Além disso...

— Além disso?

Ela soltou um suspiro profundo. William não ia entender.

— Eu... Eu tenho de descobrir o que levou Suze a fazer o que fez.

— Poderá não descobrir nada. Já pensou nessa hipótese? — perguntou

William, irritado, preocupado.

— Não, eu não pensei nessa hipótese, pois tenho quase certeza que sei o motivo.

— É mesmo?

— É. — Ela afirmou com amargura e raiva. — Mas você não vai entender.

William aproximou-se e a abraçou com ternura.

— Desculpe. Eu entendo sim. Mas... Por que não espera mais um pouco? Não há porque se expor dessa forma.

Ela fitou-o com os olhos cheios d'água e depois tentou se afastar, mas ele a segurou firme em seus braços e repetiu:

— Desculpe.

— Eu preciso ir lá, William. Preciso ter certeza de que... Deus, eu tenho quase certeza de que ele... De que ele a estuprou. Se não foi esse o motivo, então por que raios ela se matou?

— Você não vai sossegar enquanto não tiver essa resposta, não é mesmo?

— Não. Não vou.

— E nada do que eu disser vai fazê-la mudar de ideia.

— Você sabe que não.

Ele esboçou um sorriso aflito.

— Está certo. Então, você permite ao menos que eu a acompanhe?

— Não, William. Eu prefiro ir sozinha.

— Tem certeza? Eu posso...

Ela balançou a cabeça.

— Por favor, William, não insista. Eu... Eu tenho de fazer isso sozinha.

— E quantos dias pretende ficar lá?

— Eu vou amanhã cedinho e volto amanhã mesmo à noite, ou talvez domingo.

— Nesse caso, eu posso buscar o Fred para passar o sábado e o domingo comigo?

— Pode. — Ela ofereceu um sorriso breve. — Claro que pode.

Capítulo Dezessete

A pele se arrepiou por inteiro quando Margarida girou a maçaneta da porta. Apesar disso, ela esticou o braço para acender a luz da sala de estar. Não fazia muito tempo que a casa estava trancada, mas já havia um irritante cheiro de mofo no ar.

Andou devagar até o meio da sala, com a nítida sensação de que Suze estava ali, ao seu lado, acompanhando-a desde que cruzara o portão.

Os móveis estavam cobertos com lençóis ou sacos plásticos, mas não havia muita poeira acumulada, o que dava a certeza que alguém de sua família, provavelmente Lígia, estivera ali para dar uma limpada.

Subiu a escada e foi direto para o quarto que pertencera a Suze. Retirou o plástico da cama e sentou-se. Os bichinhos de pelúcia e as bonecas, que ficavam sobre a cama ou atulhadas nas prateleiras, haviam desaparecido. Contudo, as cortinas rosadas permaneceram nas janelas, assim como a velha cadeira de balanço, que fora de sua avó materna, continuava aos pés da cama.

— Suze, será que você consegue me ouvir? Se consegue, me diga, pelo amor de Deus, por que fez isso? Por quê? — Os olhos se encheram de lágrimas. — *Que boba eu sou. Mortos não conversam com os vivos*, disse a si mesma.

Deitou-se no colchão e fechou os olhos, com doces lembranças aflorando-lhe à mente, e sem perceber acabou cochilando.

Quando abriu os olhos, Suzane estava ajoelhada ao lado da cama, sorrindo. E, sem falar nada, deu-lhe um beijo afetuoso e gelado. Margarida levou um susto e despertou.

Foi apenas um sonho! Apenas um sonho!, disse, e se levantou para vasculhar o quarto de Suzane. Não sabia exatamente o que estava procurando, mesmo assim continuou sua busca. Depois, foi até o quarto de sua mãe e outras lembranças agitaram-se em sua mente, enquanto revirava as gavetas. E descobriu em uma das gavetas do guarda-roupa algumas peças íntimas da irmã. *Por que essas roupas estão aqui?*

Ao imaginar o motivo, seu estômago se contraiu em dor, e ela tratou de fechar rapidamente a gaveta. *Oh, Deus, tomara que eu esteja enganada. Tomara.*

Em seguida, lembrou-se do porão e encaminhou-se apressada para lá, apesar de nunca ter apreciado entrar sozinha ali. Encontrou a porta destrancada. Ainda assim, um barulho estridente e rouco ecoou pela casa, quando ela girou a maçaneta.

Ela ordenou a si mesma que mantivesse o controle, e acendeu rapidamente a lâmpada que ficava logo após o primeiro degrau da velha escada de madeira, que rangia a cada passo que dava.

Margarida não conseguiu evitar que as lágrimas escorressem por suas faces quando avistou, em cima de um velho guarda-roupa à sua esquerda, o vaso que comprara para sua mãe no natal de 1989. Ela pegou o vaso na mão e

acariciou-o por um longo tempo. A seguir, abriu a porta do guarda-roupa e encontrou as bonecas que pertenceram a ela e a Suzane. Todas embaladas cuidadosamente em sacos plásticos transparentes.

— Oh, Deus, está tudo aqui! — murmurou, emocionada, ao pegar a boneca preferida de Suze.

Mas as emoções não pararam por aí, pois aquele velho guarda-roupa guardava um monte de coisas que pertenceram a ela e a Suzane. Ela não sabia que a mãe guardava ali, em pequenos estojos nomeados, até mesmo os dentinhos de leite dela e da irmã. E dentro de uma gaveta encontrou uma caixa de madeira, um pequenino baú. Curiosa, pegou a caixa com cuidado e tentou abri-la, mas estava trancada à chave.

Nesse momento, um súbito e estranho rangido na escada fez seu coração disparar e a pele arrepiar. Ela olhou nervosa para todos os cantos, apenas para se certificar que não tinha mais ninguém ali. Depois tentou relaxar e procurou no guarda-roupa algo que lhe ajudasse a abrir a caixa, e acabou encontrando um molho de chaves. Mas de nada adiantou, nenhuma das chaves servia.

Já impaciente, levantou à procura de outra coisa que pudesse abrir a bendita caixa e encontrou um estojo de ferramentas. Acabou estourando a fechadura com uma chave de fenda e, mais uma vez, teve a impressão de ouvir a escada ranger sozinha.

Acho que estou ficando maluca!

Dentro do pequeno baú, havia alguns álbuns e também fotos soltas. Ela pegou o primeiro álbum e começou a folhear. Eram fotos antigas de sua mãe e de sua tia Vânia, ainda meninas, ao lado dos pais.

No segundo álbum, sua mãe e sua tia já eram duas adolescentes, rindo para a câmera, em companhia de um belo rapaz, que ela reconheceria imediatamente. *Pai! Ah, ele parecia um ator de cinema*, pensou Margarida agora, registrava cada detalhe daquelas fotos antigas que ela não lembrava se algum dia tinha visto.

O terceiro álbum continha fotos de sua mãe grávida e também de uma bebezinha recém-nascida. Havia também mais fotos de seu pai, sorrindo, com o bebê no colo. *Sou eu*, disse a si mesma, chorando e sorrindo ao mesmo tempo.

E o quarto e quinto álbuns eram praticamente só de Suzane, mas o mais estranho é que eles estavam incompletos. *Que esquisito*, pensou, observando as marcas nas páginas de onde as fotos foram subtraídas. E foi aí que percebeu que não havia retratos de Carlos em nenhum daqueles álbuns.

Ainda cismada com aquilo, ela pegou uma das fotografias, que estava solta no fundo da caixa, e observou atentamente, intensamente. Era um foto recente de sua mãe e Suzane; provavelmente a última que elas tiraram juntas antes da morte de Magnólia.

Ah, que saudade de vocês.

Continuou remexendo o baú e, de repente, se deparou com um diário. *Oh,*

Deus, será que tenho o direito de ler isto?, perguntou a si mesma, quando pegou o pequeno diário em suas mãos trêmulas. *Não! Eu não posso! Não posso!*, respondeu, e então jogou tudo de volta na caixa e saiu correndo dali. Precisava urgente de ar puro.

Apesar de tudo, Margarida encontrava-se bem mais calma quando parou em frente ao portão da casa de sua tia Vânia. Era difícil voltar ali também, por isso ela se apressou em apertar a campainha. Não era o momento de se amedrontar diante das sombras do passado, enfatizou a si própria, antes mesmo que Lígia surgisse à porta.

— Nossa! Que surpresa boa!

— Como vai, Lígia?

— Eu estou ótima! — respondeu ela, ignorando a mão estendida de Margarida e partindo para o abraço. — E contigo?

— Eu deveria ter avisado que vinha...

— Mas que bobeira é essa? — tornou Lígia, após puxá-la para dentro. — É sempre uma surpresa muito agradável recebê-la aqui em casa.

Quase nada mudara ali, notou Margarida, ao acomodar-se na sala principal.

— E o titio e a titia, onde estão?

— Eles foram visitar tia Francisca... A irmã mais velha do papai. Acho que tu te lembras dela, não lembras? Pois então, ela não está muito bem de saúde. Mas amanhã mesmo eles estarão de volta — respondeu Lígia, depois de arriar no sofá em frente à Margarida. A seguir, começou a contar todas as novidades: Bete casara-se no mês anterior e ela estava noiva. — Acho que somente tu ficaste para titia, não é, guria?

Margarida conseguiu esboçar um sorriso.

— Sou obrigada a concordar com você.

— Desculpe pela brincadeira. Foi só pra descontrair um pouquinho... Sei que tu ainda sofres muito com a morte de tua irmã.

— Por falar nisso, eu queria agradecer por ter arrumado tudo lá em casa.

— Que nada! Fiz apenas aquilo que era minha obrigação.

— Isso não é verdade, Lígia. Você não tem obrigação de nada. Por isso agradeço profundamente por tudo o que fez por mim e, sobretudo, por Suze.

— Aproveitando... tu pretendes alugar tua casa?

— Não... Acho que não. Por quê?

— Acredito que tu não lumbres de nosso tio Zeca. Ele é nosso tio-avô, isto é, irmão de nossa avó. É que ele está bastante velho e está procurando uma casa...

— E você acha que eu deveria alugar a minha casa para ele?

— Acho que ele não tem condições financeiras para pagar o aluguel, mas pode servir de caseiro. O que achas?

— Não sei... Ele tem esposa, filhos ou netos?

— Não, Guida. Ele é um velho solteirão. É um pobre coitado que não tem nem onde morar. Apesar disso, garanto que é uma excelente pessoa, e que

cuidará muito bem de tua casa.

— Então está bem — respondeu Margarida, sem pensar duas vezes.

— Ele vai ficar muito feliz.

— Também fico feliz em poder ajudar.

Houve um momento de silêncio e então Lígia indagou:

— E como está Fred? Por que não o trouxe?

— Ele está ótimo. E eu não o trouxe porque... porque precisava ficar só.

— Entendo — disse Lígia, ansiosa por fazer algumas perguntas. Mas ela não sabia por onde começar. — Já te disse que os olhos de Fred são iguaizinhos aos do Marcos?

— Acho que já — tergiversou Margarida, meio nervosa.

— Aquele rapaz que veio contigo... Como é mesmo o nome dele? Ah!

Lembrei. O nome dele é William, não é? Ele é o pai de Fred?

Onde Lígia está querendo chegar?, perguntou-se Margarida.

— Não gostaria de falar sobre isso.

— Desculpe. Não tive a intenção de ser bisbilhoteira.

— Não! Não pense que imaginei que você quisesse bisbilhotar. Só não gostaria de tocar nesse assunto neste momento porque é uma história muito complicada e eu... eu estou com um pouco de pressa.

Lígia quase acreditou que a prima estava mesmo com pressa, não fosse a cautela no olhar.

— Mas dá tempo de tomar um cafezinho, não dá?

— Não precisa se incomodar.

— Não é nenhum incômodo. Faço questão.

Elas foram até a cozinha e lá Lígia deu um jeitinho de retomar o assunto, quando Margarida se acomodou à mesa.

— Tu soubestes o que aconteceu com o Marcos?

— Não. — Ela estremeceu, preocupada. — O que aconteceu?

— A mulher e o filho dele morreram.

— Eu não sabia que o Marcos havia casado — tornou Margarida, parecendo confusa.

Lígia se apressou em explicar:

— Ele não chegou a casar-se legalmente.

— Entendo...

— Acho que o Marcos nunca se casou com a Olívia porque não a amava. Seu coração já pertencia à outra pessoa — Lígia aguardou algum comentário de Margarida.

— Como assim? Ele não foi a Londres para ficar com ela?

— Foi obrigado a isso. Tu sabes disso.

Margarida franziu a testa. *Não, eu não sei!*

— Continue.

— Eles chegaram a viver juntos por alguns anos. Mas não deu certo e se separaram. Como disse, o coração de Marcos não pertencia a Olívia. — Lígia

aguardou mais uma vez por algum comentário de Guida. Como isso não aconteceu, continuou: — Só que logo após a separação, Olívia descobriu que estava grávida e então eles voltaram a viver juntos. Afinal, Marcos sempre fora apaixonado por crianças, sempre desejou ter filhos...

— E o que aconteceu com Olívia e a criança?

— Não sei explicar exatamente qual foi o problema. Sei apenas que Olívia teve uma gravidez difícil desde o começo. E quando ela estava no oitavo mês de gestação teve uma hemorragia. Tentaram salvar a vida dela, já que a do bebê fora impossível, mas, infelizmente, ela também chegou a falecer.

— Sinto muito. E como ele está? Faz muito tempo que isso aconteceu?

— Alguns meses antes da morte de Suze. — Lígia serviu o café e arrumou biscoitos em um prato, antes de continuar: — Ele está bem agora.

Sem nada comentar, Margarida tomou um gole de café.

— E veja que malvada ironia do destino — continuou Lígia, após sentar-se —, Marcos se formou para salvar vidas, entretanto, não conseguiu salvar a vida da própria mulher e do filho.

— É — murmurou Margarida, quase para si mesma. — Às vezes a vida é muito dura e cruel com as pessoas.

— Marcos ficou desesperado quanto te viu doente, Guida. Muito desesperado. Comentou que jamais admitiria te perder.

Neste momento, o coração de Margarida quase explodiu de alegria. Mas logo esse sentimento deu margem à raiva. *Se ele se preocupa tanto assim comigo, então por que nunca me procurou? Por que nunca escreveu sequer uma carta?*

Ela teve vontade de jogar tudo isso na cara da prima, porém não disse nada. Absolutamente nada.

Lígia prosseguiu:

— Depois da morte de Olívia, meus pais o convenceram a voltar para o Brasil. Ele permaneceu alguns meses aqui em Gramado, mas, recentemente, mudou para São Paulo.

Margarida quase se engasgou neste instante.

— São Paulo?!

— Sim — confirmou Lígia, sondando-a. — São Paulo.

Mais uma ironia do destino: tão perto e tão longe!, pensou Margarida, antes de levantar-se de forma súbita.

— Eu tenho de ir agora.

— Por que tanta pressa? Por que não fica até amanhã? Meus pais adorariam revê-la — disse Lígia.

— Não, não, eu... eu realmente preciso ir. Ainda tenho de voltar lá em casa e arrumar algumas coisas que deixei separadas.

— Mas...

— Desculpe, eu estou com muita pressa. Preciso voltar para São Paulo ainda hoje.

Capítulo Dezoito

Abril de 1996...

Ela colocou um conjunto de saia e terninho vermelho para tentar amenizar a palidez, mas não foi possível disfarçar a fisionomia cansada, pelas noites maldormidas.

E antes de sair de seu quarto, ela deu mais uma olhada no diário que pertenceu a Suze, que estava sobre sua mesinha-de-cabeceira. Depois, guardou-o na gaveta, do jeito que o havia encontrado, fechado à chave. Durante todo esse tempo, sentiu vontade de ler o pequeno diário, mas não teve coragem. E isso estava acabando com ela.

William se dirigiu até a sala de Margarida. Precisava conversar com ela sobre um processo, mas queria aproveitar também para ver como ela estava, pois há dias não conseguiam conversar direito, devido ao corre-corre na companhia.

— Bom dia!

— Bom dia, William — respondeu ela, forçando um sorriso.

— Está com uma cara péssima hoje...

— É. Eu sei.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? — Ele perguntou, após se acomodar na cadeira à sua frente.

— Acho que ninguém pode me ajudar.

— Não quer, pelo menos, me contar o que está acontecendo? — Ele inclinou-se e pôs a mão sobre a dela, gentilmente. — Garanto que sou um bom ouvinte.

Ela assentiu com a cabeça. Precisava urgente desabafar com um amigo. Do contrário, ia enlouquecer.

— Às vezes, tenho a impressão que vou pirar. Sonho quase todas as noites com a Suze me pedindo socorro...

— Ainda dorme com o diário dela sobre seu criado-mudo?

Ela hesitou levemente antes de responder:

— Sim.

— Ainda não o leu?

— Não.

— Por que não?

Ela baixou os olhos.

— Acho que... Acho que estou com medo... É muito provável que ela tenha descrito o que estava sentindo antes de se matar, e eu... eu não sei se estou preparada emocionalmente para isso.

— Então, guarde-o e dê tempo ao tempo — tornou William, passando a mão macia sobre a dela. — Não precisa fazer isso agora.

Margarida ficou em silêncio.

— Promete que vai pelo menos pensar no que eu falei?

— Prometo.

— Então, vamos falar sobre o processo do senhor Anderson?

— Vamos — respondeu ela aliviada, por ele ter mudado de assunto.

Anderson Philipe estava sendo acusado de assassinar a própria mulher e, embora todas as circunstâncias o colocassem como o principal suspeito do crime, Margarida acreditava na versão que ele havia fornecido, pois quando Anderson a procurou, ela fixou-o nos olhos e falou:

— Apenas aceitarei pegar o seu caso sob a condição de que nada me seja omitido. Nada mesmo. Caso contrário, eu não hesitarei em abandonar o processo.

Parecendo angustiado, o homem balançou a cabeça, e começou a contar:

— Eu já sabia que ela me traía... Há três anos, quando viajei para a Alemanha para fazer um curso de especialização, recebi um telefonema de alguém que dizia ser um amigo e que me falou que minha mulher estava saindo com meu diretor. A princípio, eu não quis acreditar — confessou ele, com as mãos inquietas sobre o colo —, mas ao voltar da Alemanha, a primeira providência que tomei foi a de colocar um detetive atrás dela... Minha esperança era a de que ele me afirmasse que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto, mas, infelizmente, ele confirmou aquilo que eu tanto temia: Rosana me traía... Fiquei doido. Tive vontade de matá-la.

— E por que não fez isso?

Ela era direta e ia fundo, muito fundo, pensou Anderson, cravando seus olhos castanhos nos dela.

— Porque eu a amava... E também não pedi o divórcio porque não suportava... Não suporto a hipótese de me afastar dos meus filhos.

Anderson fez uma pausa e esfregou o rosto com as mãos aflitas.

— Por isso, após uma longa discussão, e várias promessas feitas por ela de que estava arrependida e me amava, resolvemos tentar novamente. Saí da empresa onde trabalhava e abri uma microempresa junto com um amigo de infância. É lógico que as coisas entre ela e eu nunca mais foram as mesmas, eu desconfiava de tudo e de todos. Apesar disso, continuamos tocando a vida. Até que há seis meses comecei a desconfiar de novo das atitudes dela e desse meu amigo e sócio na empresa. Então coloquei outro detetive para vigiá-la e mais uma vez confirmei o que suspeitava: Rosana me traía com esse meu amigo, além de continuar mantendo o caso com meu ex-diretor. Novamente eu fiquei louco. Queria matar todos eles — Anderson fez uma nova pausa —, mas eu sabia que se eu fizesse isso destruiria minha própria vida, perderia a guarda dos meus filhos. Por isso, coloquei escutas telefônicas nos aparelhos lá de casa para montar um flagrante.

As mãos se aquietaram por um instante.

— Eu precisava buscar uma peça e afinar alguns contatos nos Estados Unidos, e, embora não tivesse tanta pressa disso e pudesse enviar um representante comercial em meu lugar, arrumei essa desculpa para sair de

casa e deixá-los à vontade o suficiente para flagrá-los. Disse a Rosana e ao meu sócio que ficaria lá por uma semana, mas a verdade é que eu voltaria no dia que marcassem o encontro. Iria filmar tudo e usar a fita para garantir a guarda dos meus filhos. Também aproveitaria para uma vingança, mandaria uma cópia da fita à esposa do meu sócio. Destruiria a vida dele da mesma forma que ele havia destruído a minha. — Os olhos de Anderson Philipe faiscaram agora. — Mas quando cheguei lá, ela... ela estava morta... Rosana estava morta... Alguém a matou... Alguém a matou — repetiu ele várias vezes, num breve surto.

— Senhor Anderson...

— Pois não?

— Não teria sido mais fácil pedir ao tal detetive para armar o flagrante?

Ele levou algum momento para responder:

— Acho que precisava ver tudo com meus próprios olhos... Para cair na real e me libertar desse amor... Também não queria escândalos, apenas a garantia de que ficaria com meus dois filhos. Eu os amo e jamais admitiria perdê-los para ela. Nunca os perderia para ela.

Margarida notou que Anderson Philipe ainda usava a aliança de casamento quando ele começou a virá-la de um lado para o outro, no dedo.

— E como soube o dia que eles marcaram o encontro? — perguntou Margarida, apenas para ter certeza.

— Já lhe disse, através da escuta telefônica... Estou com a fita comigo.

— Continue.

— Ciente do dia e horário que eles se encontrariam em minha casa, marquei o meu retorno para chegar no mesmo horário marcado por eles...

— E seus filhos e a empregada, onde estavam?

— Rosana havia dispensado a empregada logo após o meio-dia e deixado as crianças na casa dos meus pais, alegando que ia ao cabeleireiro e que no final da tarde iria pegá-las... — A voz de Anderson tremia agora, apesar do seu esforço para se controlar. — Ela armou isso para recebê-lo em minha casa... Ela me traía dentro da minha própria casa...

— Por favor, continue, senhor Anderson.

— Ela voltou do cabeleireiro, segundo investigação policial, por volta das duas da tarde, e às quatro e meia, quando eu entrei no apartamento, ela já estava morta.

— E o seu sócio? O senhor o viu chegar ou sair?

— Não. Não o vi.

— Mas o senhor chegou antes das quatro, conforme informou em seu depoimento à polícia, e ficou do lado de fora observando o movimento na casa.

— Exato.

— E também bebeu um pouco. Ou não foi um pouco?

— Bebi... Precisei beber...

Ela se recostou na cadeira e fez uma breve pausa para pensar.

— E seu sócio se identifica na gravação?

— Não. Ela o chama de “querido”.

— E como sabe que é o seu sócio?

— Pela voz. Um simples teste fonológico poderá provar que a voz é dele.

— Isso é fácil conseguir. Mas existe a esposa dele que confirma que ele não saiu de casa... Alega que ele teve uma crise de diabetes à tarde e ficou em repouso.

— Sei disso. Também não estou dizendo que ele a matou, pois não posso provar isso. Só preciso provar que eu não a matei. Apesar de tudo, eu não a matei — concluiu Anderson com os olhos vermelhos e se esforçando para não chorar.

Depois de discutirem por mais de meia hora sobre o processo, William perguntou:

— Acredita de fato que o senhor Anderson seja inocente?

— Acredito — afirmou Margarida.

— O caso é bastante complicado. É quase um crime perfeito... Não deixaram impressões digitais, nem a arma do crime, isto é, a faca, e nem há testemunhas...

— Quem a matou sabia o que estava fazendo.

— Mudando um pouco de assunto. Advinha quem me procurou na semana passada?

— Não faço a mínima ideia.

— O senador Mauro Merch.

Margarida o olhou com perplexidade.

— E o que ele queria?

— Que eu fizesse sua defesa, já que ele está sendo acusado de tráfico de drogas.

— Pensei que esse assunto havia esfriado.

— Não para a polícia.

— E o irmão dele, o José Luiz, como será que ele está?

— Dizem que, logo após sua prisão, foi violentado por vários presos e levou uma grande surra; depois disso, nunca mais ninguém ouviu sua voz.

— Que horror!

— Isso sempre acontece quando um estuprador cai nas mãos de outros presos.

— Sei disso. Mas o fato de ele não falar é muito estranho. Será que não é para se proteger?

— É possível — concordou William. — Afinal de contas, naquela época em que foi condenado, já havia rumores de que ele e o irmão pudessem estar envolvidos com tráfico de drogas, sendo que Mauro Merch seria o mandachuva. Inclusive um detetive que estava investigando o caso foi assassinado. Lógico que nunca ninguém conseguiu provar nada, mas tudo indica que ele tenha sido morto a mando do próprio senhor Merch.

— Puxa! Você está bem informado! Então quer dizer que o José Luiz pode mesmo estar fingindo-se de mudo?

— Talvez.

— E o que o senador falou quando você se recusou a defendê-lo?

— Falou algumas besteiras.

Ela fixou os olhos de William, porque de repente tivera a impressão que havia algo que ele não queria contar.

— E o que mais?

Ele deu um sorriso.

— Não precisa se preocupar. Eu sei exatamente como agir com esse tipo de gente.

11 de maio de 1996 — Sábado...

— Guida, por favor, me ajude! — gritava Suze, de algum lugar.

— Onde você está? — perguntou Margarida, desesperada. Não era possível ver nada naquele labirinto escuro, completamente escuro.

— Eu estou aqui. Por favor, ajude-me.

Ela caiu no chão frio e úmido. Havia um cheiro de sangue no ar, mas ela não sabia que era seu próprio sangue que se esvaía.

— Aqui onde, Suze?

— Aqui... Eu estou aqui.

Os pés escorregando, ela conseguiu se levantar e correr pelas galerias vazias, mas não conseguia encontrá-la! Não conseguia encontrá-la!

Margarida acordou soluçando e transpirando muito.

Meu Deus, o que está acontecendo comigo?, perguntou a si mesma, antes de lançar um olhar para o rádio-relógio e conferir as horas: três da madrugada. Deitou-se outra vez, porém, não conseguiu mais dormir. Seu coração estava oprimido demais para isso.

Após alguns momentos com os olhos perdidos no teto branco do quarto, pegou o diário mais uma vez e apertou-o contra o peito.

— Suze, se pode me ouvir me responda: Quer que eu leia o seu diário?

Devo estar ficando maluca! Como posso querer que ela responda?

— Perdoe-me, Suze, mas terei de ler — murmurou, antes de levantar para pegar um grampo na penteadeira. — Do contrário, nunca mais me libertarei desses pesadelos.

A seguir, voltou a sentar-se na cama. E estava tão absorvida em sua tarefa de destrancar a pequena fechadura do diário que quando sentiu a mão de alguém tocar em seu braço, seu coração quase saiu pela boca.

— Puxa, filhão! Que susto você me deu!

O menino a olhou com expressão chorosa.

— Posso dormir com a senhora, mamãe?

— Claro que pode, meu amorzinho.

Ela tornou a colocar o diário sobre o criado-mudo e acomodou Fred ao seu lado.

Quando o menino adormeceu, ela pegou mais uma vez o diário e, após insistentes tentativas, finalmente, conseguiu abri-lo. Respirou profundamente, antes de começar a ler:

Junho/91

Tenho sentido muito medo do meu pai. Ele tem agido de forma bastante estranha comigo. Pensei em contar à mamãe sobre as atitudes dele, mas tive receio da reação dela. Também tenho medo de estar imaginando coisas e causar problemas a ele.

Oh, Deus! Suze escreveu isso antes da morte mamãe!, pensou Margarida, desesperada, e passou rapidamente para a próxima página. Mas, na página seguinte, Suze não voltou a relatar mais nada sobre o pai.

Margarida ficou se perguntando por que a irmã levava meses para voltar a escrever no diário.

20/02/92

Meu querido diário, não tenho mais minha mãe comigo.

Ah! Sinto-me profundamente triste e sozinha.

O que será de mim agora?

Por que me abandonou, mamãe?

Com lágrimas nos olhos, Margarida foi virando uma página após a outra. E parecia que um filme se passava em sua cabeça, enquanto lia sem parar.

Hoje estou me sentindo profundamente só e triste. Já faz mais de um mês que a mamãe morreu e a saudade que sinto dela é imensa...

Nas páginas seguintes, Suze tornou a falar do pai:

...Sinto, em alguns momentos, um pouco de medo do meu pai, porque parece que ele me deseja. Tenho medo de pensar nisso, de estar inventando coisas na minha cabeça. Mas é muito estranha a forma como ele me olha...

...Às vezes, converso com minhas amigas para saber como são os pais delas, e fico tentando comparar com as atitudes do meu pai. Sua forma de se comportar quando está sozinho comigo em casa é estranha, e isso me amedronta...

...Papai tem agido de forma cada vez mais estranha, principalmente quando bebe um pouco, e o jeito que ele me olha me aterroriza cada vez mais...

...Dormi ontem à noite com o papai porque ele insistiu muito. Mas fiquei apavorada, porque tive a impressão que ele me desejava. Parece meio estúpido isso, pois sei que um pai jamais deseja a uma filha, mas essa impressão tem aumentado e estou cada vez mais preocupada e amedrontada...

... A partir de hoje, consegui com que Miriam durma aqui em casa e, por isso, estou mais tranquila. Não consigo mais me sentir segura em ficar sozinha com meu pai à noite.

...Pensei em escrever a Guida para contar o que está acontecendo, porém não tenho coragem, temo pelo que ela possa pensar disso tudo.

— Ah, meu Deus, Suze, por que não me contou? Por quê? — murmurou Margarida, parando em seguida a leitura, pois a emoção não permitiu que continuasse.

E ela só conseguiu dormir após tomar um sedativo.

Assim que levantou, às dez horas da manhã, Margarida pediu a Andréia para levar Fred para a casa dos Fraga. Ela havia combinado com William que o menino passaria o final de semana inteiro lá.

Depois que a menina voltou para casa, prepararam o almoço. E logo após almoçarem e arrumarem a cozinha, Andréia perguntou ansiosa:

— Guida, hoje à tarde você irá precisar de mim?

— Eu acho que não, Andréia. Por quê?

— Ah, é que... Bem, é que uma carinha lá da escola me convidou para sair com ele hoje.

— Que bom! Pode ir.

— Posso ir mesmo? Hoje não é meu dia de folga e eu não quero parecer atrevida...

— Pode sim, Andréia. Não se preocupe.

A menina ficou olhando para Margarida como se quisesse dizer mais alguma coisa.

— Algum problema, Andréia?

— Não. Nenhum.

— Tem certeza?

— É que... que...

— Fale, Andréia.

— É que eu não tenho nenhuma roupa legal, e estive pensando se você... se você poderia me arrumar algo...

— Lógico que sim. Pode pegar no guarda-roupa o que quiser.

Andréia levantou-se e num impulso beijou o rosto de Margarida.

— Obrigada. Muito obrigada mesmo!

Logo após Andréia sair, Margarida pegou novamente o diário e passou a tarde inteira lendo, sem perceber o tempo passar. E já eram quase nove horas da noite quando teve de reunir toda a sua força para buscar Fred na casa de William, embora tivesse quase certeza que o menino iria querer dormir lá. Poderia ter resolvido a situação por telefone, porém precisava respirar o ar fresco da noite, caminhar um pouco para tentar aliviar um pouco a pressão no peito.

Quando chegou à casa dos Fraga, Eloísa a fitou com certo espanto e preocupação:

— Está acontecendo alguma coisa, Margarida? Você está tão abatida!

Ela não conseguiu mais controlar as lágrimas.

— Sente-se aqui — pediu Eloísa, após acompanhá-la até o sofá —, e me conte o que está acontecendo. Talvez eu possa ajudar.

— Não se preocupe, dona Eloísa, eu irei superar.

— Eu sei que vai, mas não pode segurar o mundo inteiro sozinha. Precisa desabar com alguém.

— Sei disso — tornou Margarida, mas continuou chorando em silêncio. Eloísa levantou quando William entrou na sala.

— Cuide dela, querido. Eu vou pedir para a empregada preparar um chá. William sentou-se ao lado de Margarida e moveu-se de forma a apoiar a cabeça dela em seu peito. Permaneceu por algum momento em silêncio, afagando-lhe os cabelos, antes de comentar:

— Eu gostaria de ajudar... Por que não desabafa comigo?

Ela levantou o rosto lentamente, e seus olhos dourados e angustiados fizeram o estômago de William se contrair.

— Eu... Eu me sinto culpada... Mas agora é tarde para arrependimentos. — Aquelas palavras tiveram gosto de fel em sua boca. — Ela está morta.

— Como assim, culpada? Isso não faz qualquer sentido.

Ela se levantou de um salto e começou a andar de um lado para o outro.

— Eu deveria ter falado... Deveria ter contado tudo à minha mãe. Se eu tivesse tido coragem naquela época, nada disso teria acontecido.

— Pare com isso, Guida — pediu ele, após levantar-se também. — É loucura o que está fazendo consigo mesma.

— Mas é verdade, William. A culpa é toda minha — repetiu ela, quase aos berros. — Eu me omiti... E se eu não tivesse feito isso, nada disso...

— Não diga bobagem! — Ele se aproximou e a segurou firmemente pelos ombros. — Você foi uma vítima tanto quanto ela! Por favor, use o raciocínio. Desesperada, ela encostou o rosto no peito dele; as lágrimas quentes molhando sua camiseta.

— Oh, Deus... Eu... Eu não sei se vou conseguir conviver com essa dor...

William sentiu um frio na espinha. Por medo, entendeu ele, puro medo por aquelas palavras.

— O que quer dizer com isso?! — e voltou a segurá-la pelo ombro. — Pelo amor de Deus, Guida, pare de se culpar. Isso é um absurdo, não vê? Só existe um culpado nessa história toda. E você sabe quem é.

Ela precisava acreditar nisso.

— Talvez você tenha razão, mas isso não me livra completamente da culpa de omissão... Eu jamais deveria ter me afastado por tanto tempo. — E tornou a encostar o rosto no peito dele. — Ah, Deus... Ela era apenas uma criança, e aquele infeliz a estu... Oh, William, como ele pôde fazer isso com a própria filha?

— Eu não sei — disse William, com o coração em frangalhos. — Eu não sei. Depois, ele a conduziu de volta ao sofá e aninhou-a em seu colo como uma criança, até que o choro e os soluços transformaram-se em gemidos, e posteriormente em silêncio.

Uma semana depois, após tirar alguns dias de folga em casa, Margarida já havia lido todo o diário de Suze. Em nenhum trecho, a garota relatou de forma

clara que tinha sido violentada pelo pai. E também parou de escrever por quase um ano, só voltando a desabafar seus sentimentos pouco tempo antes de suicidar-se; ficando assim impreciso saber o que tinha acontecido nesse intervalo de tempo.

...

Sinto ódio do meu pai. Ódio por tudo o que ele faz comigo. Ódio por me obrigar a fazer coisas feias com ele. Ódio quando ele me toca com suas mãos imundas e nojentas. E sinto ainda mais ódio porque ele é meu pai...

...Sinto que minha vida não vale mais a pena. Não há mais esperanças. E só espero que Deus e minha irmã possam me perdoar pelo o que vou fazer.

Essa foi a última frase.

Quando Margarida fechou o diário, estava mergulhada numa angústia profunda. A certeza que Suze não só havia sido estuprada, como também obrigada a manter relações com o pai, provocava uma dor lancinante em seu peito.

Precisou de pelo menos um dia inteiro trancada no quarto sozinha para chorar toda a sua dor e sair da depressão. Mas à noite, ao sair do quarto para jantar, apesar da cabeça ainda doer como uma ferida aberta, a pressão angustiante no peito havia diminuído bem; a raiva e o sentimento de vingança já haviam prevalecido sobre o sofrimento.

Maldito! Maldito! Maldito! Vai pagar por tudo o que fez a ela! Ah, vai! Vou atrás de provas nem que seja no inferno, mas ele irá pagar.

No dia seguinte, com a mente completamente lúcida e decidida a fazer justiça, Margarida escreveu à Lígia solicitando que investigasse sobre o paradeiro de Miriam, que havia prestado serviço em sua casa em Gramado, quando Suze era viva. E enquanto aguardava a resposta, procurava ocupar todo o seu tempo com meio mundo de afazeres; ocupava a mente para subjugar a dor.

Capítulo Dezenove

17 de junho de 1996...

— Parabéns, Guida! Você fez uma defesa maravilhosa — disse William, na saída do tribunal.

— Eu estava meio insegura. Afinal, esse foi meu primeiro grande caso. Mas acho que...

Ela parou de falar quando uma jovem exuberante se aproximou de repente.

— Sou estudante de direito e acompanhei sua defesa, doutora Margarida Esteves. Achei que você foi perfeita. Parabéns!

Discreta, Margarida correu os olhos pelo vestido curto e decotado da jovem à sua frente. Definitivamente, aquele não era o traje adequado para uma estudante de direito, pensou ela.

— Obrigada.

— Meu nome é Roseli — continuou a jovem, estendendo a mão para cumprimentá-los.

— Eu sou...

— Eu sei quem você é, doutor William Fraga — adiantou-se Roseli, com um sorrisinho insinuante nos lábios. — Venho acompanhando há algum tempo a trajetória de sucesso de vocês dois.

William fitou por alguns segundos a bela morena à sua frente e riu, numa reação automática ao sorriso dela.

— Se não for nenhum incômodo, doutora Margarida, gostaria de fazer algumas perguntas... É para um trabalho da faculdade.

— Estou com um pouquinho de pressa — argumentou Margarida, tentando se desvencilhar o mais breve possível da jovem inconveniente.

— Eu prometo que serei breve. Por favor...

— Está bem.

— Quando pegou essa causa acreditava mesmo na inocência do seu cliente? — questionou Roseli, após retirar de sua bolsa um pequenino gravador.

— Sim, acreditei.

— Não lhe passou pela cabeça em nenhum momento que ele poderia ter realmente matado a esposa?

— Como disse, eu acreditei na inocência do meu cliente.

— Mas todos os fatos o colocavam como o principal suspeito, não é verdade?

— É verdade. — Margarida suspeitou que a moça não estava prestando muita atenção às suas respostas. Ela não tirava os olhos de jabuticaba de cima de William. — E é exatamente por isso que ninguém pode ser considerado culpado sem provas.

— E como conseguiu que a dona Augusta Volpeto, vizinha do senhor Anderson, testemunhasse o que viu, se desde o começo ela e os demais vizinhos alegavam nada ter visto?

— Não foi fácil — respondeu Margarida, sem conseguir ocultar um certo ar de aborrecimento —, Mas, alguém, numa denúncia anônima à polícia, disse ter visto quando um homem estacionou um carro preto a alguns metros do local e entrou na casa do senhor Anderson, por volta das três horas da tarde. Através dessa denúncia, conseguimos chegar ao senhor Adriano, ex-diretor dele.

— E por que a denúncia não foi suficiente?

— Foi um crime quase perfeito. O senhor Adriano usou luvas e não deixou provas digitais no local, além de ter como álibi o filho e a ex-mulher, que alegavam ter estado com ele naquele horário.

— E onde está o senhor Adriano? Já está preso?

— Ele está foragido, mas isso é um caso para a polícia.

— E como chegaram à dona Augusta?

Não havia qualquer motivo para se sentir aborrecida, disse Margarida a si mesma, quando a jovem tornou a rir insinuantemente para William, e vice-versa; afinal, William era livre e desimpedido e poderia flertar com quem desejasse.

— Pelos dados da denúncia e perícia técnica no local, chegamos à conclusão que o denunciante só podia ser um vizinho. Por isso eu, pessoalmente, procurei por cada um deles, inclusive pela dona Augusta, uma antiga moradora do bairro.

— Mas a polícia também fez isso e não conseguiu fazer com que ela afirmasse que tinha sido a denunciante. Como a senhora conseguiu?

Margarida respondeu a essa e mais algumas perguntas, enquanto a jovem trocava olhares com William.

— Uma última pergunta. Você disse que tinha certeza que a dona Augusta iria testemunhar. Por que tinha tanta certeza disso?

— Intuição, Roseli. Intuição feminina.

A jovem desligou seu pequenino gravador e guardou-o na bolsa, antes de dizer:

— Muito obrigada por sua atenção, doutora Margarida. Tenha certeza que me ajudou muito.

— De nada.

Roseli jogou os cabelos lisos e pretos para trás e tentou puxar assunto com William:

— Se eu precisar tirar mais alguma dúvida... Sobre algum outro processo... Posso ligar para você?

— Claro — tornou ele.

— Eu não tenho o seu telefone.

Rapidamente, ele tirou do bolso de seu paletó um cartão, com seu nome e telefone. Não há maior satisfação para a autoestima de um homem que uma bela mulher insinuar-se para ele.

— Agora tem.

— Podemos ir, William? — perguntou Margarida.

— Ah, sim, podemos — respondeu ele, após apertar demoradamente a mão de Roseli.

— Puts! Que mulherzinha cara-de-pau! — disse Margarida, quando a jovem se afastou, requebrando toda. — Claro que ela não estava nem um pouco interessada no processo do senhor Anderson.

William limitou-se a rir, enquanto observava o balanço dos quadris de Roseli. Lógico que ele conhecia e apreciava aquele tipo de mulher.

23 de junho de 1996 — Sexta-feira...

Após mais de um mês de longa espera, Margarida recebeu uma carta de sua prima Lígia informando o endereço da mulher: Miriam Benedito Silva, que havia trabalhado durante mais de três anos para Suze e Carlos.

— Vou para Gramado hoje à noite — Ela comentou com William por telefone, no final da tarde.

— Puxa, que pena. Eu estava pensando em convidá-la para jantar.

Ela bateu rapidamente nas teclas do computador, para arquivar a petição que acabara de digitar.

— Pensei que estava saindo com aquela tal de... Como é mesmo o nome dela? — perguntou, embora lembrasse muito bem o nome.

— Quem? Ah, sim... Você está falando da Roseli?

— Ela mesma.

— Quem disse que estou saindo com ela?

— Tenho meus contatos — tornou Margarida, logo arrependida de ter iniciado aquele assunto. Afinal, o que ela tinha a ver com isso?

Ele hesitou.

— Não, eu...

— Desculpe, William. Não é da minha conta.

— Talvez não. Mas já que você tocou no assunto, eu gostaria de explicar que...

— Vai me dizer que não saiu com ela?

— Não, eu não... eu não posso dizer isso, mas...

— Mas eu não tenho nada a ver com isso — disse ela, sem compreender por que, de repente, ficara tão irritada. — Preciso desligar agora. Tenho de passar em casa antes de embarcar.

— Me deixe apenas explicar...

— Você não tem de me dar explicação.

— Eu de fato saí com a Roseli, mas foi apenas uma... uma...

— Não precisa dizer mais nada, William. Eu já entendi tudo.

— Mas...

— Eu tenho de ir — tornou ela, incisiva. Depois, desligou o computador e se levantou, mais calma. — Só desejo o melhor pra você, William. Mas sei que não tenho o direito de interferir em sua vida.

Tarde demais para dizer isso, pensou William, quando ela desligou o telefone.

Às dez horas da noite, Margarida embarcou para Gramado e, assim que chegou lá, foi direto ao local informado por Lúcia.

A mulher morava em um sítio, de grande simplicidade, a algumas horas de distância do centro da cidade. Quando Margarida abriu o pequeno portão de madeira, um cachorro vira-lata, ao longe, com olhar desconfiado e inseguro, passou a latir em desespero. Logo em seguida, surgiu uma mulher baixa, meio gorduchinha, que aparentava ter sessenta anos ou um pouco menos que isso.

— Oi! Eu estou procurando pela dona Miriam Benedito.

— Sou eu mesma — respondeu a mulher com desconfiança. — O que deseja?

— Sou Margarida Esteves, irmã de Suzane Esteves. Posso conversar um pouquinho com a senhora?

— Vamos entrar — sugeriu Miriam, após um instante de hesitação.

Margarida acompanhou-a até a humilde sala de visitas.

— Suze me falava muito da senhora — começou a mulher, após sentarem-se no sofá.

— Não precisa me chamar de senhora, dona Miriam.

— Está certo. Mas em que posso ser útil?

— Preciso muito de sua ajuda. A senhora é minha única esperança de justiça.

— Como assim? — A voz da mulher saiu um pouco trêmula.

— A senhora estava lá quando Suze se matou? — Margarida foi direto ao assunto.

— Sim, eu estava. Mas eu não vi nada, não.

— Dona Miriam, eu sei que Suze tinha grande afeição pela senhora, por isso achei que ela poderia ter comentado alguma coisa sobre o que...

— Ela era de fato uma doce menina e eu gostava dela como se fosse minha filha, mas ela não gostava muito de falar sobre o que sentia — explicou a mulher, rapidamente.

— Então a senhora não faz ideia do que aconteceu? — insistiu Margarida.

— Não, não sei. Por que saberia?

— Por favor, não me leve a mal. Apenas imaginei que... — Margarida controlou-se para não chorar — que a senhora soubesse de algo que pudesse me ajudar a...

A mulher interrompeu-a.

— Como já disse, eu não sei de nada.

As lágrimas quase caíram agora. *Será possível que Suze não contou a ninguém o que estava acontecendo? Será que durante todo esse tempo em que essa senhora trabalhou lá, não viu e nem ouviu nada que possa me ajudar? Ela tem de saber alguma coisa. Tem de saber!*

— Dona Miriam, a senhora nunca viu ou ouviu...?

A mulher a interrompeu mais uma vez, insistindo taxativamente:

— Eu não sei de nada, moça. Eu não posso ajudar em nada. Por acaso veio

aqui só para me perturbar?

Tomada por um desespero profundo, Margarida não conseguiu mais evitar que as lágrimas escorressem por seu rosto. Era evidente nos olhos de Miriam que ela sabia de alguma coisa, mas, pelo jeito, ela estava determinada a não falar.

— Por favor, dona Miriam, eu preciso muito de sua ajuda... Não imagina o quanto é difícil perder alguém que a gente tanto ama de forma tão trágica.

— Imagino sim, moça, pois eu também perdi a minha única filha em um acidente.

— Então, acho que a senhora pode me entender. Quero apenas poder um dia colocar minha cabeça sobre o travesseiro e ter certeza que a justiça foi feita.

Margarida abriu a bolsa e pegou um cartãozinho com seu endereço e telefone e entregou à mulher.

— Por favor, dona Miriam, se lembrar de alguma coisa, qualquer coisa, me ligue.

E levantou na esperança de que Miriam falasse algo ao vê-la de partida. Como a mulher permaneceu em silêncio, ela tornou a pedir:

— Por favor, me ajude.

— Moça, deixe a justiça nas mãos de Deus. Nada irá trazer tua irmã de volta.

Margarida não podia contestar isso. Sabia que realmente nada traria sua irmã de volta, nem mesmo a justiça. Porém, a justiça poderia trazer sua paz de volta.

Antes de retornar a São Paulo, Margarida passou na casa de Lígia para explicar sobre o processo que iria mover contra seu padrasto.

— Por que estás tão convicta de que Suze foi estuprada por Carlos? — perguntou ela algum tempo depois, após conseguir se restabelecer do que tinha ouvido.

— Suze tinha um diário no qual mencionou várias passagens com o pai que me levam a acreditar nisso... Em uma dessas passagens, ela declarou que odiava o pai quando ele a tocava...

Lígia sentou ao lado de Margarida, o rosto delicado riscado pelas lágrimas.

— O que tu estás falando é muito grave. É difícil acreditar que Carlos possa ter feito isso com a própria filha.

— Eu sei que é difícil de acreditar, mas eu tenho certeza disso.

— Como pode ter tanta certeza? Por acaso ela escreveu isso no diário?

— Não, não escreveu — respondeu Margarida com a cabeça baixa e pensativa.

— Então como pode ter certeza? — Lígia aguardou que a prima respondesse; como Guida continuava de cabeça baixa, ela questionou: — Existe alguma prova mais concreta do que o diário que te leves a pensar assim?... Alguma vez ele tentou algo contigo?

Houve um silêncio chocado. Margarida arregalou os olhos.

— Não estamos falando de mim, Lígia. Estamos falando de Suze.

— Ele mexeu contigo, não é mesmo, Guida? — A voz de Lígia era suave e pausada. — Por isso tu acreditas que o mesmo aconteceu a Suze. Não é verdade? Foi por isso que tu fugiste para cá, naquela época.

Margarida respirou fundo, as lágrimas descendo sobre o seu rosto. Como Lígia descobrira aquilo tudo?

— Foi isso mesmo... Mas quero que saiba que não se trata de uma vingança pessoal. Não é sobre mim que estou falando, é sobre Suze. A justiça que procuro não é para mim, mas para Suze. Você me entende?

— Sim, eu entendo. E quero que conte comigo para o que precisar.

— Preciso apenas que fale o que sabe. Nada mais do que isso.

Lígia colocou suas mãos sobre as de Margarida e afirmou:

— Pode contar comigo, hoje e sempre.

— Por favor, não conte a ninguém sobre minha história.

— Fique tranquila. Jamais comentarei com quem quer que seja.

— Obrigada, amiga. Muito obrigada.

Logo após sair da casa de sua prima, Margarida tomou as providências legais para dar entrada ao processo contra o padrasto.

Agora é só aguardar que os autos sejam encaminhados à promotoria e torcer para que o mesmo se convença da urgência do caso, pensou ela com aflição.

10 de julho de 1996 — Quarta-feira...

Depois da correria de mais uma audiência, William sentia-se extremamente esgotado. Mesmo assim, resolveu passar no consultório de Henrique.

— A que devo a honra de sua visita? — perguntou o médico, antes de estender-lhe a mão. — Está tudo bem?

— Eu vou bem, doutor. E o senhor?

— Vou muito bem. E seu pai e sua mãe, como estão?

— Estão bem, graças a Deus.

— Então sente-se, meu rapaz, e diga em que posso ajudá-lo.

O médico instalou-se por trás de sua escrivaninha. William sentou-se na cadeira em frente.

— É um assunto delicado e eu não sei por onde começar.

— Tente pelo começo — respondeu Henrique em tom de brincadeira.

— Bem, como o senhor deve saber já estou com quase trinta e dois anos e... como o senhor deve saber também, consegui me restabelecer completamente do acidente há apenas um pouco mais de um ano...

— Sim, William. Eu sei de tudo isso.

— Foram quase seis anos de luta para que eu pudesse voltar a andar normalmente, mas... não me sinto realizado...

O médico esperou calmamente que William desabafasse.

— Doutor, quero que me responda com toda sinceridade: será que um dia poderei ser pai?

A pergunta não foi exatamente uma surpresa para Henrique.

— Olha, William, você teria de fazer vários exames para que eu pudesse avaliar. Mas, a princípio, acredito que nada o impeça. E mesmo que haja algum problema ou alguma sequela do acidente, há vários tratamentos ou mesmo cirurgias que podem ajudar.

— Eu estou disposto a fazer o que for preciso.

— Então não tenha dúvida de que irá conseguir. Já vi casos muito mais complexos de pessoas que levaram muito mais tempo para restabelecer as funções normais de seu corpo e que conseguiram ser pais com pequenas intervenções cirúrgicas.

— Quando poderei começar os exames, doutor?

— Encaminharei você a um velho amigo que lhe dará toda orientação possível.

Alguns dias depois, William começou a fazer um batalhão de exames.

E Margarida continuava aguardando ansiosa que Miriam a procurasse. Em seu coração, sustentava a certeza de que a mulher iria procurá-la antes da audiência, que estava marcada para o dia dezesseis de dezembro, mas, à medida que o tempo passava e a mulher não a procurava, o desespero afligia-lhe a alma...

27 de outubro de 1996 — Domingo...

Andréia e Fred estavam assistindo a um filme quando o telefone tocou. A garota atendeu, e após escutar por um instante, respondeu:

— Sim, aqui é da casa da doutora Margarida Esteves. Quem gostaria de falar com ela?

A jovem escutou por mais um instante, antes de dizer:

— Por favor, aguarde um momento que eu vou verificar se ela pode atender.

— Depois, colocou a mão no bocal do aparelho e falou baixinho: — Fred, avise a sua mãe que uma tal de Miriam quer falar com ela ao telefone.

— Quem quer falar comigo? — questionou Margarida, que acabara de entrar na sala.

— Uma tal de Miriam. Você pode...?

— Sim! Posso sim! — respondeu, ansiosa. Mas procurou se controlar antes de pegar o aparelho. — Dona Miriam, aqui quem está falando é a Margarida...

Guida se manteve firme enquanto conversava com Miriam, mas quando desligou o telefone, todo o controle que conseguira manter até aquele instante se esvaiu. Foram dias e noites de espera, de tensão, que transbordou de uma só vez. Mas ela chorava agora de felicidade. Apenas de felicidade.

— Ela aceitou depor! Ela aceitou!

Capítulo Vinte

Gramado — 16 de Dezembro de 1996...

O recinto de audiências encontrava-se calmo, mas do lado de fora curiosos, parentes, amigos e um batalhão de jornalistas de emissoras locais aguardavam impacientes pelo início do julgamento.

Margarida viajou a Gramado alguns dias antes do julgamento, para que pudesse acompanhar de perto a repercussão do caso na cidade e também se preparar emocionalmente para enfrentar o seu pior inimigo: seu padrasto. Apesar de todo o seu esforço, porém, naquele momento, em que aguardava pelo início da sessão, não conseguiu evitar um mal-estar terrível, enquanto recordava tudo o que havia acontecido nos últimos meses.

Foram dias e mais dias de angustiosa espera, noite e noites maldormidas, mas nada, absolutamente nada, fora mais difícil do que autorizar a exumação do corpo de Suze, pedida pela promotoria cerca de um mês e meio antes do julgamento. Ela lembrava exatamente do momento em que sua prima ligou para lhe dar a notícia.

— *Guida, é a Lígia. Tudo bem?*

— *Vou levando. E você, como está?*

— *Estou bem, obrigada.*

— *O que houve? Pela sua voz, parece nervosa...*

— *E estou...*

— *Por quê? O que aconteceu? Algum problema?*

— *É sobre o processo contra o Carlos...*

— *O que é que tem?*

— *O Lúcio... O promotor... Ele entrará em contato contigo hoje para te passar os detalhes... Mas eu queria te adiantar o assunto, porque sei o quanto isso será difícil...*

— *Mas, afinal, o que aconteceu?*

— *A promotoria pediu a exumação do corpo de Suze...*

Margarida tinha experiência jurídica suficiente para saber que a exumação seria necessária, portanto, deveria estar preparada para aquilo. Mas descobriu que não estava.

— *Oh, Deus, não, não...*

Lígia esperou um momento, antes de continuar:

— *O promotor quer que seja feita a autópsia para verificar se encontra sêmen do Carlos no corpo dela... Ele me explicou que sem a exumação talvez não haja provas suficientes para incriminar o Carlos.*

— *Eu não quero nem pensar nessa hipótese — tornou Margarida, assim que conseguiu se controlar. Ela sabia que se queria ganhar aquela causa e colocar seu padrasto na cadeia, precisava ser forte.*

— *Ele precisa de sua autorização formal — continuou Lígia —, o mais rápido*

possível.

— Quanto a isso não tem problema, mas... eu não sei se... Acho que não terei coragem suficiente para acompanhar a exumação...

— Sei disso. Posso fazer isso por você. Não se preocupe.

— Muito obrigada, minha amiga. Não sei o que faria sem você. Irei encaminhar hoje mesmo a autorização.

Com dez minutos de atraso, o juiz Natanael Rubro, meio tenso, tomou posição em sua cadeira e realizou a abertura da sessão. Ele nunca tivera um caso de tão grande repercussão em sua comarca, e não gostara nada daquilo.

Margarida olhou nervosa para o promotor Lúcio Fernandez, que se encontrava ao seu lado.

— Fique calma, vai dar tudo certo — sussurrou-lhe, antes de se levantar e dar início à sua argumentação: — O senhor verá, meritíssimo, como o réu, o senhor Carlos Reitch, abusava sexualmente de sua própria filha, a jovem Suzane Esteves Reitch. E verá também como ele usou do medo de uma criança, na expectativa que ela nunca fosse denunciá-lo...

Margarida conheceu Lúcio Fernandez logo após a instauração do processo. E a primeira impressão que tivera dele era de que, apesar de jovem, pois não aparentava ter mais do que trinta anos de idade, ele era muito calmo e organizado. Mas isso não servia para acalmá-la naquele momento.

Sentiu falta de William. Queria muito que ele tivesse vindo com ela, para dar-lhe uma força, mas William havia tirado alguns dias de folga e embarcado para Cuba para realizar um tratamento médico. Ela ficou preocupada por não saber o motivo da viagem de William, pois não haviam tido tempo de conversar sobre o assunto, devido à viagem que teve de fazer a Gramado. Por isso combinaram que iam jantar juntos assim que ele chegasse, para colocar os assuntos em dia.

Quando Lúcio terminou sua argumentação, o advogado José Gomes começou, quase de forma teatral, a fazer sua defesa.

José Gomes era um advogado experiente e astuto e sabia usar as palavras como ninguém. Tinha aparentemente cinquenta e poucos anos e os cabelos completamente embranquecidos. Sua maneira de falar e seu jeito de olhar e vestir-se davam-lhe um ar paternal. Mas todo esse conjunto de combinações não era por acaso. Muito pelo contrário. Tudo isso era mantido por José a fim de impressionar o juiz, os jurados e os presentes. Pois, como advogado experiente, sabia muito bem que essa combinação sempre causava certo impacto positivo nas pessoas, e, de certa forma, isso lhe dava credibilidade, inclusive junto aos amigos de profissão.

E esse conhecimento profundo do que as aparências poderiam causar de impacto às outras pessoas no tribunal, eram passadas por José aos seus clientes, a fim de montar todo um cenário favorável às causas defendidas por ele.

Dessa forma, a indicação para Carlos fora de que ele fizesse expressões de

um homem abatido e injustiçado durante a audiência, e ele havia ensaiado exaustivamente, conforme as recomendações recebidas. Apesar disso, quando foi chamado para prestar seu depoimento, Carlos entrou em contradição várias vezes, para desgosto de seu advogado e felicidade da promotoria.

A seguir, as testemunhas de defesa de Carlos, que se resumiam em alguns colegas de trabalho, foram ouvidas, encerrando assim a sessão.

No dia seguinte, após mais uma noite maldormida, Margarida chegou bem cedinho ao tribunal. Não fora fácil driblar o batalhão de jornalistas que quase madrugou em frente ao tribunal, mas depois de prometer que daria uma entrevista, logo em seguida ao julgamento, eles permitiram sua passagem.

Lúcio também chegou bem cedo, e vendo que Margarida aguardava sozinha na sala de espera, imediatamente encheu dois copinhos de café e se aproximou.

— Bom dia, doutora Margarida.

Por educação, ela aceitou o café. Mas desde a noite anterior não conseguia comer ou beber nada. Seu estômago rejeitava qualquer coisa.

— Bom dia, doutor Lúcio.

— Como está se sentindo hoje? — perguntou ele, ao sentar-se do seu lado.
— Um pouco melhor?

— Na verdade, acho que só vou conseguir me sentir melhor quando aquele desgraçado estiver na cadeia.

— Entendo. E, com certeza, é isso que vai acontecer hoje — disse Lúcio com um sorriso confiante nos lábios. — Temos uma prova incontestável.

A mão tremeu quando Margarida levou o copo à boca, ainda assim ela conseguiu empurrar um gole de café para o estômago vazio e dolorido.

— É essa certeza que faz com que eu permaneça inteira.

Lúcio tomou seu café de uma só vez.

— Prometo que só usarei a prova que temos em última instância. Sei o quanto tudo isso foi difícil pra você...

Ela não permitiu que as lágrimas caíssem.

— Obrigada por tudo, doutor Lúcio.

Ele conteve o impulso de afagá-la em seus braços.

— Estou fazendo apenas a minha obrigação, doutora Margarida.

Algum tempo depois, sob o murmúrio da multidão do lado de fora do tribunal, quatro testemunhas de acusação foram convocadas pela promotoria a depor. Logo em seguida, Lígia e mais uma amiga de escola de Suze foram interrogadas. E durante o testemunho da prima, Margarida pôde perceber o quanto sua irmã e ela tinham se tornado amigas. Contudo, Suze havia revelado muito pouco à Lígia do que havia sofrido com o pai. Por isso, as perguntas que foram realizadas as estas testemunhas em nada acrescentaram ao processo.

A última testemunha foi a ex-empregada Miriam. Depois que o juiz terminou as suas perguntas, Lúcio levantou-se e começou a interrogá-la:

— Dona Miriam, a senhora poderia descrever qual era o grau de amizade que tinha com a senhorita Suzane, para a qual trabalhava?

— Sim — tornou Miriam, com a voz impregnada de emoção. — Suzane era uma menina formidável e conversávamos muito. Apesar disso, ela não costumava se abrir em relação a seus sentimentos com o pai.

— E a senhora notava algo de estranho no relacionamento de Suzane com o pai?

— Sim, senhor. Notava.

— Pode nos dizer a partir de que momento começou a notar isso? — Lúcio fez um gesto com a cabeça de maneira a incentivá-la a falar.

— Sim, posso — respondeu, após um instante de hesitação. — Há algum tempo atrás, quando o senhor Carlos estava trabalhando de segurança à noite, Suzane pediu para que eu dormisse lá na casa dela. No início, não achei o pedido estranho, pois eu havia entendido que deveria dormir lá apenas nas noites em que o senhor Carlos ficaria ausente... Ele dormia em casa uma noite sim e outra não, e eu achei que ela estava com medo de ficar sozinha. Mas na semana seguinte, Suzane me chamou e pediu para que eu dormisse lá nas segundas, quartas, sextas e domingos, exatamente os dias em que ele estaria em casa... Aí, eu achei estranho.

— E a senhora chegou a perguntar a ela o porquê disso?

— Sim, senhor. Mas ela fugiu do assunto.

— O senhor Carlos soube disso?

— Sim.

— E o que aconteceu?

— Bem, eu já estava dormindo lá há três semanas quando o senhor Carlos me perguntou o que estava acontecendo. Quando eu lhe disse que Suze havia me pedido para dormir lá algumas vezes por semana, ele ficou muito irritado. Depois, ele subiu para o quarto de Suze e, pelo que pude perceber, discutiram severamente.

— Depois disso, Suzane parou de pedir para que a senhora dormisse lá?

— Durante um tempo sim. Mas lembro que num determinado dia, logo cedo, eu encontrei Suzane chorando baixinho em seu quarto. Perguntei a ela o que havia acontecido e fiquei muito preocupada, mas ela não me contou nada. Apenas me fez prometer que iria dormir lá todas as noites.

— O senhor Carlos soube novamente disso?

— Soube sim, senhor. Mas, dessa última vez, ele pareceu não ter dado tanta importância ao assunto. Pelo menos, não na minha frente.

— Houve algum outro acontecimento que a senhora tenha achado estranho?

Após passar um olhar rápido e receoso para Carlos, Miriam balançou a cabeça.

— Sim. Teve um dia em que eu acordei de madrugada e fui até a cozinha tomar um copo d'água. Meu quarto ficava praticamente emendado com a cozinha, mas eu fui até a sala porque ouvi...

Miriam parou de falar e lançou um novo olhar para Carlos, antes de fixar o rosto de Margarida. Ela acenou com um gesto meigo, sugerindo que Miriam continuasse.

— ...Porque ouvi uma mulher chorando e ao mesmo tempo um homem gemendo de prazer... Senti medo do que poderia estar acontecendo no andar de cima, por isso corri para o meu quarto...

Neste momento, um murmúrio desenfreado da multidão do lado de fora ecoou pelo tribunal. *Mas que diabos está acontecendo?*, pensou o juiz, preocupado.

Lúcio preparou-se cautelosamente para sua última pergunta:

— E de quem eram o choro e o gemido, dona Miriam?

— De Suzane e do pai — respondeu ela, sem vacilar.

Lúcio olhou para o juiz com ar de vitorioso e anunciou:

— Sem mais perguntas, meritíssimo.

As perguntas feitas a seguir pelo advogado de defesa em pouco acrescentaram ao processo. No entanto, José também havia preparado uma pergunta final que ele imaginava que deixaria o juiz em dúvida. Afinal, a única coisa que ele poderia fazer naquele momento era lançar dúvidas. Só assim poderia tentar impedir o que já parecia inevitável: a condenação de seu cliente.

— Dona Miriam, a senhora poderia nos dar certeza absoluta que não havia nenhuma outra mulher na casa, naquela noite em que ouvira gemidos? Cabe lembrá-la que não deve afirmar aquilo que não tem certeza absoluta — acrescentou rapidamente o advogado, para que Miriam não tivesse muita alternativa de resposta.

— Não, senhor, eu não posso, mas...

— Não tenho mais perguntas, meritíssimo — concluiu José com ar de vencedor, deixando no ar exatamente a dúvida que desejava.

Lúcio lançou um olhar para Margarida. Em seguida, levantou-se e, após conversar baixinho com o juiz, convocou o médico-responsável pela autópsia no corpo de Suzane para o interrogatório. Havia ainda uma carta na manga, cujo teor o advogado de defesa não fazia ideia.

José, prevendo o que estaria por acontecer, ainda tentou colocar objeção. O juiz recusou e o médico aproximou-se com um relatório nas mãos, cujo conteúdo comprovava que Suzane estava grávida, antes do suicídio. E um teste de DNA provou que o feto de apenas oito semanas de vida era filho de Carlos.

Neste instante, mais uma vez, um murmúrio desenfreado da multidão do lado de fora ecoou pelo tribunal. Gritos unânimes de prisão.

O juiz reagiu rapidamente concluindo com o veredicto de culpado. Depois solicitou que Carlos fosse retirado do local antes que a multidão invadisse o tribunal e fizesse vingança com as próprias mãos.

As lágrimas afloraram nesse momento, mas Margarida não permitiu que

caíssem. Manteve-se firme enquanto Carlos era algemado. E nem por um segundo desviou os olhos do rosto dele, não se deixou intimidar nem mesmo com a vileza dos insultos que agora ele deferia contra ela. Continuou a observá-lo, enquanto os policiais o arrastavam para a porta.

Mas, depois que a porta se fechou por trás de Carlos, quando teve certeza de que tudo estava terminado, a emoção a abateu por completo, as pernas fraquejaram, a visão tornou-se turva.

Quando acordou, estava ao seu lado um enfermeiro, além de Lúcio, Vânia e as primas.

— O quê...? O que aconteceu?

— Acho que tu te emocionastes muito — comentou o enfermeiro com um sorriso. — Mas foi só uma baixa de pressão. Nada que um bom descanso não possa curar.

— Está tudo bem, Guida? — perguntaram Lígia e Vânia, quase ao mesmo tempo.

Ela ainda sentia a cabeça girar levemente. A despeito disso, respondeu:

— Estou bem, obrigada.

— Mesmo assim, acho que devemos te acompanhar até o hotel — comentou Lígia.

— Não, não precisa.

— Claro que precisa — tornou Vânia. — Não seja teimosa.

— Eu posso levá-la — propôs Lúcio. — Moro próximo ao prédio onde ela está hospedada e não me custa nada.

Lígia trocou um olhar com a mãe, antes de comentar:

— Está bem. Porém, ainda temos um grande problema: o de conseguir driblar a multidão lá fora para tirá-la daqui.

— Não se preocupem com isso — sugeriu Bete, excitante. — A mamãe e eu podemos tentar distrair o pessoal enquanto a Margarida e o Lúcio saem pelos fundos.

— Ótima ideia — comentou Lúcio, apressando-se em levantar Margarida.

— Mas acho melhor você levá-la direto para o aeroporto — disse Lígia —, pois, com certeza, haverá curiosos em frente ao hotel.

Embora ainda se sentisse fraca demais para entrar na discussão, Margarida falou:

— Eu preciso passar no hotel para pegar minhas coisas.

— Mando pra você amanhã — assegurou-lhe Lígia. — Não te preocupes.

Puxe conversa com ela, disse Lúcio a si mesmo, depois de dar partida no carro. Desde que terminara seu noivado, há mais de dois anos, ele não se sentia tão atraído por alguém. Mas aquele não era o momento ideal para falar disso, compreendeu, sensatamente.

Exausta, Margarida encostou a cabeça no banco e fechou os olhos, e só percebeu que cochilara quando Lúcio estacionou o carro e anunciou:

— Chegamos.

— Nossa! — comentou, envergonhada. — Dormi feito uma pedra.

Lúcio desceu do carro para abrir a porta para ela, antes de dizer:

— Espero que possamos nos ver outras vezes.

Margarida não soube o que responder.

— Posso ligar para ti? — perguntou ele.

Ela hesitou brevemente.

— Sim... Pode.

Ele fitou-a por alguns segundos. Depois, levou uma de suas mãos aos lábios e depositou um beijo gentil.

— Boa viagem.

— Obrigada.

Ele continuou a fitá-la por mais alguns segundos, enquanto lembrava do exato momento em que a conheceu. Margarida estava deslumbrante, com uma saia preta comprida e uma blusa branca de seda. A saia era justa no quadril e tinha uma fenda do lado direito que deixava à mostra parte de sua coxa, quando ela sentava e cruzava as pernas. Nada muito óbvio, mas suficiente para torná-la irresistível.

Margarida não havia notado o quanto Lúcio era bonito antes, mas agora que ele estava ali, à sua frente, e que ela encontrava-se um pouco mais relaxada, pôde perceber que ele era realmente admirável, com seus olhos castanhos inteligentes e seu sorriso sensual.

— Eu preciso ir agora — disse, com o rosto levemente corado e um sorriso tímido. — Adeus.

— Até logo — respondeu Lúcio, determinado a ir a São Paulo no final de semana seguinte para vê-la. — Faça uma boa viagem.

Capítulo Vinte e Um

As festas de fim de ano sempre a deixavam nostálgica. Era inevitável. Naquela semana, porém, Margarida se deixou contagiar pela empolgação de Fred e Andréia e comprou uma imensa árvore de Natal, muitas bolas coloridas, laços vermelhos vistosos e enfeites de tudo o que é tipo.

Fred fizera uma farra no momento em que foram decorar o apartamento, e fizera questão de ajudar a montar a árvore, pendurar cada enfeite. E, no final das contas, aquilo tudo contagiou o coração de Margarida de alegria, embora algo ainda doesse lá dentro: a saudade de William.

O rapaz havia ficado mais de um mês fora do país e só chegaria à véspera de Natal. E ela mal podia esperar o momento para revê-lo. Havia tanta coisa para conversar...

— Como estou, mamãe?

Fingindo-se séria, ela se aproximou lentamente de Fred e ergueu uma de suas mãos, forçando-o a girar. O menino estava com quase sete anos de idade agora, mas parecia bem mais alto do que as outras crianças da mesma idade.

Ela torceu a boca enquanto o avaliava. Depois, sorriu.

— Você está lindo, meu amor!

Fred a abraçou pelas pernas.

— Você também está linda, mamãe.

— Humm... Estou com ciúme — disse Andréia, que havia acabado de entrar no quarto de Margarida.

— Você também está muito bonita — comentou ele, com toda a sua sinceridade.

— Muito obrigada, Fred! Você está um gato.

— Mamãe, onde está o presente do Wil? — perguntou o menino, ansioso.

— A Andréia colocou no carro.

— Será que ele vai gostar, mamãe?

— Tenho certeza que sim.

— Então, vamos logo, mamãe! Não quero chegar atrasado.

Margarida e Andréia entreolharam-se e, em seguida, caíram na risada.

A casa estava lotada de parentes e amigos, e ele encontrava-se rodeado por um grupo de rapazes e moças, antigos colegas da faculdade. Mas quando ela passou pela porta, num vestido verde de seda, ele esqueceu de tudo, de todos. Parecia até que o mundo havia parado de girar.

— Wil!

Fred saiu gritando e correndo para seus braços. William deu alguns passos e pegou o garoto no voo.

— Ah, Fred, como eu senti a sua falta.

— Eu também, Wil, senti muita saudade.

Os lábios de Margarida se entreabriram num sorriso suave, enquanto caminhava lentamente na direção dele. Mas ela, inesperadamente, se viu

confusa com a imensidão de sentimentos que afloraram em seu coração e alteraram completamente seu ritmo.

Será que William sentira a sua falta, como ela sentiu a dele? Especulou, quando ele pôs Fred no chão e estendeu a mão para puxá-la para si.

— Eu quase morri de saudade — cochichou William em seu ouvido.

— Eu também, William. Eu também.

Era quase meia-noite quando William desapareceu da festa e, logo em seguida, Eloísa passou pedindo para que os pais unissem seus filhos na sala de estar.

As crianças se espalharam por toda a extensão da sala, e, à meia-noite em ponto, o famoso Papai Noel desceu as escadas com seu enorme saco vermelho. As crianças se acumularam em torno do bom velhinho, enquanto ele distribuía presentes e sorrisos. Rôu, rôu, rôu.

Enquanto isso, Margarida contemplava, com admiração visível, a performance de William como Papai Noel. *Ele é maravilhoso!*, pensou, enquanto tentava desvendar o que se passava em seu coração. Embora a verdade fosse que há bastante tempo ela percebia que havia algo de diferente em relação aos seus sentimentos por William. Mas também era verdade que ela sempre tivera medo de estar confundindo amizade e gratidão com amor. Era muito fácil, fácil demais confundir tais sentimentos. Afinal, William sempre fora um grande amigo, sempre estivera ao seu lado. Além disso, ela tinha uma enorme gratidão por tudo o que ele fizera por ela.

A ausência de William, porém, fê-la perceber que o que sentia não poderia ser apenas amizade. Ela tinha sentido falta de tudo o que faziam juntos. E até coisas comuns, durante o período que ele ficara fora do país, pareceram ganhar uma importância especial... Sentira falta dos telefonemas dele ao longo do expediente; do bom-humor dele; das reuniões quase diárias para trocas de informações sobre os processos, um hábito que desenvolveram quando ela iniciara na companhia, mas que fizeram questão de manter, por pura conveniência. Enfim, ela havia sentido falta de tudo. Especialmente dele. E foi somente por isso que recusou encontrar-se com Lúcio, que ligou várias vezes predisposto a vir a São Paulo apenas para vê-la.

— Mamãe, olha que lindo o que eu ganhei!

Fred ganhara um carrinho com controle remoto e estava transbordando de alegria, e fez questão de mostrar todas as funções do carrinho à mãe.

— É realmente muito lindo, meu filho — disse Margarida, fingindo prestar atenção em tudo o que o menino mostrava, mas sem conseguir na verdade tirar os olhos de William.

Após a distribuição dos presentes às crianças, William subiu para trocar-se em seu quarto, enquanto Eloísa dava início ao amigo secreto.

Horas depois, Andréia levou Fred para seu antigo quarto, pois ambos estavam caindo de sono. A maior parte das pessoas já tinha ido embora, ficando apenas os familiares mais próximos, que igualmente estavam se

recolhendo para descansar.

Neste momento, William convidou Margarida a ir até o jardim da casa.

— É uma linda noite hoje, não acha? — disse ele, enquanto passeavam lentamente pelo jardim.

Ela ergueu os olhos para o céu todo estrelado, antes de comentar com um sorriso:

— É, sim. Mas meus pés estão me matando.

A seguir, ela parou sob uma árvore para retirar as sandálias.

— Eu adoro isso.

— Eu também — tornou ele.

Margarida arqueou as sobrancelhas e voltou a sorrir:

— Você adora andar descalço sobre o gramado?!

Ele poderia dizer que qualquer coisa era agradável ao lado dela, mas não disse nada, apenas a envolveu em seus braços e em seguida beijou-a. Não havia premeditado as coisas daquela forma, mas simplesmente não pudera resistir aos apelos de seu coração.

Durante muitos dias, ele se preparou para confessar seu amor, e somente depois a beijaria, como estava fazendo agora. Mas as palavras ficaram presas na garganta. Não havia como explicar o que sentia por ela. Não naquele momento em que encontrara coragem para fazer o que há anos sonhava. E porque sentiu medo da rejeição, aprofundou o beijo, ouvindo-a gemer quando enfiou as mãos pelos cabelos, acariciou a nuca, mordicou-lhe o lábio inferior, apertou-a ainda mais.

— Eu amo você. — As palavras saíram com um suspiro, enquanto o prazer daquele beijo se espalhava por todo o seu corpo. — Sou louco por você.

Por um instante, ela permaneceu paralisada com a surpresa. Talvez porque depois do estupro tivera contato íntimo apenas com um homem.

— Eu esperei muito por este momento, Guida. Me apaixonei por você desde o primeiro instante em que a vi.

Ela tinha a pele toda arrepiada, o coração quase saindo pela boca, mas não tentou detê-lo quando ele tornou a beijá-la. Ao contrário, enlaçou-o pelo pescoço e comprimiu o corpo contra o dele.

William percebeu a mudança, a reação ainda hesitante da língua em movimento contra a sua, o corpo fundindo-se com o seu, por isso aprofundou cada vez mais o beijo.

— Não consigo mais viver sem você ao meu lado. Estou dependente do seu sorriso, do seu olhar.

Ela fitou-o. Também estava dependente daqueles lindos olhos azuis.

— Idem.

Agora foi ele que paralisou pela surpresa. Mas, em seguida, ele tomou a mão dela na sua e seguiram de mãos dadas para o quarto dele. Ainda havia o tremor, o medo no corpo de Margarida, mas William foi gentil, lembrou-se do passado dela. E quando a despiu e a pegou em seu colo, para levá-la para a

cama, teve certeza que não precisava se precipitar.

Margarida fez um enorme esforço para não se contrair quando o corpo de William estendeu-se por cima do seu, mas não pôde evitar o tremor dos dedos quando tentou acariciar seu peito nu.

— Eu... estou com medo.

— Eu também.

Ela fitou-o profundamente ao ouvir isso.

— Por quê? Por que você está com medo?

— Porque eu sei que é difícil pra você. Mas eu prometo que serei delicado — disse William, mesmo sabendo que a fragrância e a maciez do corpo de Margarida acomodando-se sob o seu poderiam levá-lo à loucura.

Ela estremeceu quando ele acariciou seus seios e sugou-lhes com carinhos. Gemeu com o toque das mãos, que deslizavam por seu corpo como água. Arqueou-se e puxou-o pra si quando ondas de calor e prazer intensos vibraram em seus nervos.

Mas, conforme prometera, William continuou paciente e delicado, beijando-a e acariciando-a até deixá-la completamente inebriada, quente e contorcendo-se de necessidade. E quando a penetrou, devagar, carinhoso, intenso, ela gemeu, profundamente. Mas seu gemido não foi de dor ou de medo, apenas de prazer. De muito prazer. E ela não sentiu mais medo nem depois que os movimentos dele tornaram-se mais apressados, menos sutis, mais encarniçados.

— Oh, como eu amo você, Guida.

Ao despertar, William não conseguia acreditar no que havia acontecido. Tinha sonhado tanto tempo com aquele momento que parecia ser irreal, agora que tinha de fato acontecido. Sentiu que se antes a amava, agora a amava ainda mais. E lembrou de uma linda música que parecia muito com o que sentia por Guida:

Eu sei que vou te amar. Por toda a minha vida, eu vou te amar. Em cada despedida, eu vou te amar. Desesperadamente, eu sei que vou te amar...

Margarida abriu os olhos lentamente e deu de cara com William, observando-a. Ela imaginou que não poderia mais viver sem aqueles lindos olhos a contemplá-la.

— Devo estar horrível...

— Você está linda — disse ele, beijando-a com ternura. — E eu a amo como jamais imaginei amar alguém, como jamais amei outra pessoa.

Margarida abriu a boca para falar algo, porém William colocou um dedo delicadamente em seus lábios e continuou:

— Não precisa falar nada. Quero apenas que saiba que a amo desde o primeiro instante em que a vi — e beijou-a novamente.

E durante o beijo pegou debaixo de seu travesseiro um pequeno pacotinho.

— Este é meu presente de Natal — cochichou.

Margarida sentou-se de forma a encostar-se à cabeceira da cama e abriu o

pequeno embrulho. Ao ver o lindo anel de brilhante, seu coração quase saiu pela boca.

— Que lindo! O quê...?

— Quer se casar comigo?

— Eu... Eu... — ela quase perdeu a fala — Não sei o que dizer.

Com um sorriso, William colocou o anel no dedo anelar da mão direita dela.

— Diga apenas que sim.

Ela piscou os olhos várias vezes, surpresa. Ficou em silêncio até se recuperar da emoção.

— Sim, eu aceito.

O alívio foi tão grande que William a abraçou com força, enquanto esperava as batidas de seu coração voltarem ao ritmo normal. Por um momento, que lhe pareceu uma eternidade, pensou que ela fosse recusar.

— Quero você para sempre ao meu lado, Guida.

— Eu também, William.

E fizeram amor novamente.

Quando William e Margarida desceram para tomar café, Otávio e Eloísa já se encontravam acordados, o que fez com que Margarida ficasse um tanto quanto nervosa, porque apesar do carinho que tinha por toda a família Fraga, temia que os pais de William não aceitassem seu noivado. Mas suas dúvidas logo foram eliminadas pela forma carinhosa que os pais dele a trataram, depois de William ter conversado com eles.

E logo após o almoço, quando toda a família estava reunida na sala de estar, batendo papo e tomando vinho, Otávio puxou o assunto com William, fazendo-o falar a todos os presentes sobre o noivado.

— Este Natal está sendo muito especial para todos nós — começou Otávio —, porque William nos deu uma notícia logo cedo que nos alegrou muito. E nós gostaríamos, Eloísa e eu, de dividir essa alegria com todos vocês.

Otávio olhou em direção a William e todos seguiram seu olhar, aguardando que o rapaz se pronunciasse. Margarida, que estava segurando a mão de William, de repente, sentiu seu corpo todo gelar, fazendo-o perceber. Ele segurou firme sua mão, antes de comentar:

— Bem, pessoal, eu tenho dois grandes motivos para estar feliz. Por isso, na verdade, estou duplamente feliz... O primeiro motivo é que Margarida e eu vamos nos casar, e o segundo é que, conforme os médicos, eu posso realizar o sonho de ser pai pela segunda vez.

Todos olharam com expressão aturdida para William. Não tinham entendido por que ele mencionara que seria "pai pela segunda vez".

Otávio estava na verdade chocado com aquilo, William nunca comentara que tinha um filho. Um filho bastardo.

William riu da situação cômica que havia criado e explicou:

— Calma, pessoal. É que eu já me considero o pai de Fred, portanto, ele já é o meu primeiro filho.

— Ufa! Que susto! Por um instante, pensei que tinha um neto desconhecido — comentou Otávio rindo e fazendo a todos rirem também.

— Então, vamos brindar ao casamento mais esperado de todos os tempos — declarou o velho doutor Marcelo, como se tivesse certeza de que aquilo um dia aconteceria.

William deu um beijo suave e sutil em Margarida, e, em seguida, comemoram o noivado com um brinde em família.

Capítulo Vinte e Dois

03 de Fevereiro de 1997 — Segunda-Feira...

Planos. Os dias passavam rapidamente e William, hiper-entusiasmado, fazia vários planos para o casamento.

— Mas você acha mesmo que precisamos comprar outra casa?

— Claro que sim, meu anjo — respondeu ele, fechando a mão sobre dela, por cima da escrivadinha. — Quero que nossos filhos tenham muito espaço para brincar, como eu tive quando criança.

Ela fez um gesto com a cabeça, concordando.

— E seus pais?

— O que tem meus pais?

— Eles já sabem disso?

— Saber eles sabem, mas...

— Querem que a gente more com eles depois do casamento, não é?

— É. É sim. Mas não precisa se preocupar com isso. Com o tempo, eles se acostumam com a ideia.

— Não vejo nenhum mal em morarmos lá, William.

Ele estudou a expressão do rosto dela.

— Está falando sério?

— Estou — respondeu Margarida. — Claro que estou. Gosto muito dos seus pais e Fred também. Além disso, a casa de seus pais é grande e...

— Já sei! Minha mãe ligou pra você, não é?

— Sim, ligou, mas... Por favor, William, não diga a ela que eu contei.

— Ah, essa dona Eloísa é mesmo terrível — comentou, controlando-se para não rir, pois já imaginava que aquilo aconteceria. — Não se preocupe, querida, eu irei conversar com a mamãe sobre isso.

— Mas eu concordo com ela, William. A casa é, de fato, muito grande. Na verdade, é imensa. Além do mais, seus pais sentiriam muito a sua falta se você saísse de lá.

— Quer dizer que não se incomodaria mesmo?

— Com certeza não. Até muito pelo contrário, acho que lá é o lugar ideal para criarmos Fred e nossos futuros filhos.

Que mulher!, pensou William. *Como eu poderia não amá-la?*

— Sendo assim, vou entrar em contato hoje mesmo com a dona Carmem e pedir para que ela faça a decoração do nosso quarto e do quarto do Fred. O que você acha?

— Acho maravilhoso.

William levantou-se, deu a volta na mesa e puxou-a da cadeira, envolvendo-a em seus braços.

— Já disse que a amo?

— Várias vezes — respondeu ela, sorrindo.

— Bem, então eu vou repetir de novo para que nunca esqueça: eu amo você. Ela tornou a sorrir.

— Pode deixar, não vou esquecer.

— Tenho outra novidade. Consegui marcar nosso casamento para o segundo domingo de maio, embora ainda ache que teria sido melhor marcar para o mês que vem, pois não vejo motivos para esperarmos tanto.

— Se marcássemos para antes de maio, não teríamos tempo suficiente para acertar os detalhes da festa e da lua-de-mel, William.

Ele colocou-a sentada sobre a mesa e roçou os lábios quentes por seu rosto, enquanto abria o botão de sua blusa.

— Por mim, casaríamos amanhã mesmo.

— Por mim também, mas o bom senso nos diz que... — ela sentiu a pele arrepiar, quando ele passou a língua em sua orelha. — Hãã... Que podemos aguardar um pouco mais e fazer tudo como manda o figurino.

Ele não conseguia nem mais pensar direito. Tudo o que queria era sentir aquela pele macia junto à sua, o gosto daquele corpo em sua boca.

— Tem razão. Razão absoluta.

— Você nem escutou o que eu disse. — Ela reclamou, e afastou a mão dele.

— Aqui, não. Pode aparecer alguém.

Ele conferiu rapidamente as horas em seu relógio de pulso e sorriu, antes de dizer:

— Não vai, não. Já encerrou o expediente. — Mas, por via das dúvidas, tirou o telefone do gancho.

Ela protestou quando ele a pegou no colo e levou em direção ao sofá, porém a necessidade envolveu-a por completo no momento em que as bocas se encontraram num beijo ardente. Margarida nunca pensou que poderia se sentir assim, que pudesse realmente se entregar sem medo a um homem. No entanto, William conseguira acabar definitivamente com todos os seus medos, e agora ela se sentia capaz até mesmo de tomar iniciativa.

Porém, quando ela rolou pra cima dele, alguém bateu à porta.

— Droga! — resmungou William.

— Calma, meu amor — pediu ela, após levantar-se rapidamente e ajeitar a roupa e os cabelos. — Teremos a noite toda.

Ele resmungou mais alguma coisa, antes de grunhir:

— Entre.

Virgínia hesitou antes de entrar. Tinha certeza que atrapalhara alguma coisa.

— Doutor William, doutora Margarida, desculpe se... Bem, eu só queria saber se ainda vão precisar de mim... Tentei avisá-los por telefone, mas acho que o aparelho está fora do gancho.

01 de Março de 1997 — Sábado — 08h30min...

Uma campainha metálica tocou insistentemente antes que Margarida despertasse:

— Alô!

— Guida?

— Sim — respondeu com voz sonolenta —, sou eu mesma.

— Aqui é Eloísa. Desculpe-me por ligar tão cedo...

— Não tem problema algum, dona Eloísa... Está tudo bem?

— Está. Quero dizer, mais ou menos.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— William amanheceu com um pouco de febre hoje.

— Oh, mas ele estava tão bem ontem! — comentou Margarida, após pular da cama. — Será que é gripe?

— Pode ser... Você vem pra cá?

— Sim — respondeu, meio apavorada. — No máximo em trinta minutos, estarei aí.

— Certo. Estamos lhe aguardando.

Apressada, Margarida se arrumou e, em menos de vinte minutos, chegou à casa dos Fraga. William aguardava sentado na sala de estar.

— Querido, o que houve? Sua mãe me ligou e disse que você está doente.

Antes que ela colocasse a mão sobre sua testa, William a puxou, fazendo-a cair em seu colo.

— Não estou doente. É que eu queria lhe fazer uma surpresa.

— Ah, safadinho! — Ela de um soco leve no peito dele. — Eu levei um baita susto.

— Desculpe, meu anjo. Não encontrei outro jeito de trazê-la para cá e fazer a surpresa.

— Está desculpado.

— Então, vamos lá?

— Aonde?! — perguntou, curiosa.

— Ao quarto de Fred e depois ao nosso.

— Já estão prontos?!

— Terá que ver com seus próprios olhos.

Ela o acompanhou até o andar de cima.

— Que lindo! — exclamou, quando a primeira porta foi aberta.

— Será que o Fred vai gostar?

— É lógico que sim! Ele vai adorar.

— Minha mãe fez questão de comprar os brinquedos e decorar o quarto.

— Ficou ótimo!

— Gostou mesmo?

— Você ainda tem dúvidas?! Eu simplesmente amei.

— Então vamos ao nosso quarto. Mas feche os olhos, tá bom?

Margarida obedeceu e William a conduziu até o quarto ao lado.

— Pode abrir.

Ela quase perdeu o fôlego, a fala, quando abriu os olhos.

— E aí? — perguntou ele, ansioso pelos comentários. — O que achou?

— Ficou lindo!

Margarida fez um esforço para evitar que as lágrimas caíssem, enquanto pensava no quanto a vida pregava peças nas pessoas. Há quase oito anos chegara a São Paulo grávida e totalmente sozinha. Tivera de vender até um precioso bem que sua avó havia lhe dado para que pudesse pagar o aluguel de um velho, apertado e malcheiroso quarto de pensão... Hoje, formada em Direito, poderia dar a seu filho tudo o que precisasse. E depois de casada com William, poderia dar a seu filho tudo o que jamais imaginou que um dia poderia dar. Não que tivesse qualquer interesse no dinheiro de William, isso nem passava por sua cabeça. Porém, o que estava acontecendo era maravilhoso demais.

— Parece um conto de fadas — murmurou.

— O que disse?

— Que tudo isso parece um conto de fadas — repetiu. — Agora posso entender o que a Cinderela sentiu ao se casar com um príncipe.

— Humm... E por acaso esse príncipe era bonito como eu? — brincou William.

Ela deu uma gostosa gargalhada, antes de dizer:

— O príncipe do desenho era de fato muito bonito, mas eu não lembro de ele ter olhos azuis tão lindos quanto os seus.

William, inesperadamente, a pegou em seus braços e jogou-a sobre a cama. Em seguida, estendeu-se sobre ela.

— Pois eu acho que a Cinderela não chegava a seus pés.

Margarida sorriu novamente, depois o beijou com paixão.

09 de Março de 1997 — Domingo — 15h00min...

— Margarida, minha filha, pensei que não viria mais — disse Eloísa, nervosa.

— Desculpe, dona Eloísa, é que tenho uma audiência para amanhã e estava dando uma última olhada no processo, terminando minha defesa — respondeu Margarida, que também estava uma pilha de nervos.

William levantou-se e tentou acalmar os ânimos, após dar um beijinho nos lábios da noiva.

— Não há motivo para tanta agitação. Fiquem tranquilas, vai dar tudo certo.

— Não é bem assim, meu filho — retorquiu Eloísa, após sentar-se e entregar um papel a Margarida. — A lista de convidados já está pronta há quase uma semana e preciso que vocês deem uma olhada antes de mandar confeccionar os convites. Faltam apenas dois meses para o casamento e receio que os convites sejam enviados muito próximo à data do casamento. E isso poderia parecer falta de etiqueta.

— Convidar alguém um mês antes para uma festa me parece um tempo

razoável — comentou Margarida.

— Pois fique sabendo que há casais que enviam seus convites com dois ou três meses de antecedência. Esse é o ideal.

A expressão do rosto de Margarida era semelhante à de uma criança quando leva uma bronca. Mas Eloísa não se desculpou. Estava tão agitada que nem percebeu o quanto fora ríspida.

— Veja se falta alguém do seu convívio ou do convívio de William que não esteja listado... Pretendo encaminhar essa lista amanhã mesmo para a empresa que confeccionará os convites.

— Tenho certeza que a senhora não esqueceu de ninguém, dona Eloísa. E, como já lhe disse outro dia, eu aprovaria esta lista de olhos fechados.

— Eu também, mãe — comentou William, tentando parecer calmo.

— Obrigada pela credibilidade que depositaram em mim, mas mesmo assim quero que confirmem os nomes.

Margarida deu uma boa olhada na lista em suas mãos. Algumas das pessoas mencionadas ela sequer conhecia, pois se tratavam de parentes da família Fraga que não moravam em São Paulo.

— Acredito que realmente não falte ninguém... Todos os advogados do escritório estão aqui... As secretárias também estão... As pessoas que mencionei de minha família também estão. É, de fato, não faltou ninguém — concluiu.

— Tem certeza?

— Tenho sim. Pode ficar despreocupada.

— E você, meu filho, o que achou?

— Estão todos aqui, mãe. A senhora não esqueceu ninguém. Fique tranquila.

— E quanto ao bufê contratado, o que vocês acharam?

— Por mim está ótimo.

— Por mim também, mãe.

— E o vestido? Você já foi ao ateliê tirar as medidas e escolher o modelo?

— Não, ainda não. Eu vou na próxima sexta-feira. A senhora gostaria de ir comigo?

Eloísa pareceu surpresa.

— Claro.

— Então sexta-feira eu passo aqui para pegar a senhora.

— E eu vou ficar de fora dessa? — perguntou William, sorrindo.

— Com certeza! — respondeu Eloísa. — O noivo não pode ver o vestido da noiva antes do casamento. Dá azar!

William piscou para Margarida. Depois, se aproximou de Eloísa e a abraçou com carinho.

— Estava só brincando, mãe.

Capítulo Vinte e Três

21 de Março de 1997 — Sexta-feira...

— O que acha de jantarmos fora hoje?

Ela bateu rapidamente nas teclas de seu computador e salvou o que estava fazendo, antes de levantar os olhos para ele.

— Acho que não vai dar. Tenho meio mundo de coisas para fazer... Como foi lá no fórum?

— Tudo bem. Mas quase morri de saudade. Tive a impressão que as horas não passavam... — Ele se aproximou e puxou-a para seus braços. — Às vezes tenho a impressão que os dias ficaram cada vez mais longos, principalmente quando estou longe de você.

— Pois eu tenho a impressão que os dias estão voando.

— Talvez você pense assim porque não sente tanto a minha falta quanto eu sinto a sua.

— Oh, por que diz isso? — protestou ela. — Claro que eu sinto.

— Desculpe, meu anjo, se às vezes pareço inseguro. Mas é que eu a amo tanto que me dói o peito só de pensar que...

Ela interrompeu-o com um beijo terno.

— Eu também amo você, William. Nunca duvide disso.

— Então prova — disse ele, apertando-a em seus braços.

Ela riu.

— O que quer? Um juramento de sangue?

— Essa não é uma má ideia, mas eu estava pensando em outra coisa — disse ele, com um sorrisinho nos lábios. — Que tal aceitar meu convite para jantar?

— Eu havia pensado em ficar até mais tarde para adiantar algumas coisas. Afinal, sairemos de férias daqui a um mês e... — Ela suspirou quando ele roçou os lábios por seu rosto — tenho que adiantar o serviço...

Ele mordiscou-lhe a ponta do queixo, o lábio inferior.

— Mas... eu aceito.

— Sabia que não recusaria meu convite — disse, após um beijo apaixonado.

Margarida descobriu-se excitada quando ele a soltou. Mas resolveu se controlar e deixar a paixão para depois do jantar.

E depois do jantar eles foram direto para o apartamento dela, pois já era quase meia-noite e Fred e Andréia raramente estavam acordados àquela hora.

Entraram no apartamento como duas crianças sorrteiras, rindo baixinho, enquanto espreitavam em meio ao escuro se o caminho estava livre.

Margarida esbarrou no mais novo xodozinho de Fred, um gato siamês que o menino a obrigara a comprar, há um pouco mais de dois meses. O bichano fez um escândalo danado, logo depois a luz do quarto de Andréia se acendeu.

— Guida? É você?

Ela puxou William rapidamente para seu quarto. Em seguida, respondeu:

— Sim. Sou eu mesma, querida. Pode voltar a dormir.

Eles ainda sorriam baixinho quando trancaram a porta. E continuaram rindo por um longo tempo, sobretudo enquanto faziam amor.

Quando ela acordou, William já estava no banho. Margarida permaneceu deitada, enquanto relembrava a noite anterior. Ela jamais imaginou que pudesse fazer todas as coisas que fizera, assim como jamais imaginou que pudesse rir durante o sexo.

De fato, ela era uma nova mulher, disse a si mesma. William afugentara todos os seus demônios. E tornou a rir depois que se sentou na cama e viu todas as suas roupas e as roupas dele espalhadas pelo chão.

Ainda sorrindo, ela levantou-se e calmamente foi pegando as peças. Mas ao pegar o terno de William, percebeu que estava manchado de batom e resolveu colocá-lo para lavar. Enfiou a mão nos bolsos a fim de se certificar que não tinha nada lá dentro, e ficou surpresa ao encontrar um envelope.

Com o rosto franzido, ela abriu-o e retirou de dentro um pedaço de papel. E de repente seu sangue gelou.

— Ah, meu Jesus!

William saiu do banheiro neste instante, com os cabelos molhados e uma toalha amarrada na cintura.

— Guida? O que houve? Por que está tão pálida?

— William... Oh, Deus, William... O que é isso?

Ainda confuso, ele se aproximou e pegou o papel que ela chacoalhava no ar.

— Ah! Isso!... Deve ser algum maluco que me mandou.

Margarida estava perplexa. Não conseguia acreditar na tranquilidade com que o noivo falava de um assunto tão grave.

— William, esse maluco, como você o chama, está ameaçando-o de morte!

— Acalme-se, meu anjo. Isso deve ser obra de alguém que não tem o que fazer.

— Há quanto tempo você está recebendo este tipo de ameaça? — perguntou ela, tomando de volta o papel que ele pegara de suas mãos. — Como pôde esconder isso de mim?

Ele sentou na beirada da cama e depois a puxou para seu colo.

— Não esquite essa linda cabecinha com bobearias.

Frustrada, ela levantou-se em um pulo.

— Não pode ignorar uma ameaça de morte, William! Temos experiência suficiente para saber que esse tipo de atitude é perigosa.

— Guida, por favor, deixe isso pra lá! — pediu, e levantou-se em seguida para abraçá-la. Mas ela bateu em suas mãos e se afastou.

— Por que não me contou que estava sendo ameaçado? Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Não poderia lhe contar. Tinha medo que agisse exatamente da forma como está agindo agora.

— E como esperava que eu agisse? — perguntou ela, quase gritando. — Por

Deus, William, eu não suportaria perder mais uma pessoa que amo.

Ele a abraçou com carinho e murmurou:

— Desculpe por não ter lhe contado. Não queria preocupá-la.

— Tem ideia de quem está lhe mandando estes bilhetes?

— Não, não tenho a mínima ideia.

— Tem de tomar cuidado, William — tornou Margarida, agarrando-se firme no corpo dele. — Prometa que tomará cuidado.

— Você acha mesmo que se alguém quisesse fazer alguma coisa comigo mandaria recado antes?

Ela suspirou fundo.

— Eu não sei, querido, mas, por favor, prometa que vai tomar muito cuidado.

William beijou suavemente o topo de sua cabeça.

— Esqueça tudo isso, tá legal? Não vai acontecer nada comigo. Isso deve ser coisa de quem não tem o que fazer.

Ela levantou o rosto para fitá-lo.

— De qualquer forma, quero que me prometa que tomará cuidado.

— Mas, Guida, já lhe disse...

— Tem que prometer, William! Por favor.

Ele assentiu.

— Está bem, meu anjo. Eu prometo.

12 de Abril de 1997 - Sábado — 10h...

Margarida tomava o café da manhã quando Fred apareceu e tampou-lhe os olhos com suas pequenas mãozinhas.

— Deixe-me ver... — falou ela, colocando sua mão sobre as dele. — É inteligente como o Albert Einstein... Bonito como um deus grego...

— Ah! Pára com isso, mamãe! Não precisa exagerar tanto — reclamou o menino, tirando as mãos dos olhos dela.

Margarida o agarrou e deu-lhe um monte de beijos.

— Já tomou seu café?

— Lógico. Andréia e eu acordamos logo cedo.

— É mesmo?! E eu posso saber por que acordaram tão cedo?

— Nós vamos ao clube. A senhora gostaria de ir conosco?

— Não, querido. Ontem tive um dia de cão no escritório e tudo o que menos quero hoje é ouvir gritos em meu ouvido.

— Então, tá bom, mamãe.

O menino deu-lhe um beijo na face e olhou para Andréia, que havia acabado de entrar na cozinha.

— Vamos logo, Déia. Daqui a pouco começa o jogo.

— Espere só um minutinho, Fred. Tem certeza que não gostaria de ir conosco, Guida?

— Tenho sim. Eu vou descansar mais um pouquinho e depois vou ao

shopping comprar algumas peças íntimas para o enxoval.

— Humm... — tornou a jovem com olhar malicioso. — Então, tá.

— Divirtam-se por mim.

— Pode deixar! — responderam Fred e Andréia, simultaneamente.

Eram quase sete e meia da noite quando Margarida pegou o elevador do prédio onde morava com várias sacolas nas mãos. Ela pretendia chegar mais cedo, pois William ficou de passar em seu apartamento às sete horas, mas ela encontrou uma amiga de faculdade no shopping e acabou se entretendo. O tempo passou tão rápido que ela nem percebeu.

William já deve estar à minha espera, pensou, quando a porta do elevador se abriu. *Afinal, ele é muito pontual*. Mas para sua surpresa não era William quem a esperava, e sim os pais dele.

Ela sentiu o coração se agitar.

— Doutor Otávio?! Dona Eloísa?! O que houve?

Otávio lançou um olhar discreto para a esposa, antes de dizer:

— Não vai nos convidar para entrar?

Automaticamente, Margarida levou a mão à campainha.

— Não tem ninguém aí. — Ele avisou.

— Não?! Mas o Fred e a An... O que aconteceu? Onde estão meu filho e a Andréia? E o William, onde...?

— Acho melhor conversamos lá dentro, querida — falou Eloísa. — Cadê a chave do apartamento?

Margarida enfiou a mão trêmula na bolsa e, em seguida, entregou um molho de chaves a Eloísa.

— O que aconteceu? — Ela perguntou mais uma vez.

Otávio passou a mão em volta de seu ombro e a levou para dentro.

— Guida, você precisa ser forte...

Ela sentiu que, repentinamente, todas as suas forças se esvaíam, e as sacolas caíram de suas mãos.

— Mas o que...? O que aconteceu?

— Sente-se — solicitou Eloísa, e esperou que ela obedecesse para dizer: — Fique calma. Tudo vai dar certo.

— Mas o que aconteceu? — Havia urgência no tom de sua voz. — O que aconteceu? Algo com meu filho ou com o William?

— Seu filho — respondeu Otávio, desbloqueando as palavras da garganta. — Ele... ele foi sequestrado.

Não, aquilo não podia estar acontecendo, pensou Margarida. Não podia!

— O que é isso? — perguntou ela, rindo. — Alguma pegadinha?

Eloísa e Otávio se entreolharam aflitos.

— Não, querida — respondeu a mulher, com o coração em frangalhos. — Isso não é nenhuma pegadinha.

O riso se transformou em desespero.

— Oh, Deus! Onde está o meu Fred? Onde?

— Não sabemos. — Eloísa conseguiu manter a voz calma, embora fosse perceptível seu pavor. — O William recebeu uma ligação e saiu para pagar o resgate.

Margarida baixou a cabeça para as mãos em espasmos de soluços, que sacudiam todo o seu corpo. *Oh, Deus, eu lhe imploro, não tire o meu filho de mim... Eu não suportaria perder mais alguém que amo... Não suportaria perder meu filho.*

— Calma, minha querida, calma. Vai dar tudo certo. William já foi pagar o resgate.

Resgate. Por algum momento, aquela palavra ficou ecoando na mente de Margarida. Mas subitamente ela teve um estalo. *Meu Deus! Será que estão usando meu filho para pegar o William?*

— Dona Eloísa...

— O que foi?

Margarida tentou controlar as lágrimas e pensar com maior clareza, embora isso fosse quase impossível naquele momento.

— Será que estão usando meu filho para pegar o William?

— Como assim? — perguntou Otávio.

Ela continuou processando a ideia em sua mente. Aquele sequestro não fazia qualquer sentido.

— Quanto...? Quanto pediram pelo resgate?

— Eu não sei — respondeu Otávio, tentando entender onde a futura nora queria chegar. E, de repente, também teve um estalo, ao lembrar das ameaças que seu filho vinha sofrendo.

— Será que não é a William que eles querem?

— Do que ela está falando? — perguntou Eloísa, aflita.

— Nada. Ela está delirando — respondeu Otávio, antes que Margarida respondesse. Afinal, Eloísa não sabia de nada. — Faça companhia a ela. Eu já volto.

Otávio correu para sua casa, censurando a si mesmo. Por que não compreendeu aquilo antes? Lógico que Margarida tinha razão. Razão absoluta. Não fazia qualquer sentido aquele sequestro. Só podia ser uma cilada.

Mas tudo acontecera muito rápido, lembrou, enquanto revirava o guarda-roupa e as gavetas do quarto de seu filho. William recebeu uma ligação no final da tarde e caiu em desespero. Mal conseguira explicar à família o que havia acontecido.

— O que aconteceu, filho? — Eloísa perguntou.

— O Fred, mãe... ele... ele...

— Diga logo — pediu Otávio, agoniado. — O que aconteceu com o Fred?

— Ele... Foi raptado.

A notícia abalou a todos, e não houve tempo para pensar. William correu para sacar o dinheiro, enquanto Eloísa e ele tentavam localizar a nora.

Otávio demorou a encontrar a caixa onde William guardara os envelopes. E

quando encontrou, o suor pingava por seu rosto e os batimentos de seu coração estavam irregulares. Ele não tinha tempo de se preocupar com a própria saúde, por isso seguiu direto para a delegacia onde trabalhava um grande amigo de faculdade de seu filho. Após explicar ao delegado tudo o que tinha acontecido, colocou os envelopes sobre a mesa e falou:

— Aqui estão os bilhetes que o William estava recebendo.

O delegado Rogério analisou os bilhetes colocados sobre sua mesa.

— Que loucura, senhor Otávio! E o William chegou a fazer um boletim de ocorrência?

— Não, Rogério. William é teimoso feito uma mula. Você o conhece bem. Pedi várias vezes para que ele lhe procurasse ou, pelo menos, fizesse um B.O., mas ele não quis fazer.

— Deixe-me ver isso de novo.

Rogério pegou os bilhetes em suas mãos e analisou um a um, procurando alguma pista.

— William tinha alguma ideia de quem estava fazendo isso?

— Um dia ele me revelou que o senhor Merch o ameaçou por telefone. Inclusive ameaçou também minha futura nora... A filha do doutor Merch foi estuprada pelo irmão dele, o José Luiz...

— Lembro-me bem desse caso. Teve bastante destaque nos jornais. Inclusive, nessa mesma época, havia fortes suspeitas que o senhor Merch e o irmão estivessem envolvidos com tráfico de drogas. Mas, voltando às ameaças que seu filho vinha sofrendo, por que o senhor acha que o senhor Merch continuaria ameaçando o William? Afinal, faz algum tempo que o rapaz foi condenado.

— Quando o processo foi instaurado contra o José Luiz, o senhor Merch ligou para Margarida tentando negociar, ou melhor, tentando comprá-la. Como a resposta foi negativa, ele a ameaçou. Depois disso, ligou várias vezes para o William dizendo que ele se arrependeria profundamente se algo acontecesse ao irmão. Na época, William não contou a Margarida sobre essas ameaças, contou apenas a mim. E, se não me engano, as ameaças voltaram logo após o José Luiz ter sido assassinado na cadeia.

— E o que isso tem a ver com o sequestro da criança?

— No começo, não encontrei nenhuma relação. Pensei que fosse apenas mais um dos muitos sequestros que acontecem em nosso estado. Mas, analisando com mais frieza agora, acredito que possa ter tudo a ver. Olhe só, no final da tarde, ligaram para minha casa avisando sobre o rapto do menino e solicitaram a William que fosse sozinho levar o dinheiro. Mas a quantia não pode ter sido muito alta, pois ele conseguiu reunir todo o dinheiro com apenas alguns saques em minha conta corrente e em seu própria conta...

— Entendo onde quer chegar — disse Rogério, coçando o queixo. — Então, o senhor acha que foi umacilada para pegar o William?

— Acho.

Por alguns segundos, Rogério estudou a hipótese.

— Senhor Otávio, o senhor sabe onde mora o senador Merch?

— Claro que sim.

— Precisarei de uma autorização do meu superior para fazer uma entrevistinha com o cara... Mas não se preocupe, começarei já a agilizar alguns homens para isso.

Horas depois, algumas unidades de carros policiais pararam em frente à casa da família Merch, mas nada encontraram. Não havia ninguém lá.

Já passava de meia-noite quando uma garota foi encontrada bastante ferida em um terreno baldio próximo a uma favela. Um jovem casal, que passava pelo local, ouviu gemidos e chamou a polícia.

Andréia fora amordaçada, esfaqueada e abandonada naquele local. E, conforme ela mesma explicou aos policiais, fingiu-se de morta, e conseguiu escutar para onde os homens que sequestraram Fred o teriam levado.

Assim que o delegado Rogério foi avisado pelo rádio sobre o suposto local que Fred e William se encontravam, ele imediatamente acionou seus homens e também uma ambulância e seguiu para lá, com Otávio em seu encalço. Todavia, quando chegaram ao local, num galpão abandonado próximo à cidade de Diadema, encontraram Fred chorando sobre o corpo ensanguentado de William.

Fora um alívio para todos descobrir que o menino saíra completamente ileso, apesar de ter também a roupa ensanguentada. Mas William não teve a mesma sorte, seu estado era gravíssimo.

Os primeiros-socorros foram dados ainda no local. Minutos depois, William deu entrada no hospital em estado de coma, e foi levado imediatamente à sala de cirurgia para que fossem retiradas as balas alojadas em seu corpo. Enquanto isso, Rogério, em nome da velha amizade que tinha com os Fraga, foi buscar Margarida e Eloísa.

Sentindo a necessidade de protegerem-se mutuamente, a caminho do hospital, as duas mulheres seguravam a mão uma da outra.

Oh, meu Deus, salve a vida do William, implorou Margarida, enquanto experimentava os sentimentos mais confusos de toda a sua vida, pois se por um lado sentia-se contente por saber que seu filho não sofrera nenhum arranhão, por outro lado sentia-se mergulhada na mais profunda angústia. Afinal, o estado de seu amado era muito grave.

Elas encontraram Fred nos braços de Otávio, e suspiraram de alívio ao constatar que o menino, de fato, estava bem.

— Oh, graças a Deus não fizeram nada com você, meu filho. Graças a Deus!
— disse Margarida, abraçando o menino com força. — Eu tive tanto medo.

Por ainda estar em estado de choque, o menino subitamente desatou a chorar e a dizer:

— O Wil morreu, mamãe. O Wil morreu.

Eloísa desmaiou neste momento. Por isso, depois de medicada, a pedido do

médico, Otávio a levou de volta para casa. Fred também foi junto, após ter sido examinado pelo pediatra.

Margarida permaneceu no hospital, apesar da insistência da enfermeira para que fosse para casa.

— Você não poderá fazer nada por ele. Vá para casa, descanse e volte amanhã.

— Não! Eu não vou sair daqui enquanto não conversar com o médico.

— Mas...

— Eu já disse. Só saio daqui depois que souber sobre o real estado do meu noivo.

Após mais de quatro horas dentro da sala de operação, William foi transferido para a U.T.I. Seu estado ainda era grave, embora a operação tivesse sido bem-sucedida. Margarida orava baixinho quando sentiu alguém tocar em seu ombro.

— Senhorita?

Ela reconheceu imediatamente a voz, mas mal pôde acreditar quando o viu.

— Marcos?!

— Guida?!

— O que...? O que faz aqui?!

— Eu? Eu trabalho aqui.

Marcos mal sabia o que dizer. Não esperava uma surpresa tão agradável no final de seu plantão.

— Podemos conversar em minha sala?

Ainda aturdida, ela seguiu-o.

— O rapaz que foi baleado é teu namorado? — Ele perguntou, assim que entraram na sala.

— É meu noivo.

— Noivo?

— Como... Como ele está?

— Calma, Guida, o estado dele é ainda muito grave. Precisamos aguardar um pouco mais para saber como ele irá reagir à cirurgia.

— Então ele ainda corre risco de morte?

— Sente-se — pediu ele, após se acomodar por trás de sua escrivaninha.

Margarida balançou a cabeça em sinal negativo. Ela não queria sentar. Não queria calmanete. Não queria nada! A não ser saber como William estava.

— Responda à minha pergunta, Marcos. Por favor, eu preciso saber.

Marcos cruzou as mãos sobre a mesa, e decidiu ser tão franco quanto era possível.

— Seu noivo levou três tiros, e um deles, o que atingiu o peito, foi quase fatal. Ele teve muita sorte por ter sido socorrido rapidamente. Caso contrário, não teria sobrevivido.

— Oh, Deus — balbuciou ela.

Marcos observou-a em silêncio por alguns instantes.

— Tu gostas muito dele, não é?

— Eu o amo como jamais pensei amar alguém desde que... Desde que nos separamos.

— E ele te ama o quanto tu o amas?

— Tenho certeza que sim.

Ele levantou e deu alguns passos na direção dela, antes de comentar:

— Rapaz de sorte. Mas eu tenho certeza que ele não te ama como eu te amei... Como eu te amo.

— Você nunca me amou de verdade, Marcos.

Ele fitou-a longamente.

— Não diga isso. Eu jamais amei alguém como te amei.

— E por que nunca me procurou? Por que fugiu se me amava tanto?

Ele continuou a fitá-la.

— Tive medo, Guida. Eu era muito jovem na época e tive medo.

— Quem ama supera o medo.

Ele se aproximou um pouco mais e tentou beijá-la. Ela o empurrou bruscamente.

— O que pensa que está fazendo?!

— Fui um idiota, eu reconheço isso. Mas tu nunca saíste dos meus pensamentos.

— Isso não me interessa mais, Marcos. Eu encontrei alguém que me ama de verdade, que faria tudo por mim... Que não teve medo de me amar.

— Eu vim para São Paulo na esperança de um dia te encontrar...

— Sabia meu endereço — explodiu ela. — Não me procurou porque não quis.

— Não te procurei porque sabia que tu não ias entender. Tive medo mais uma vez.

— Pois fique com o seu medo, Marcos. A mim, isso não importa mais.

Margarida virou-se na intenção de sair da sala, mas ele a agarrou mais uma vez e beijou-a com intensidade. Ela tornou a empurrá-lo e desferiu um tapa em seu rosto. Mas em seguida se arrependeu.

— Desculpe.

— Preciso apenas de uma chance, Guida... Apenas uma chance para provar o meu amor.

— Não, Marcos. Agora é tarde. Eu já amo outra pessoa. — Ela fitou-o nos olhos para ter certeza que realmente não o amava mais, que seu coração pertencia somente a William. — Sinto muito, mas do nosso amor restou apenas...

— Apenas?

— Nosso filho Fred.

O coração de Marcos disparou. E rapidamente lembrou que sua irmã Lígia comentara muitas vezes que a criança era a cara dele. Mas ele nunca havia acreditado que o menino pudesse realmente ser seu filho.

— Meu filho?! Por que nunca me contaste? Tu sempre soubeste o quanto eu

gosto de crianças.

— Porque você nunca me procurou.

— Como ia procurar se não sabia?

— Será, Marcos? Será que você realmente não sabia? Ou será que você teve medo de descobrir a verdade? — O rapaz nada respondeu, e ela continuou: — De qualquer jeito, se um dia quiser vê-lo, sabe onde me encontrar.

Ela virou-se e saiu, enquanto Marcos permaneceu imóvel, sem saber o que falar e nem o que fazer.

Quando Margarida deu por si estava correndo sem rumo pelo corredor do hospital, sentindo-se sozinha e desesperada. Encostou-se na parede fria do corredor e as lágrimas rolaram por sua face sem nenhuma piedade.

Meus Deus, salve a vida do William. Eu já perdi todas as pessoas que mais amava em minha vida. Restaram apenas Fred e William. Não vou suportar perdê-lo. Por favor, não deixe que ele morra.

— Guida...

Ela levantou a cabeça e olhou para Marcos, que estava logo à sua frente.

— Desculpe. Eu não tinha o direito de fazer o que fiz. Eu...

— Deixe-me vê-lo. — Ela suplicou, sem esperar que o rapaz terminasse o que ia falar.

— Não pode. Ele está na U.T.I.

— Por favor, Marcos, eu preciso vê-lo. Sei que ele está precisando de mim.

Marcos a fitou por alguns segundos. Sabia que seria em vão explicar que não podia deixá-la entrar.

— Apenas por um minuto. Tudo bem?

— Obrigada, Marcos.

Ao entrar no quarto de U.T.I. e ver William cheio de tubos pela boca e nariz, Margarida especulou se ele estava sentindo alguma dor, se estava sofrendo por estar daquela forma, se poderia ouvi-la ou sentir que ela estava ali perto.

— Posso ficar um pouquinho a sós com ele? — perguntou.

Após um instante de indecisão, Marcos ordenou à enfermeira que saísse e saiu em seguida.

Margarida passou os dedos com delicadeza sobre a mão de William, acariciando-o, enquanto as lágrimas rolavam por seu rosto. Ele estava assustadoramente pálido.

— Oi, querido... Sou eu, Guida... Será que você pode me ouvir? Eu só queria dizer que te amo e que... — Ela lançou um olhar furtivo para Marcos, que a observava através do vidro externo do quarto — e que se algum dia tive dúvida disso, hoje eu pude ter a certeza que meu coração pertence somente a você.

As lágrimas pareciam sufocá-la agora, mas, antes de se entregar completamente ao desespero, Margarida conseguiu se controlar.

— Você ouviu o que eu disse, meu anjo? Eu amo você, como jamais amei em minha vida. Agora vou cantar uma música que você adora e eu também. E se

você estiver escutando, faça um movimento... Qualquer movimento, querido, apenas para que eu tenha certeza que você não me abandonou e nem vai me abandonar: “Eu sei que vou te amar. Por toda a minha vida, eu vou te amar. Em cada despedida, eu vou te amar. Desesperadamente, eu sei que vou te amar. E cada verso meu será pra te dizer, que eu sei que vou te amar por toda a minha vida. Eu sei que vou chorar, a cada ausência tua eu vou chorar. Mas cada volta tua há de apagar, o que esta ausência tua me causou...”.

— Guida — interrompeu Marcos, repentinamente —, você não pode ficar mais tempo aqui dentro.

— Me deixe apenas mais um momento com ele — implorou ela.

— Eu realmente não posso, Guida. Desculpe.

Ela roçou os lábios suavemente pelas articulações dos dedos de William e murmurou:

— Por favor, querido, não me abone. Eu amo você.

Neste momento, o dedo indicador de William mexeu levemente.

— Oh, meu Deus!

— O que foi? — perguntou Marcos.

— Você não viu? Ele... Ele mexeu o dedo.

Marcos tirou do bolso um minúsculo instrumento e colocou um fino raio de luz nos olhos de William. Em seguida, observou os monitores, a frequência cardíaca, mas não havia nenhum indício de mudança nos sinais vitais.

— Sinto muito, Guida. Deve ter sido apenas impressão tua.

Não foi impressão, garantiu Margarida a si mesma, a caminho do hospital onde Andréia estava internada. Ela precisava acreditar que William sobreviveria. Precisava muito acreditar.

Já passava da sete da manhã e os plantonistas estavam trocando de turno quando Margarida chegou à ala de tratamento intensivo do Hospital Geral de Diadema, mas ela não teve dificuldades em encontrar um médico que lhe falasse da situação de Andréia.

— Como ela está, doutor?

— Ela está bem — respondeu o jovem médico. — É uma menina forte.

— Posso vê-la agora?

— Pode. Mas não deixe que ela fale muito.

— Obrigada, doutor.

Guida entrou no quarto e sentou-se numa cadeira ao lado da cama de Andréia. Em seguida a garota despertou.

— Como você está?

— Mais ou menos — respondeu honestamente Andréia. — E o Fred, como está?

— Ele está bem.

— Guida, não foi culpa minha. Eu...

Margarida colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Eu sei que você não tem culpa.

— Eu tive tanto medo, Guida... Tive tanto medo que eles fizessem algum mal ao Fred.

— Graças a Deus não fizeram nada com meu filho. Porém, quase mataram o William.

— Como assim? — perguntou Andréia com voz rouca.

— Acho que não era a meu filho que eles queriam. Tudo não passou de uma emboscada para pegarem o William.

— Mas por quê?

— Eu não sei. Gostaria muito de saber.

— E ele está bem?

Margarida baixou o rosto e começou a chorar novamente.

— Não sei, Andréia. Sinceramente, eu não sei.

Capítulo Vinte e Quatro

Ele estava bastante nervoso. Sua equipe fracassara e agora ele corria o risco de não receber a segunda parte do valor combinado. Mas estava disposto a completar pessoalmente o serviço. Na verdade, faria toda questão disso, mesmo que não recebesse um níquel para tal. Até porque nada lhe dera mais prazer nos últimos tempos do que a ideia de liquidar com William, para desestruturá-la. Sim, porque sem William por perto, ela se tornaria um alvo fácil, muito fácil. E então ele a pegaria. Sim, porque era a ela que ele queria.

Mas seu plano não dera certo, pensou, irritado, porque estava cercado de um bando de imbecis. Mas tudo bem, disse a si mesmo, e tentou se acalmar. Não faltariam oportunidades para se vingar daquela que um dia o enfiou atrás das celas. Era apenas uma questão de tempo, de esperar um pouco mais para fazê-la pagar por todas as humilhações que sofrera na cadeia, inclusive por ter sido usado pelos outros presos como se fosse uma prostituta.

E quando ele a pegasse, pensou Carlos Reitch, que estava foragido da cadeia e agora era conhecido como “Galego” — um apelido dado pelos ex-companheiros de cela por causa da sua pele muito alva —, ela sentiria tanta dor que suplicaria pela morte. Mas obviamente a morte só viria depois que ele usasse e abusasse daquele corpo esguio, que o fazia excitar só de pensar.

Usando documentação falsa e com visual completamente modificado, nem mesmo Margarida o reconheceria. E nem o “Comandante”, como era conhecido Mauro Merch entre os traficantes, poderia sequer supor que Carlos estava se aproveitando daquela situação inusitada para fazer uma vingança pessoal, unindo, como diria o velho ditado, o útil ao agradável. Receber tanto dinheiro para fazer o trabalho apenas aumentara seu prazer de vingar-se de sua enteada.

Por um instante, Carlos lembrou de como conhecera o Comandante... Havia fugido da cadeia durante uma rebelião em que muitos outros detentos também fugiram, e mudou-se para São Paulo, onde trocou toda a sua documentação e visual. Logo em seguida, procurou por Moreno, um ex-colega de cela, e junto ao mesmo passou a trabalhar com tráfico de drogas. Dois meses depois, Galego foi apresentado ao Comandante. Poucos conheciam a verdadeira identidade do Comandante, apenas um pequeníssimo grupo de pessoas, os chefes do tráfico, que antes se reportavam a José Luiz Merch. Mas Mauro precisava de um “servicinho especial”: eliminar um promotor que insistia em não desgrudar de seu pé.

A intenção era utilizar um “novato” para o serviço e logo depois apagá-lo, mas Carlos fora muito mais esperto do que o Comandante imaginara, fez o serviço sem deixar qualquer rastro e, ainda por cima, acabou com o cara contratado para fazê-lo desaparecer. Daí por diante, Galego conquistou a confiança de Mauro e passou a trabalhar diretamente para ele, exercendo o papel de subcomandante, papel esse que era exercido por José Luiz Merch,

antes da prisão. E em menos de um ano adquiriu dinheiro suficiente para se aposentar para o resto de sua vida, mas descobriu que era mais ambicioso do que pensava que poderia ser, e isso fez com que submergisse cada vez mais no submundo do tráfico de drogas.

Porém, agora Carlos estava com muito medo, pois cometera uma falha muito grande. O Comandante não perdoava esse tipo de coisa, e cobrava um preço muito alto para quem cometia falhas como aquela. Decidiu então que não se mostraria abalado. Ao contrário, se mostraria confiante para tentar impressionar, pois se mostrasse medo, com certeza, seria muito pior.

Dias seguidos tentou contato com Mauro Merch, através de uma linha particular, mas não conseguiu. Por isso, resolveu ligar para o escritório.

— Senador Merch, uma pessoa que diz se chamar Galego está na linha um — anunciou a secretária. — O senhor pode atendê-lo?

Mauro ficou vermelho como um tomate maduro, mas a voz se manteve tão calma quanto a águas de um lago.

— Pode passar, senhorita Claudia.

Ele esperou o clique no fone.

— Galego, não lhe disse que não poderia ligar para cá?

— Ora, chefe — retornou Carlos com ironia —, cansei de ligar para seu telefone particular e só caía na secretária eletrônica. Deixei vários recados e não obtive nenhum retorno.

Mauro Merch não deu a mínima atenção à reclamação.

— E o que você quer?

— Liguei para saber quando poderei receber o restante do valor combinado.

— Acho que não lhe devo mais nada; afinal, o serviço não saiu conforme combinado. Não é mesmo?

— Não brinque comigo, chefe — disse Carlos. — O trabalho foi feito. Não tenho culpa se esse tal de William tem sete vidas. Mas isso não é nenhum problema, posso completar o serviço depois.

— E quem me garante que da próxima vez o serviço será feito direito?

— Eu garanto.

— Você? — risos. — Não acho que tenha competência para isso.

— Como não? Já lhe disse que pode confiar em mim. Faça questão de terminar o serviço, e desta vez garanto que nada sairá errado.

— Quero que termine o serviço imediatamente. Do contrário, não receberá nem mais um níquel.

A voz de Mauro Merch era calma, muito calma; na verdade, perigosamente calma. E até seu sorriso era ameaçador. Em resposta, Carlos estava igualmente firme. Não poderia mostrar medo, embora um frio gelado escorresse por sua coluna neste momento.

— Não estou para brincadeira. E posso lhe garantir, caso o dinheiro não seja depositado amanhã mesmo em minha conta, que...

— Por acaso você está me ameaçando?

- É o que parece — respondeu Carlos, seco.
- Seu dinheiro estará liberado amanhã pela manhã.
- Não tente me enganar, chefe.

O frio agora aumentou, arrepiou toda a pele. Carlos sabia que o Comandante não se envergaria tão fácil. Era um homem perigoso. E o simples fato de ele não discutir era assustador o suficiente. Por isso, mais uma vez, Carlos demonstraria não estar com medo.

— Lembre-se que eu não tenho nada a perder, nem minha liberdade eu tenho, mas o senhor poderá perder muito.

Mauro Merch desligou o telefone sem nada responder. Em sua expressão, um misto de ódio e tranquilidade aterrorizantes. Ficou durante alguns minutos com os olhos penetrados no vazio do teto da sala, depois riu alto, muito alto, com seus próprios pensamentos.

Será que realmente não tem nada a perder? Será?

Dois dias depois, um corpo fora encontrado completamente desfigurado em um terreno baldio.

Na semana seguinte, o delegado Rogério conseguiu prender um dos elementos envolvidos no sequestro de Fred. Andréia tinha visto a placa do carro e, através dessa informação, o delegado conseguiu chegar até Marcelo, conhecido como Marcelinho.

Marcelinho acabou entregando os demais companheiros, e esses acabaram revelando que tinham sido contratados por um cara chamado Galego. Mas nenhum deles soube informar o verdadeiro nome do tal de Galego, e isso dificultava muito a investigação. Além disso, Galego havia sumido misteriosamente. O delegado Rogério também não conseguiu nenhuma pista que pudesse incriminar Mauro Merch.

Apesar disso tudo, Rogério permanecia relutante em sua investigação, embora, no fundo de seu coração, temesse duas coisas: não conseguir nenhuma prova contra Mauro Merch ou acabar sendo assassinado, caso chegasse a conseguir alguma prova.

Enquanto isso, Margarida se desdobrava entre um hospital e outro. Por isso, foi um alívio muito grande quando, duas semanas depois, Andréia recebeu alta e William foi liberado da U.T.I.

— Oi, querido. Como você está se sentindo?

Na verdade, William se sentia péssimo, mas ainda encontrou forças para brincar.

— Ainda não estou na minha melhor forma, mas estou pensando seriamente em pular por aquela janela e fugir daqui.

Margarida sorriu, enquanto tirava da bolsa um aparelho de barbear descartável e mais alguns objetos.

— A não ser que você tenha adquirido superpoderes após a cirurgia, aconselharia a não pensar nisso. Afinal, estamos no quinto andar. Além disso, seus pais medisseram que conseguiram autorização para transferi-lo para o

Albert Einstein, onde passará a ser acompanhado pelo doutor Henrique.

— Isso significa que terei vigilância vinte e quatro horas por dia?

— Hu-hum. Agora fique quieto para que eu faça sua barba.

— Você tem certeza que sabe fazer isso?

— As enfermeiras insistiram que este era um serviço delas — respondeu Margarida, antes de encher o rosto dele de creme de barbear. — Mas você acha mesmo que eu perderia essa oportunidade?

Ele sorriu suavemente.

— Não tem o direito de se aproveitar de um homem indefeso.

— Você fala demais — resmungou ela. — Acho que da próxima vez vou pedir para o médico sedá-lo antes.

Capítulo Vinte e Cinco

Um mês depois, William já se apresentava verdadeiramente bem e ia receber alta, mas como ficou muito emocionado quando soube que o casamento tinha sido cancelado, o médico adiou a alta para o dia seguinte.

Eloísa procurou contar-lhe com toda calma que, devido às circunstâncias, foi obrigada a cancelar a cerimônia. O rapaz, porém, não se conformou. Achou que a mãe devia ter falado com ele, antes de tomar qualquer providência.

Margarida tentou acalmar o noivo, pois reconhecia que Eloísa havia feito o que foi preciso. Quando William foi baleado, a sogra foi a única pessoa que manteve capacidade emocional suficiente para comunicar os convidados, desmarcar a viagem de lua-de-mel e tudo o mais que se fez necessário. Portanto, ela não podia de maneira alguma condená-la; pelo contrário, tinha muito a agradecer. Mas embora reconhecesse que a sogra havia feito o que talvez qualquer pessoa fizesse naquela situação, não conseguia tirar de seu coração a mágoa de ter sido comunicada somente depois que as providências haviam sido tomadas.

Margarida não desejava transparecer que tinha ficado aborrecida com as atitudes da sogra, mas foi inevitável. Não somente Eloísa como Otávio também percebeu que a moça estava profundamente chateada. Foi nesse instante que Otávio resolveu fazer uma surpresa para o filho e para a nora. Estava ciente de que William não poderia ter sua lua-de-mel e nem sequer viajar, pelo menos por enquanto, mas isso não o impedia de...

11 de Maio de 1997 — Domingo...

Eloísa ligou logo cedo para Margarida, dizendo que Otávio amanhecera com forte dor de cabeça e por isso não iriam ao hospital. Apesar de achar aquilo estranho, Margarida nada comentou, apenas pegou o próprio carro e seguiu sozinha para buscar William. Ainda estava bastante chateada por tudo o que acontecera, mas tentou não deixar transparecer.

No caminho para casa, no entanto, William comentou:

— Se minha mãe não tivesse cancelado o casamento, a essa hora nós estaríamos casando.

Margarida não queria de forma alguma tocar no assunto, não queria sequer pensar no assunto, por isso fingiu prestar atenção no trânsito. Mas nem ao menos percebeu quando o sinal fechou.

— Você acabou de passar um sinal vermelho — avisou William, e em seguida sorriu. — Desse jeito vai levar umas dez multas até chegarmos em casa.

— Jura que eu passei um sinal vermelho? — perguntou ela, ligeiramente embaraçada. Depois deu de ombro e também sorriu. — Ainda bem que não tinha guardas por perto.

A brincadeira ajudou a descontrair um pouco, mas ambos tornaram a ficar aborrecidos quando chegaram ao portão de casa e perceberam um estranho

movimento de carros no local. Tudo o que queriam era um pouco de tranquilidade.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou William para um dos seguranças, que abria o portão.

— Não, doutor William — disse o rapaz, após trocar um olhar discreto com o companheiro. — Por que está perguntando isso?

William apontou para frente. Havia também um movimento estranho ali.

— Temos visita, João?

— Alguns parentes vieram vê-lo, doutor.

William deixou escapar um longo suspiro, antes de comentar baixinho com Margarida:

— Não estou com a menor disposição para isso.

— Calma, meu amor, isso é um sinal de que as pessoas gostam de você — disse ela com um sorriso, para tentar animá-lo.

— É, pode ser — respondeu ele, nada animado.

Assim que Margarida estacionou o carro, Andréia veio correndo ao seu encontro e a puxou pelo braço.

— Venha comigo!

— Pra onde? — perguntou Margarida, após lançar um olhar assustado para William. — Aconteceu alguma coisa?

Sem nada responder, Andréia continuou puxando seu braço. Então Margarida achou melhor acompanhar a garota, antes que ela arrancasse a manga de sua blusa.

— Por Deus, o que está acontecendo? Por que está com tanta pressa?

Ainda em silêncio, Andréia arrastou-a até um quartinho nos fundos da casa, onde havia várias mulheres à espera.

— Mas, afinal, o que está acontecendo?! — perguntou Margarida, cada vez mais assustada e irritada.

Eufórica, a garota trancou a porta do quarto e finalmente respondeu:

— Você irá se casar!

— O quê?!

Meia hora depois...

— Você está esplêndida! — comentou com entusiasmo uma das mulheres, após terminar de fazer uma trança longa nos cabelos de Margarida e virar o espelho em sua direção.

Emocionada, ela se viu envolta por um vestido de seda e rendas delicadas.

— Nem pense nisso! — disse a cabeleireira, quando as lágrimas começaram a brilhar nos olhos de Margarida. — É proibido chorar.

Ela tentou conter as lágrimas enquanto a cabeleireira colocava uma coroa de pequeninas flores naturais em seus cabelos, mas quase não conseguiu se controlar quando a porta fora aberta e Fred apareceu com um buquê de flores

nas mãos e vestido a caráter.

— Oh! Como você está lindo, meu querido!

Ele entregou o buquê para ela.

— Você também está linda, mamãe.

Com as pernas tremendo e o coração a mil, Margarida seguiu o filho até a sala de estar, onde fora montado um pequeno altar e vários familiares e amigos mais próximos já aguardavam.

Fred se posicionou na frente de Margarida e lentamente a guiou em direção ao altar improvisado, onde William, de dinner branco com detalhes azuis claros, já aguardava com olhar atento e emocionado. Tão emocionado que mal conseguia respirar. Ela também mal conseguia respirar, enquanto caminhava em direção ao grande amor de sua vida.

E alguém tocava no piano uma melodia que os deixou ainda mais emocionados. Mas ambos controlaram-se para não chorar. Afinal, aquele era o dia mais feliz de suas vidas.

*"Eu sei que vou te amar,
Por toda a minha vida eu vou te amar...."*

Enquanto isso...

Plantões jornalísticos de todo o país informavam que o senador Mauro Merch havia sido encontrado morto em sua mansão.

Informações contraditórias começaram a ser divulgadas: algumas diziam que ele havia se suicidado, outras diziam que ele teria sido assassinado.

Havia apenas uma certeza em tudo isso, a de que o delegado Rogério apenas aguardava ordens de seu superior para efetuar a prisão de Mauro Merch, que estava sendo acusado de tráfico de drogas e assassinato.

Epílogo

A história que você leu é apenas uma obra de ficção. ENTRETANTO... Segundo a Anistia Internacional, com bases em dados da ONU (Organização das Nações Unidas), da OMS (Organização Mundial da Saúde) e de organizações governamentais e não-governamentais, em relatório divulgado em 05/03/2004:

- Em todo o mundo, um quinto das mulheres foi vítima de estupro ou de tentativa desse tipo de crime. E a prática se transformou até mesmo em uma arma de guerra.
- Mais de um bilhão de mulheres - uma em cada três - foram espancadas, forçadas a manter relações sexuais ou sofreram outro tipo de abuso, quase sempre cometido por amigo ou parente.
- Na África do Sul, um mito diz que para um homem se curar da AIDS, tem de ter sexo com uma virgem, e que quanto mais jovem for a virgem mais potente é a cura. Isso acarreta no estupro de 147 mulheres todos os dias.
- Nos EUA, uma mulher é estuprada a cada 90 segundos.
- Na França, 25 mil mulheres são estupradas por ano.
- As mulheres latinas, particularmente as brasileiras e argentinas, são as mais expostas a crimes sexuais no mundo. A América Latina registra os mais altos índices de crimes sexuais. Cerca de 70% dos casos de violência sexual são estupros, tentativas de estupro e outras agressões sexuais.
- No Brasil, a OMS constatou que 10% das mulheres na área urbana e 14% na área rural já foram forçadas fisicamente a ter relações sexuais quando não queriam, ou forçadas a práticas sexuais degradantes ou humilhantes por medo do que o parceiro pudesse fazer. Mas, segundo a Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), apenas 10% dos casos de estupro são registrados na polícia.

Quer conhecer um pouco mais do trabalho da autora?

Então, visite seu blog:

<http://janethefontes.blogspot.com.br/>

ou

Siga-a nas redes sociais:

<http://www.twitter.com/Janethefontes>

<http://www.facebook.com/JanetheFontes>

Notas

AVC: Acidente Vascular Cerebral ([voltar ao trecho](#))